

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA

JOÃO MAURICIO MARTINS PRIETSCH

**“OS VIVOS SÃO SEMPRE E CADA VEZ MAIS GOVERNADOS PELOS
MORTOS” : FAZENDO DO CEMITÉRIO UMA FERRAMENTA DE ESTUDOS
PARA O ENSINO MÉDIO**



PORTO ALEGRE

2018

CIP - Catalogação na Publicação

Prietsch, João Mauricio
"OS VIVOS SÃO SEMPRE E CADA VEZ MAIS GOVERNADOS
PELOS MORTOS": FAZENDO DO CEMITÉRIO UMA FERRAMENTA DE
ESTUDOS PARA O ENSINO MÉDIO / João Mauricio Prietsch.
-- 2018.
151 f.
Orientador: Cesar Augusto Barcellos Guazzelli.

Dissertação (Mestrado Profissional) -- Universidade
Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em
História, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Ensino de História. 2. Cemitério . 3. Patrimônio
. 4. Memória. I. Barcellos Guazzelli, Cesar Augusto,
orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

JOÃO MAURICIO MARTINS PRIETSCH

**“OS VIVOS SÃO SEMPRE E CADA VEZ MAIS GOVERNADOS PELOS
MORTOS”: FAZENDO DO CEMITÉRIO UMA FERRAMENTA DE ESTUDOS
PARA O ENSINO MÉDIO**

Texto apresentado como requisito para a
titulação no Mestrado Profissional em
Ensino de História, pelo programa de Pós-
Graduação da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Cesar Augusto Barcellos Guazzelli

Porto Alegre

2018

JOÃO MAURICIO MARTINS PRIETSCH

**“OS VIVOS SÃO SEMPRE E CADA VEZ MAIS GOVERNADOS PELOS
MORTOS”: FAZENDO DO CEMITÉRIO UMA FERRAMENTA DE ESTUDOS
PARA O ENSINO MÉDIO**

Texto apresentado como requisito para a
titulação no Mestrado Profissional em
Ensino de História, pelo programa de Pós-
Graduação da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul.

Defendido em: 26/11/2018

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Cesar Augusto Barcellos Guazzelli (Orientador)
UFRGS

Profa. Dra. Carmem Zeli de Vargas Gil
UFRGS

Profa. Dra. Caroline Pacievitch
UFRGS

Profa. Dra. Maria da Glória de Oliveira
UFRRJ

Porto Alegre

2018

“Revertere ad loco tuum”. (Frase em Latim, que significa: “Volte para o seu lugar”, situada no frontão do Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre).

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Deus pelo dom da vida, e ao povo do Brasil, que, com o suor do seu trabalho, consegue, apesar dos constantes ataques que a educação nacional vem sofrendo, manter esta universidade pública, laica, gratuita e de qualidade. Ao Movimento Cenáculo de Maria, que foi, e continua sendo a minha família. Obrigado por me ajudar a ser um Cristão melhor.

Também lembro e me sinto grato por todos os professores do Mestrado da UFRGS, que me ajudaram, dando ideias de como fazer, mais e melhor, esta dissertação. Em especial, ao professor Cesar Augusto Barcellos Guazzelli, que, como orientador, soube ser bastante pontual nas suas palavras e, também, paciente com minha ansiedade de ver as coisas andarem. Nunca vou esquecer da frase: “Escreve tudo o que tu leste e tudo o que tu já sabes!”

Não posso esquecer, também, de dois colegas de graduação, que, além disso, viraram amigos, colegas de magistério e testemunhas civis do meu casamento. Pelos churrascos, bebedeiras e piadas, obrigado a Newton Colombo (Bonewton) e Rodrigo Woloski (Titio). A minha terapeuta Fernanda, pela sua dedicação profissional, para este humilde ser humano de mente enlutada.

À Escola Estadual de Ensino Médio Roque Gonzáles, ficam meus agradecimentos, em especial aos colegas, à direção e aos alunos do terceiro ano de 2017. Aos colegas, pelas horas de debates sobre educação e as risadas do intervalo e, também, aos “recreios estendidos”, regados a guloseimas da Márcia, nossa cozinheira. À direção, por ter me dado suporte, estímulo e finanças para deslocamento até o cemitério. E aos alunos, por terem embarcado na minha pirada de ideias de levá-los aos altos da Avenida Oscar Pereira.

Entretanto tudo isso não teria o começo se não fosse a minha entrada, lá na distante graduação, pelos idos de 2006, no Grupo de Pesquisadores Cemiteriais da PUCRS. Nunca vou esquecer das pesquisas em Antônio Prado (onde cai numa tumba aberta), em Bagé (quilômetros numa ambulância até chegar na cidade), em São Gabriel (apresentação de trabalho na URCAMP), em Cambará do Sul (muita maçã e cânions) e a insolação de Viamão (Nossa!). Aqui vai também um agradecimento, em especial, ao professor Harry Rodrigues Bellomo, que além de professor, pesquisador, amigo, também é o cara que organiza esse bando de doido

“caça fantasmas”, como éramos conhecidos na Faculdade de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Agora vem a parte dos sentimentos mais aflorados, e que pelas circunstâncias me levam às lágrimas. Sim, tive que respirar fundo...

Quero agradecer ao meu pai, que mesmo doente de câncer no pulmão, abalado e deprimido, foi lá e disse: “Toca ficha!”. Só poderia dizer: “Te amo, Pai!”.

Para mim, foi um luto diário, ter que vê-lo sofrendo, morrendo aos poucos, e não poder fazer nada, nada além do humanamente possível! Quando, entre uma ida e vinda do hospital e da oncologista, eu ficava pensando no mestrado e no trabalho da escola.

Infelizmente, ele não viveu para ao menos ver eu terminar mais essa etapa. O que mais me deixa estarrecido, é que meu trabalho versa, justamente, sobre um tema que todos passarão ou já passaram, que é a morte! Seria eu, ironicamente, objeto da minha própria pesquisa? Ainda não tenho resposta sobre isso.

Outra pessoa que desde muito pequeno me estimulou a estudar e sempre dizia: “Guri, faz teu mestrado!”, foi minha mãe. Ela, sim, é muito especial. Enquanto, por vezes, eu me ausentava para trabalhar ou tocar este projeto, ela, no seu silêncio, como toda mãe, cuidava do meu pai e da minha irmã, que também está sofrendo tanto quanto eu com a morte de nosso pai. Amo vocês!

Por fim, e não menos importante, as três pessoas que a vida me deu e que cuidou mais do que minha própria saúde. Minha esposa, Ana Paula, e minhas filhas do coração, Rafaella e Maria Antônia (recém-nascida). Obrigado por aturarem minhas neuras, anseios, cansaço e minha, momentânea, antissociabilidade. Obrigado pelas vezes que tive que deixar a casa suja, a louça para outro dia, justamente, para poder escrever estas linhas. Também amo vocês!

RESUMO

Este trabalho procurou apresentar a utilização das necrópoles como uma ferramenta de estudos para a disciplina de História, voltada para os alunos de Ensino Médio. O presente trabalho fez uma relação entre cemitério, patrimônio e educação. Para tal projeto, usamos como foco de pesquisa o Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, para explicar o que foi visto em sala de aula, pelos alunos do 3º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Roque Gonzáles, cujo conteúdo estudado foi a chamada “Primeira República”, período este que, entre outros fatores, era caracterizado pela filosofia positivista, do pensador francês Augusto Comte, momento histórico em que o Brasil necessitava de Heróis nacionais e regionais para se firmar, segundo os Historiadores, como uma República. Aqui no Rio Grande do Sul, entre tantas lideranças: Destacamos: Júlio de Castilhos, Borges de Medeiros e Pinheiro Machado, entre outros. Nosso trabalho procurou retomar os estudos do período, já mencionado, relacionando o que é visto em sala de aula (contexto histórico), com as pessoas que estão enterradas no cemitério. Além disso, buscou enfatizar a importância da necrópole em ser um “museu à céu aberto”. Trabalhando a questão da Memória e Patrimônio Histórico.

Palavras-chave: Ensino de História. Cemitério. Patrimônio. Memória.

RESUMEN

Este trabajo trató de presentar la utilización de las necrópolis como una herramienta de estudios para la disciplina de Historia, dirigida a los alumnos de Enseñanza Media. El presente trabajo hizo una relación entre el cementerio, el patrimonio y la educación. Para tal proyecto, usamos como foco de investigación el Cementerio de la Santa Casa de Misericordia de Porto Alegre, para explicar lo que fue visto en el aula, por los alumnos del 3º año de la Enseñanza Media de la Escuela Estatal Roque González, cuyo contenido estudiado fue que se ha convertido en una de las más antiguas de la historia de la humanidad. Aquí en Rio Grande do Sul, entre tantos líderes: Destacamos: Júlio de Castilhos, Borges de Medeiros y Pinheiro Machado, entre otros. Nuestro trabajo buscó retomar los estudios del período, ya mencionado, relacionando lo que se ve en el aula (contexto histórico), con las personas que están enterradas en el cementerio. Además, buscó enfatizar la importancia de la necrópolis en ser un "museo a cielo abierto". Trabajando la cuestión de la Memoria y Patrimonio Histórico.

Palabras clave: Enseñanza de Historia. Cementerio. Equidad. La memoria.

LISTA DE SIGLAS

ABEC - Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais

ANPUH - Associação Nacional dos Pesquisadores de História

CHCSCMPA - Centro Histórico Cultural da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre

CSCMPA - Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre

EUA - Estados Unidos da América

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional

PUCRS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

RS - Rio Grande do Sul

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 CEMITÉRIO, MUSEU, PATRIMÔNIO E EDUCAÇÃO	16
2.1 CEMITÉRIO E MUSEU, IDEIAS SINÔNIMAS	16
2.2 PATRIMÔNIO HISTÓRICO E MEMÓRIA	24
3 ESTUDOS CEMITERIAIS DE PHILIPPE ARIÈS E O GRUPO DE PESQUISA DA PUCRS	30
3.1 OS CEMITÉRIOS EUROPEUS NA VISÃO DE PHILLIPP ARIÈS.....	30
3.2 O GRUPO DE PESQUISA CEMITERIAL DA PUCRS	36
3.2.1 Bagé.....	36
3.2.2 Viamão.....	40
3.2.3 Antônio Prado.....	44
3.2.4 Cambará do Sul	46
4 A PRÁTICA PEDAGÓGICA	488
4.1 O PRODUTO.....	488
4.2 MUSEU TRADICIONAL x MUSEU INTEGRAL.....	51
4.3 PRÁTICAS SIMILARES	56
4.4 OS SILÊNCIOS DOS QUE NÃO FORAM	61
4.4.1 O Pertencimento às Religiões de Matriz Africana	644
4.4.2 A Cremação	65
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	699
REFERÊNCIAS	732
ANEXO A - ROTEIROS DE VISITAÇÃO GUIADA AO CEMITÉRIO DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE PORTO ALEGRE	76
ANEXO B - FOTOS DAS CARTOLINAS PRODUZIDAS PELAS TURMAS ANTERIORES AO PROJETO (2016)	84
ANEXO C - FOTOS REFERENTES AOS TRABALHOS DOS ALUNOS DO PROJETO (2017)	91
ANEXO D - FOTOS REFERENTES AOS CEMITÉRIOS CITADOS NO SEGUNDO CAPÍTULO	102
ANEXO E - IMAGEM DE “LA CATRINA”, JOSÉ POSADA	126

ANEXO F - CARTA DE SANTIAGO	127
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DE PESQUISA.....	133
APÊNDICE B - ENQUETE DE PESQUISA	134
APÊNDICE C - POWER POINT (AULA 1)	135
APÊNDICE D - POWER POINT (AULA 2)	143

1 INTRODUÇÃO

Ao entrarmos em sala de aula para trabalharmos a disciplina de História, seja ela no Ensino Fundamental ou no Ensino Médio, algumas respostas dadas por nossos alunos, baseadas no senso comum, são de que a disciplina de História trabalha com o passado da humanidade. Outra resposta bem corriqueira é de que a História trabalha com grandes personalidades do passado, que deixaram algo de importante para as sociedades.

Diante de tais questionamentos presentes no contexto da Educação Básica, este projeto tem como objetivo a identificação do cemitério como fonte de memória e história de uma sociedade ou um grupo social em determinado período; bem como compreender que o cemitério é um museu a céu aberto, onde podemos ver representadas, *post mortem*, as personalidades históricas, a maneira como elas pensavam, através da análise dos epitáfios ou pelas esculturas tumulares; por fim, buscar, na pesquisa cemeterial, uma ferramenta importante no ensino de História para a Escola Básica.

Também é importante ressaltar que este projeto abará, de maneira indireta, a questão do envolvimento religioso das famílias e as suas relações com a morte, as concepções que diferenciam cada grupo familiar, como cada pessoa encara a morte. Ou seja, se de fato existe vida após a morte ou não. Afinal de contas, a morte está presente no imaginário coletivo, porém, por medo, aversão ou qualquer outro sentimento que afaste as pessoas da reflexão do que acontece conosco após a nossa passagem terrena, essa é deixada de lado e não acontece. Tendo isso em vista, faremos um levantamento, entre os alunos e seus familiares, para saber qual é a relação que se têm com a morte.

Juntamente com um estudo sobre ritos sociais da morte, poderemos fazer uma reflexão sobre o envolvimento e o grau de entrosamento que cada componente familiar tem com a religião praticada ou não praticada pelos seus pares.

No entanto, o fato é que, na maioria das turmas, com raras exceções, o pensamento da disciplina é estendido à pesquisa através dos livros como ferramenta de trabalho. Isso ocorre, creio eu, pela limitação de algumas escolas, principalmente as escolas públicas, onde os recursos são mais restritos, fazendo com que a pesquisa da chamada História Patrimonial fique relegada a um segundo, terceiro ou

quarto plano. Usando essa perspectiva, pensamos contribuir para nossa área de conhecimento, fazendo com que o alunado reflita sobre a História Patrimonial a partir dos cemitérios.

A partir da entrada na graduação da PUCRS, no curso de História, acabei conhecendo o Grupo de Pesquisa Cemeterial do professor e mestre Harry Rodrigues Bellomo, o qual, desde a década de 1980, já pesquisava esse tema. E, diga-se de passagem, no Rio Grande do Sul, foi o pioneiro nessa frente, com sua dissertação de mestrado. Desde então, outras pessoas pesquisam na área, como o Prof. Dr. Thiago Nicolau de Araújo, o Prof. Esp. Daniel Teixeira Meirelles, passando pela Prof^a Dr^a Vera M. Barroso.

No Brasil, o Prof. Dr. Clarival Valladares (1972) foi quem iniciou a pesquisa cemeterial, na década de 1970. Com o aprofundamento dos estudos em cemitérios, foi criada a Associação Brasileira dos Estudos Cemeteriais (ABEC) que, a cada dois anos, organiza um encontro desses pesquisadores em universidades. Contudo, esses pesquisadores e outros que vierem a ser citados neste projeto de pesquisa são voltados para o campo acadêmico, na sua maioria. Ou seja, poucos estão fazendo essa abordagem para a História no Ensino Básico, focando o cemitério como ferramenta de trabalho, embora se tenha a dimensão de que alguns professores usam a necrópole como ferramenta de trabalho no campo do Ensino Básico, mas não registram seus métodos de pesquisa, ou não o fazem de forma mais regular, dificultando o estudo dessa área.

Retomando a ideia inicial, de que o cemitério¹ é uma fonte histórica de estudo e pesquisa, o professor da PUCRS, Harry Bellomo, em seu livro “Estatuária e Funerária”, afirma que:

Os cemitérios reproduzem a geografia social das comunidades e definem as classes locais. Existe a área dos ricos, onde estão os grandes mausoléus; a área da classe média, em geral, catacumbas na parede; e a parte dos pobres e marginais. (BELLOMO, 1988, p. 13)

Com essa percepção, o professor Bellomo afirma que, mesmo depois da morte dos indivíduos, o cemitério serve como uma forma de análise social e

¹ Cemitério é o lugar onde são sepultados os cadáveres. A palavra “cemitério” (do latim tardio *coemeterium*, derivado do grego *κοιμητήριον* [*kimitírion*], a partir do verbo *κοιμάω* [*kimáo*] “pôr a jazer” ou “fazer deitar”) foi dada pelos primeiros cristãos aos terrenos destinados à sepultura de seus mortos.

econômica das sociedades. Ainda segundo ele, a morte igualitária existe só nos discursos, pois, na realidade, a morte acentua as diferenças sociais.

E os escritos do professor Bellomo (2008, p. 14) afirmam também que:

Através dos túmulos, podemos verificar o potencial econômico da cidade nas suas várias fases. Sepulturas pobres revelam fases menos prósperas, sepulturas ricas revelam fases de crescimento econômico.

Dessa forma, através da pesquisa cemiterial, fica evidenciada a projeção da sociedade no que tange seus valores, crenças, estruturas políticas e ideológicas. Aproveitando-me desse conhecimento produzido dentro do campo acadêmico é que pretendo ampliar esse leque de pesquisa e trazer à tona estes e outros questionamentos para o Ensino Básico.

Ainda me situando no campo da pesquisa, o trabalho de campo envolverá, de forma indireta, a visão do alunado da escola onde trabalho, sobre a morte, o que, portanto, dialogará com áreas do campo religioso, ou seja, com a visão da morte que cada família tem, baseando-se no conceito de religião ou religiosidade que cada aluno ou familiar demonstra a respeito, assim como isso reflete nos cemitérios e na vida cotidiana. Desse modo, poderemos acompanhar isso nas sepulturas pesquisadas pelos alunos e em qual reflexão trazem para eles, sendo membros de um determinado seguimento religioso ou não, também oportunizando ao aluno-pesquisador refletir e pensar: Será que esta ou aquela sepultura, que tem uma conotação religiosa, de fato nos remete à fé que o morto expressava em vida, ou simplesmente existia ali um apego a uma perspectiva de vida pós-morte, mas sem muita certeza de que isso exista?

É essa visão que pretendo trabalhar, ou seja, da História que forma um sujeito questionador, da escola que faz, pois, segundo Paulo Freire, o aluno sujeito da sua própria história, participe de um contexto político, social e econômico, isto é, que o aluno seja parte atuante dessa engrenagem. Portanto, para formar bons cidadãos, a escola tem de ser plural e questionadora: e plural no sentido amplo, em que, por exemplo, o aluno possa sair de sala de aula e enriquecer o seu conhecimento e questionar-se quanto ao seu papel na sociedade da qual ele faz parte.

Por fim, apresento os **objetivos da pesquisa**, que, em linhas gerais, são:

- analisar o cemitério como um patrimônio histórico, fazendo com que se busque nele uma ferramenta de auxílio para se estudar o passado;
- retomar os estudos históricos com base no que é visto em sala de aula pelos alunos do Ensino Médio;
- comparar os modelos culturais, políticos, sociais e econômicos analisados em aula, com o que é nos apresentados no cemitério, através das lápides, esculturas e simbologias.

2 CEMITÉRIO, MUSEU, PATRIMÔNIO E EDUCAÇÃO

2.1 CEMITÉRIO E MUSEU, IDEIAS SINÔNIMAS

Neste capítulo, abordaremos a pesquisa cemiterial como um museu a céu aberto, e como podemos trabalhar a questão do campo santo² como um local do patrimônio histórico de uma cidade, estado ou nação. Além disso, faremos uso das concepções do cemitério como um lugar de memória, na ideia factual de que as pessoas que são enterradas nos campos santos, através da estatuária, dos epitáfios e demais imagens, querem, propositadamente, deixar algum registro a ser apreciado pelas gerações posteriores.

A justificativa inicial, como bem disse na introdução desta dissertação, veio através do trabalho de Harry Rodrigues. Bellomo, que, na década de 1980, deu início às pesquisas cemiteriais aqui no Rio Grande do Sul e cujo trabalho gerou alguns frutos, entre eles o grupo de pesquisa cemiterial da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e um livro intitulado: “Cemitério do Rio Grande do Sul (Arte-Sociedade e Ideologia)”, o qual afirma que o cemitério acaba se tornado *um museu a céu aberto*³, entre outros fatores, porque se trata de:

Um reproduzidor da geografia social das comunidades e definidores de classes sociais. Existe a área dos ricos, classe média e pobres [...]. As inscrições, símbolos, estátuas, pinturas nos mostram a religiosidade e sua ideologia, tornando-os verdadeiros museus a céu aberto. (BELLOMO, 2008, p. 13)

Dessa maneira, podemos lançar mão das comparações entre os museus históricos convencionais e os cemitérios. Ou seja, o que são os museus se não a representação do passado, através dos seus objetos expostos ao público? A grosso modo, também podemos interpretar a necrópole dessa forma. Sendo assim, as inscrições simbólicas são as exposições do morto sobre o presente momento ou período da sua morte, as quais deixam, para as gerações futuras, a apreciação de todas essas formas já passadas. Mais especificamente, veremos, nos próximos

² Usarei essa expressão por ser ela um sinônimo de cemitério, assim como necrópole, mas vale lembrar que é mais correto utilizá-la mediante um cemitério católico, cabendo isso ao Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, que é mantido pela Arquidiocese de Porto Alegre.

³ Expressão usada por Harry R. Bellomo para os cemitérios, no sentido de comparação entre a necrópole e os museus históricos convencionais. Ambos apresentam exposições do passado, tornando os objetos passíveis de museália, para apreciação do público.

capítulos, como isso se reflete no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre (CSCMPA)⁴.

Dessa relação de comparação e justificativa é que podemos avançar no tema cemitério-patrimônio-educação. Ao fazer os levantamentos das fontes, deparei-me com a seguinte situação: são raros os trabalhos que conjugam a tríade anteriormente citada, cemitério-patrimônio-educação. Dois trabalhos versam sobre isso, os demais, via de regra, fazem a relação entre cemitério e patrimônio, no caso, faltando a educação para completar.

O trabalho da professora Maria Cristina Pastore (2016), mestre em História, é o que mais se aproximou da forma como eu pensei em articular cemitério e ensino, diferenciando, entre outras coisas, a prática metodológica, que abordarei em seguida.

O outro trabalho que me chamou bastante a atenção foi da Doutora Kate Rigo (2016), pois também consegue, de maneira bem prática, fazer a ligação cemitério e ensino, mas o que difere o trabalho dela para o desta dissertação é que o produto final da tese de Rigo direciona-se muito mais para o ramo da Psicologia. Em seu trabalho, ela procura evidenciar os sintomas de depressão que levam o adolescente (foco da sua pesquisa) ao suicídio, ou seja, através dos sinais de morte diárias, seja no gestual ou até nas redes sociais. Rigo conseguiu mostrar que, durante os sintomas de depressão, os jovens acabam demonstrando sinais de que o final (a morte de cada um) está próximo. Mas aí surge o questionamento: onde entra o cemitério nessa reflexão?

A professora Rigo trouxe o seu campo de experiência didática como pesquisadora cemiterial e historiadora para o da Pedagogia, e sobre esta ótica ela conclui:

Trabalhar com o espaço cemiterial provoca curiosidade nos educandos e de todos os envolvidos na comunidade escolar. O espaço cemiterial possui inúmeros recursos de estudos e é uma excelente ferramenta pedagógica, que resgata o interesse dos adolescentes virtualizados do século XXI e auxilia o docente desconectado, do século XX, a desenvolver atividades diferenciadas e criativas. (RIGO, 2016, p. 132)

⁴ No CSCMPA, existem enterrados, na chamada Parte Histórica do Campo Santo, um número importante de personalidades políticas, fato que auxilia a contemplar um dos objetivos da prática de pesquisa, que é retomar os estudos teóricos em sala de aula sobre o período estudado (1889-1930). Só para constatação e embasamento de pensamento, lá estão sepultadas personalidades políticas do estado do RS, entre eles: Júlio de Castilhos, Borges de Medeiros, Octávio Rocha, Mauricio Cardoso, Senador Pinheiro Machado, Plácido Castro, Cel. Emílio Massot, entre outros.

Com esse pensamento de Kate Rigo, podemos inferir que, de fato, o cemitério é um espaço de aprendizado, e um aprendizado mútuo, interagindo professor e aluno.

Já na parte que corresponde à Psicologia, a pesquisadora lança mão das saídas de campo para o cemitério, com turmas de 9º ano do Ensino Fundamental e 3º ano do Ensino Médio, que, segundo ela, são as faixas etárias que mais sofrem com o chamado *Corte na Carne*⁵, advindos dos finais dos ciclos estudantis, o que os psicólogos chamam de *luto da separação*⁶. O cemitério não é apenas um museu a céu aberto, mas também uma escola a céu aberto (RIGO, 2016).

Retomando a ideia e a conjugação cemitério-patrimônio-educação, através da leitura da dissertação de mestrado de Maria Cristina Pastore, e já buscando reflexões sobre o tema que pesquisamos em comum, tendo em vista, contudo, que, ao mesmo tempo, o que nos diferencia, como disse anteriormente, é a metodologia, que também, em se tratando de um Mestrado Profissional, podemos chamar de prática pedagógica. No caso de Pastore, ela partiu primeiramente para a aula no cemitério. A partir das inquietações dos alunos é que o trabalho dela foi se estruturando. No nosso caso, é um pouco diferente, pois, antes de haver a saída de campo ao cemitério, nós procuramos fazer uma periodização histórica (1889-1930) a ser estudada previamente em sala de aula, bem como trabalhar a relação de importância do cemitério como um “documento monumento” (LE GOFF, 1990), em que ele acaba se tornando uma fonte de pesquisa importante dentro da cidade. Outra diferença básica é que Pastore analisou o Cemitério de Rio Grande enquanto nós trabalharemos com o Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre:

Nos últimos anos, as pesquisas sobre cemitérios e a morte e seus mistérios têm se intensificado. Em geral, todas as cidades possuem uma época e um espaço de homenagens e cuidados com seus mortos. Dessa forma, os estudos sobre as necrópoles são relevantes aos conhecimentos de um passado social e de um presente acabado pela falta de prospecção para a morte. (PASTORE, 2016, p. 28)

⁵ Expressão usada pela professora Kate Rigo, para designar o momento vivido pelos alunos das séries finais dos Ensinos Fundamental e Médio, pelo fim de um ciclo e as incertezas do início de outro, com o potencial de conhecimento de novas pessoas e a separação dos antigos colegas.

⁶ Continuidade da expressão anteriormente descrita, dando a ideia de final (morte) daquele momento vivido pelos alunos das séries finais, que estão se desvinculando de determinado período da vida estudantil.

Fazendo uma relação com o escrito acima, de fato, as pesquisas cemiteriais vêm se desenvolvendo, inclusive com o surgimento da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC), cujos sócios se reúnem a cada dois anos, para apresentar e debater novidades no ramo das pesquisas e afins. Todavia, não se encontram trabalhos que contemplem a tríade já mencionada anteriormente: cemitério-patrimônio-educação. Face ao exposto, retomei a ideia já citada nos primeiros parágrafos, de que o cemitério é um museu a céu aberto. Portanto, para entender a tríade cemitério-patrimônio-educação, acabei fazendo uma adaptação e relacionei a necrópole, como um museu, ficando, então, a tríade: museu-patrimônio-educação. Assim, toda vez que eu lia museus, eu refletia como seria isso passado ao campo santo. Dessa forma, o trabalho ganhou embasamento.

Pensando assim, encontramos artigos, pesquisas acadêmicas, publicações, de uma forma geral, que contemplaram a nossa linha de raciocínio; como, por exemplo, o que foi relatado em um dos encontros da ANPUH. Nele, a professora Dra. Zita Possamai (2000, p. 30) versa sobre os museus:

O museu é um produtor e um veiculador de sentidos na sociedade. Sua ação básica desenrola-se em torno da seleção e conservação de um dado conjunto de documentos, seja ele dimensional ou tridimensional. Dessa forma, o museu opera a construção de um discurso através da disposição de artefatos e imagens num determinado espaço físico.

Nos cemitérios, também existe a veiculação de sentidos. Podemos citar um breve exemplo. Na maioria das vezes em que um epitáfio é escrito em uma lápide, ali se dá um sentido a alguma forma de pensamento. No cemitério da Santa Casa de Porto Alegre, podemos salientar a frase que está no centro do túmulo de Júlio de Castilhos – presidente⁷ do Rio Grande do Sul durante o início da República – “os vivos serão cada vez mais governados pelos mortos”. Mesmo que, por ventura, se desconheça sobre o Positivismo, tal frase é carregada de sentidos. Ele, sendo um governante que, não querendo se deixar vencer pela morte, assim como pelos vivos que os seguiram nas lideranças políticas, deixa bem claro que, mesmo depois de morto, mandaria.

Dando sequência à análise da frase da professora Zita, ela lança a ideia de documento em várias dimensões. Para aprofundar essa concepção, nós recorreremos

⁷ Nome dado aos chefes dos executivos estaduais da época.

à historiografia francesa, cabendo ressaltar: há que se tomar a palavra “documento” no sentido mais amplo, documento escrito, ilustrado, transmitido pelo som, a imagem, ou de qualquer outra maneira (LE GOFF, 1990).

Chegando às ideias de Le Goff (1990), podemos concluir que o cemitério também é o lugar de pesquisa documental, tal que ele aborda o que pode ser considerado documento. Diferentemente da escola positivista, para a qual documento era *tudo que estava escrito*, o historiador francês amplia esse conceito. Portanto, para Le Goff (1990), um túmulo pode ser considerado um documento. Dessa forma, também merece ser pesquisado.

Considerando a última parte do trecho de Possamai, no qual ela afirma que o museu opera para a construção de um discurso, através da disposição de artefatos e imagens num determinado espaço físico, o Cemitério da Santa Casa de Porto Alegre também se revigora dessa forma. No caso, os artefatos e as imagens são os túmulos e suas mensagens, e o espaço físico é o próprio campo santo.

Ainda fazendo essa relação entre museu e cemitério, podemos fazer uma análise da comparação com outro trecho da professora Zita Possamai (2000, p. 31):

O museu histórico, com a simples apresentação de objetos únicos, não é suficiente para a compreensão do processo histórico. É necessário fazer a história falar através de testemunhas materiais do passado. [...] o documento histórico, o objeto possa transmitir o maior número de transmissões possíveis.

Pensando dessa forma, pode-se imaginar essa fala dentro do campo santo, pois, no caso do Cemitério da Santa Casa em Porto Alegre, temos uma conjuntura grandiosa de tumbas chamativas, exuberantes, enaltecedoras de um passado, assim como catacumbas simples, com apenas um epitáfio elucidativo de saudade.

Tanto em um caso quanto no outro, podemos considerar como objetos expostos de um museu que, num primeiro olhar, não tem significado algum. Precisaria de um historiador para fazer a análise, e fazer a história falar, bem como está no trecho que estamos depurando. Ou seja, o documento histórico precisa ser “ouvido” para se entender o que é passado pelo documento através das imagens e palavras dos túmulos. Isso tudo faz nos remeter novamente ao texto de Le Goff (1990, p. 546):

A história, na sua forma tradicional, dedicava-se a “memorizar” os monumentos do passado, a transformá-los em documentos e em fazer falar os traços que, por si próprios, muitas vezes, são absolutamente verbais, ou dizem em silêncio outra coisa diferente do que dizem; nos nossos dias, a história é o que transforma os documentos em monumentos e, onde dantes se decifravam traços deixados pelos homens, onde dantes se tentava reconhecer em negativo o que eles tinham sido, apresenta agora uma massa de elementos que é preciso depois isolar, reagrupar, tomar pertinentes, colocar em relação, construir em conjunto.

Dessa forma, continuamos nossa relação de comparação, agora, pode-se dizer, relação de complementariedade, posto que Possamai (2000) e Le Goff (1990) se equivalem, textualmente falando. Ambos os autores fazem a mesma reflexão sobre os documentos históricos, pois tanto um quanto outro afirmam que sozinhos não expressam quase nada, ou seja, precisariam fazer o “documento falar”, mas Le Goff (1990) aprofunda o debate, mostrando alguns caminhos que o historiador pode percorrer para tal. Segundo o pensador francês, é necessário transformar o documento em monumento, como ele bem cita nas linhas já destacadas.

Agora, segundo Le Goff (1990), não basta decifrar traços e reconhecer negativos, mas sim olhar o entorno dos elementos, reagrupando-os, tornando-os pertinentes, colocando-os em relação e construindo-os em conjunto. Dessa maneira, não fica difícil transpor todas essas ideias para o Cemitério da Santa Casa. Lá, existem várias categorias de sepulturas, em que podemos realizar os trabalhos de:

1. **Isolar:** podemos analisar cada uma delas;
2. **Reagrupar:** colocar em categorias (catacumbas, obras de arte, mausoléus);
3. **Tornar pertinentes:** saber o que cada uma delas deixou no seu presente para o passado (simbolismo);
4. **Colocar em relação:** através da análise dos simbolismos, ver quais outros existem em consonância de ideias;
5. **Constituir conjunto:** a partir da relação de consonância, ver a proximidade histórica com os fatos daquela época.

Dessa maneira, podemos perceber que a tríade, que foi alterada de cemitério-patrimônio-estudo para museu-patrimônio-estudo, se verificou bastante pertinente e, ao mesmo tempo, complementar. Ainda assim, podemos analisar os pensamentos

da professora Possamai (2000), que, no mesmo texto, afirma que, para muitos, o museu é um lugar de acúmulo de objetos antigos, onde se vai por obrigação, não por prazer. É o lugar do “não falar, não mexer”.

Novamente, reporto isso para os cemitérios, só mudando, no caso, a adjetivação, em que o museu é o acúmulo de objetos antigos, já os campos santos, para muitos, são lugares de pessoas mortas, com um acúmulo de túmulos sem significado algum⁸.

Feitas essas ressalvas, voltamos ao que escreveu a professora Zita Possamai (2000), agora no âmbito pedagógico dos museus. Em seu artigo, ela descreve dois projetos pedagógicos desenvolvidos pelo museu municipal de Porto Alegre. No primeiro projeto, que se intitula: “Noite no Museu”, ela descreve o passo a passo da seguinte forma:

Este programa surge da necessidade de abrir as portas do museu no período noturno, horário não consagrado em nosso meio para essa atividade. Teriam, assim, acesso estudantes, na sua maioria, adolescentes e adultos, das escolas noturnas dos Ensinos Médios e Fundamentais, Supletivos e Pré-Vestibulares. Público, em sua maioria, de trabalhadores diurnos, que, teoricamente, não teriam tempo para fazer a visita ao museu. [...] Constitui-se em uma visita guiada ao museu, em que o monitor da casa aborda temas ligados ao Solar Lopo Gonçalves (prédio que se localiza o museu municipal) à história de Porto Alegre. Eventualmente, pesquisas preliminares são feitas, no sentido de buscar a expectativa que o grupo visitante possui, procurando-se abordar, durante a visita, temáticas relacionadas a sua realidade imediata em ligação ao conteúdo que o museu permite explorar. (POSSAMAI, 2000, p. 34)

Como se pode ver, o Museu Municipal de Porto Alegre faz, dentro do possível, inclusive da limitação financeira, um trabalho de intermediação museu e escola, na notória tentativa de tornar-se uma ferramenta ao ensino de História. Voltando à nossa relação de comparação como sendo o cemitério “um museu a céu aberto”, comecei a buscar e pesquisar quais outros cemitérios também fazem esse resgate do passado, aqueles que, com o auxílio da Pedagogia, abrem suas portas para escolas. Um dos campos santos é o Cemitério da Consolação em São Paulo, contudo, como sendo o foco da nossa pesquisa, de nossa parte, fizemos o

⁸ Aliás, só para frisar, no último capítulo desta dissertação, pretendo, através de um questionário, constatar isso que afirmei nas linhas acima. Para tal comprovação, nesse questionário, fiz duas perguntas que, creio eu, podem me ajudar a esclarecer tal questão. Uma das perguntas é: o que o cemitério representa para você? (Pergunta que farei antes e depois da saída de campo), e a outra pergunta é: com que frequência você vai a um cemitério? (Esta última está condicionada a outros fatores, entre eles o religioso, pois os membros das religiões de matriz africana, por vezes, têm de “pedir licença para o santo”, na linguagem da religião, para poder adentrar um cemitério).

levantamento do Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, encontrando um material bem significativo.

No Sítio do Centro Histórico Cultural da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, na rede mundial de computadores, encontrei algo equivalente ao programa “Noite no Museu”, além de outras atividades pedagógicas realizadas pela entidade que é mantenedora de um cemitério aqui em Porto Alegre.

[...] um museu a céu aberto, por sua antiguidade, estatuária e arquitetura. Além de ser uma atração turística da cidade, o Cemitério da Santa Casa, localizado no bairro Azenha, é um importante espaço de memória e das representações sociais e econômicas do estado. (CENTRO HISTÓRICO CULTURAL SANTA CASA, s./d.)

Como podemos conferir nos escritos retirados do próprio sítio do Centro Histórico Cultural, a expressão “museus a céu aberto” é novamente frisada, dando, por tanto, maior força à argumentação deste capítulo, no qual afirmo que, para fins de pesquisa, a tríade cemitério-patrimônio-educação deveria sofrer uma pequena alteração, ficando: museu-patrimônio-educação.

Nessa mesma página na *internet*, existe uma série de roteiros para serem realizados e visitados dentro Cemitério da Santa Casa, a grande maioria organizada pela historiadora Vera Lúcia Maciel Barroso, uma das coordenadoras do Centro Histórico Cultural. Esses mesmos roteiros podem ser agendados para visita noturna (conforme Anexo A).

Diferentemente do Museu Municipal, mas, ao mesmo tempo, não em oposição, o cemitério oferece a visita noturna, muito mais no sentido de desestabilizar o imaginário das pessoas. Essa visita noturna é proposta pelo Centro Histórico, para, através de um suposto “medo” que as pessoas têm de entrar no cemitério à noite; muito, inclusive, fruto da nossa memória coletiva, talvez até medieval, período no qual se acreditava que, durante a noite, é que as almas penadas saem das tumbas. Assim, à noite, a curiosidade das pessoas de enfrentar os seus medos fica mais aflorada. Tanto um caso quanto o outro passam pela própria cinematografia: para os museus, o filme mais comum deste imaginário noturno é “Uma Noite no Museu”⁹, no qual todos os personagens de um determinado museu no Estados Unidos, ao fechar suas portas para visita diurna, começam a

⁹ Direção: Shawn Levy, EUA: 2006.

ter vida própria (de animais a personalidades históricas). Já os cemitérios, via de regra, são contemplados por filmes de terror que se passam em noites frias e chuvosas e nos quais, geralmente, algum personagem acaba saindo da tumba para “vingar” a sua própria morte.

2.2 PATRIMÔNIO HISTÓRICO E MEMÓRIA

Neste tópico, trabalharemos a concepção de Patrimônio Histórico, tendo em vista que o campo santo se insere neste contexto, sem o desvincularmos, contudo, da tríade cemitério-patrimônio-educação. Ao contrário do subtítulo anterior, esse tópico não precisará sofrer adaptações, pois temos escritas e pesquisas suficientes para propor um breve debate entre cemitério e patrimônio histórico.

Como havia relatado na introdução desta dissertação, a relação de Patrimônio Histórico e Educação Patrimonial aprofundou-se, aqui no Brasil, por volta dos anos 1930, durante o governo de Getúlio Vargas (Estado Novo), quando da fundação basilar do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN). Esse processo só vem ganhando profundidade com o passar do tempo. Podemos iniciar o nosso debate, partindo deste pressuposto:

Trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e os adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural. (HORTA, 1994, p. 4)

Dessa forma, podemos afirmar que o cemitério está ligado a esse contexto. Analisando esse excerto, podemos começar afirmando que é através do contato dos alunos com o cemitério que, de certa forma, eles também podem se apropriar e valorizar o passado cultural, político e social, mesmo que, por vezes, possam não concordar com a ideologia que certos túmulos passem através das suas obras de arte, epitáfios e assim por diante. Isso poderá ajudá-los a serem sujeitos questionadores da sua realidade, fazendo com que produzam novos conhecimentos.

Essa ideia é reforçada com a citação de Possomai e Gil (2014, p. 14), no que se refere à Educação Patrimonial: “é um processo contínuo e sistemático de ações voltadas à preservação e ao conhecimento do patrimônio cultural”.

Nesse sentido, afirma-se que não basta se construírem museus, espaços culturais, se não houver uma ligação direta com os aspectos didáticos. É evidente que ninguém construiria um cemitério com esse objetivo, mas, à medida que as necrópoles começam a ganhar espaço no cenário cultural brasileiro, também podemos aplicar nele esses conceitos, conforme afirma o professor Thiago Nicolau de Araújo (2006, p. 61):

O cemitério também é um Patrimônio Cultural, sendo assim, ele não se limita mais somente ao seu valor econômico ou a propriedade de alguém, mas ele pertence a uma comunidade, que lhe atribui uma importância e como patrimônio deve ser preservado.

O professor Araújo há muito tempo trabalha com a pesquisa cemiterial e a relação cemitério e patrimônio, defendendo a ideia de que, assim como um museu, os cemitérios também devem passar por processos de tombamento, pois o campo santo também faz parte do patrimônio cultural e, como tal, deve ser tratado e preservado, conforme fica evidenciado a seguir:

Uma vez preservado o cemitério, guarda-se a identidade cultural de um povo, seus meios de existência e de todas as suas criações, manifestações; dando uma noção de cidadania e pertencimento há algum grupo. (ARAÚJO, 2006, p. 62)

No caso específico do Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, não existe, ainda, uma política de preservação do patrimônio contido lá dentro. Entretanto, segundo o professor Thiago Araújo, alguns cemitérios já estão protegidos pelo IPHAN¹⁰; trazendo à tona toda a ideia proposta por Thiago de que havendo a preservação destes espaços, há também uma noção de pertencimento de algum grupo (no caso, os moradores de Porto Alegre) à história regional e sua memória.

¹⁰ O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) já tombou os seguintes cemitérios: Cemitério de Joinville (SC), Cemitério N. Sra. da Conceição (Vassouras/RJ), Cemitério de Arez (RN), Cemitério do Batalhão (Campo Maior/PI), Cemitério N. Sra. da Soledade (Belém/PN), Cemitério do Convento da Igreja Sta. M. dos Anjos (Cabo Frio/RJ), Cemitério N. Sra. do Carmo (Sabará/MG), Cemitério N. Sra. do Carmo (Ouro Preto, MG), Cemitério S. Francisco de Assis (Ouro Preto, MG), Cemitério N. Sra. do Carmo (São João Del Rey, MG).

Com essa relação de memória e história, podemos fazer uso de dois autores, sendo que um abordará uma temática mais generalizante dos campos santos, ou seja, de uma forma mais abrangente, e outro apresentará de forma mais específica o Cemitério da Santa Casa.

O primeiro pensador é Pierre Nora, que trabalha várias categorias de memória, sendo que uma delas, vêm ao encontro do que existe no cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre: “Memória Integrada é aquela que é ditatorial e insequente de si mesmo, organizadora e toda poderosa, que reconduz eternamente a herança e aos heróis do passado” (NORA, 1993, p. 8). Lançando mão dessa justificativa, podemos inferir que, no campo santo que nós pesquisamos, a parte histórica do Cemitério da Santa Casa é permeada desses conceitos de memória integrada, partindo do pressuposto de que o Positivismo campeou a concepção de heroísmos no nosso país e, mais ainda, no nosso estado, fazendo de autoridades políticas “verdadeiros heróis” da ordem e do progresso, cedendo-lhes grandes espaços de monumentalização dos seus sepulcros.

Nesse processo de monumentalização do passado, podemos trazer à tona novamente Le Goff (1990), quando ele afirma que não existe História sem documento, e que, para o documento se monumentalizar, é preciso a mão do historiador para tornar e evidenciar o documento (vestígio do passado) em monumento (objeto de apreciação da História).

No Cemitério da Santa Casa, ocorre isso de maneira bem explícita. Existem lá vários túmulos, vestígios documentais do passado, e alguns acabam se tornando monumentos, pois ganham destaque por parte dos historiadores, ou do público de uma forma geral, a fim de contemplação da memória, que, dentre outras coisas, é a função de um monumento.

Usamos também os conceitos que Nora fez de História e Memória em relação ao Patrimônio:

A memória é a vida sempre carregada pelos grupos vivos e está em permanente evolução, aberta à lembrança e ao esquecimento, vulnerável a todos os usos da manipulação. [...] A História é a reconstrução do que não mais existe. A memória instala lembrança do sagrado, a história liberta. A memória pertence a um grupo de pessoas, já a história é de todos e de ninguém ao mesmo tempo [...]. (NORA, 1993, p. 9)

Colocando essa reflexão de Nora (1993) em modo prático, podemos concluir que os mortos, quando deixam seus epitáfios, estátuas e artes tumulares, de uma forma geral, para os vivos, acabam evidenciando ali a sua memória. Podendo sofrer com o uso indiscriminado da manipulação, cada leitor de um epitáfio, ou cada pessoa que interpreta uma obra tumular vai expressar ali a sua opinião. Já a História tem outro propósito de reunir todo esse conjunto de obras e epitáfios e inseri-los no tempo, relacionando-a com o passado, tirando do sagrado aquilo que a memória o coloca.

Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora. E a desestruturalização de nosso mundo que faz aparecer a noção. O que secreta, veste, estabelece, constrói, mantém pelo artifício e pela vontade de uma coletividade e de uma renovação. Museus, arquivos, cemitérios, processos, monumentos são testemunhos de uma outra era, das ilusões e de eternidade; diferenciando, portanto, as pessoas notáveis das comuns. [...] Os lugares de memória nascem e vivem de sentimentos que não há na memória espontânea, sendo preciso criar arquivos, museus, pronuncia e criar elogios fúnebres e cemitérios. Sem essas memórias e lugares coletivos, certamente a história varreria [...]. (NORA 1993, p. 12)

Segundo a interpretação de Pierre Nora (1993), podemos entender que mais uma vez fica latente essa divisão entre história e memória. E que a memória, expressa em determinados lugares, tal qual Nora elucida como sendo “Lugares de Memória”, não poderia existir se não fosse acompanhada pela História. A memória não deixa de ser fragmentária do passado e, como tal, deve ser estudada pela História. Segundo o próprio Nora (1993, p. 13), a memória, também como um documento, deve ser “sovada, deformada e transformada” para que a história transforme determinados lugares fragmentários do passado em “Lugares de Memória”, como é supracitado no texto em destaque: museus, arquivos e cemitérios.

Complementando essa ideia, temos os pensamentos de Nora (1993, p. 11) em que se procura relacionar a memória, a história e o ensino:

A memória é a matéria-prima para quem trabalha com a História, tanto no ensino como na pesquisa. É como matéria-prima e não como produto final que a memória deve ser trabalhada, sendo um material delicado sobre o qual se debruça o historiador.

Concordamos com a afirmação categórica da autora, buscando refletir tanto na vida do historiador como na do professor, bem como relacionando com a prática

de pesquisa pretendida nesta dissertação. Como afirmou Nora (1993), o cemitério é um lugar de memória, por várias razões, sendo uma delas os epitáfios, os mausoléus e a arte funerária. Todas elas expressam a memória do(a) falecido(a). Eis ali uma matéria-prima, segundo a concepção de Giron (2000).

A próxima etapa, para a matéria-prima se tornar fornecedora de conhecimento, é fazer a contextualização através da pesquisa e do questionamento, sendo que esse trabalho deve ser feito pelo historiador e o professor. O professor traz consigo a noção temporal e a inserção da matéria-prima nas mãos dos alunos, para que eles possam ter subsídios para transformar tal matéria-prima em conhecimento.

Já a outra forma de expressão da memória como relação com a História, e que também é trazida por Giron (2000), é a concepção positivista, que igualmente nos ajuda na reflexão proposta por esta pesquisa.

A memória, para a filosofia positivista (século XIX), constitui um conjunto de representações reproduzidas, oriundas do inconsciente, quando vivenciado e reconhecido. A segurança do reconhecimento é maior quando se refere a fatos mais importantes da vida. A memória seria como um filme, que preserva a imagem de uma realidade que não existe mais. [...] O tempo dilui o passado das pessoas e das coisas. (GIRON, 2000, p. 12)

Mais uma vez podemos buscar no cemitério da Santa Casa de Porto Alegre a prática desse pensamento. Nesse caso, novamente, é preciso fazer o recorte dos positivistas lá enterrados, já que a maioria deles fez grandes obras funerárias, verdadeiros documentos que acabaram virando monumentos históricos de exaltação da memória, fazendo com que suas representações sejam, por diversas vezes, reproduzidas e lembradas até hoje por aqueles que passam na principal rua do cemitério da Santa Casa, justamente com o intuito de não serem diluídos pelo tempo.

Retomando o processo de Educação Patrimonial, após essas reflexões necessárias sobre a memória, é preciso retomar o surgimento da concepção de Patrimônio e Histórico e Educação Patrimonial, elaborada pelas professoras Zita Possamai e Carmem Gil:

A representação de Patrimônio Nacional esteve vinculada, nos séculos XVIII e XIX, aos símbolos: Bandeira, Monumento, Pinturas Históricas [...]. Em muitos lugares, a representação de patrimônio e surgimento dos museus foi

quase que concomitante. Já em outros lugares, palácios e edificações foram ressignificados para se criarem os museus. (POSSOMAI; GIL, 2014, p. 14)

Podemos afirmar, baseados nessa leitura e trazendo-a para a prática, que o cemitério, seja ele tombado pelo patrimônio histórico ou não, trata-se de um território regado de História e Pedagogia, também carregando consigo essas características.

No caso do Cemitério da Santa Casa de Porto Alegre, isso é bem visual, posto que, em um primeiro momento, à época de sua criação, durante a formação do Estado Nacional Brasileiro (Período Imperial), ele sempre foi visto como mais um cemitério dentro da cidade. Após os anos e devido a lideranças político-religiosas e sociais que foram sepultadas lá, ele acabou sendo ressignificado, ganhando importância a ponto de virar atração turística e ferramenta de estudos históricos, tal qual o museu.

A Educação Patrimonial atrelada ao Patrimônio Histórico nos permite sair daquilo que, em Pedagogia, chamamos de “estratégias tradicionais”. Mesmo assim, como bem afirma as professoras Zita e Carmem Gil, pode ser observado certo consenso em relação à valorização do binômio Patrimônio e Educação. Contudo, por outro lado, os caminhos metodológicos são diversos, havendo ainda um distanciamento dos museus brasileiros em relação a expressão “educação patrimonial” (POSSOMAI; GIL, 2014).

Em suma, a questão que envolve educação e as concepções de patrimônio vêm, há muito tempo, em uma crescente, porém, devido a questões financeiras, entre outras, não é possível ao professor realizar mais saídas de campos aos museus, cemitérios e arquivos para aumentar as possibilidades de aprendizado de seus alunos. Nesse contexto, outros condicionantes, como a questão de pertencimento e identificação com a memória patrimonial, ajudam a compreender a ainda tímida influência da Educação Patrimonial em nossas salas de aula.

3 ESTUDOS CEMITERIAIS DE PHILIPPE ARIÈS E O GRUPO DE PESQUISA DA PUCRS

3.1 OS CEMITÉRIOS EUROPEUS NA VISÃO DE PHILLIPP ARIÈS¹¹

Este terceiro capítulo fez um breve estudo comparativo entre os campos santos do continente europeu, através dos escritos do historiador francês Philippe Ariès, e a concepção de morte, com alguns levantamentos feitos no Rio Grande do Sul. Buscando conexão com o nosso trabalho, tem a ideia de lançar o aprofundamento da concepção de morte, tendo como objetivos, entre outros, mostrar as variações, mas também reforçar pensamentos sobre o que o senso comum aborda referentemente à morte.

A ideia sobre a morte, como tínhamos dito anteriormente, varia de acordo com o período, seja por motivos culturais ou econômicos, que ora acentuam sentimentos e aspectos imaginários, ora destacam concepções de higiene e financeiros, conforme o professor Harry Rodrigues Bellomo (2008, p. 39):

A religião egípcia, condicionando a felicidade eterna à sobrevivência da imagem do morto, levava os poderosos da época a promoverem suntuosas esculturas destinadas aos túmulos [...]. No entanto, o extremo ritualismo da religião egípcia limitou formas de expressão da arte funerária às estátuas para o ká¹², dentro de padrões estabelecidos.

Desde muito tempo, as necrópoles são locais de expressão cultural (no caso egípcio, a fundamentação religiosa) e econômico (quando ele se refere aos poderosos da época), remetendo aos pertencentes das elites abastadas, diferente do Mundo Grego, conforme Bellomo (2008, p. 13) exemplifica:

No Mundo Grego, a arte funerária estava muito ligada a um ideal antropocêntrico de beleza, em que o idealismo e as emoções humanas, controladas por uma racionalidade intensa, conjugam-se para criar uma escultura funerária de grande expressão. [...] Surgiu a sobrevivência da lembrança do herói, como símbolos dos valores da comunidade. A figura da morte passa a ser representada por um jovem segurando uma tocha virada para baixo, dando a ideia de que apagando-se a chama da vida, a morte chegaria.

¹¹ Historiador Frances seguidor da Escola do Anneles, em que viveu de 1914-1984.

¹² Alma vinculada ao corpo, na mitologia egípcias.

Sendo assim, começamos o debate de ideia da morte neste capítulo com a citação de Ariès (1977, p. 51), sobre as representações mais comuns de morte:

No sepulcro do Bispo Agilbert, vemos a Glória de Cristo, rodeada pelos quatro evangelistas (Mateus, Marcos, Lucas e João), ou seja, a imagem retirada do apocalipse de Cristo ressurgindo no final dos tempos. Sobre a mesma sepultura, está a ressurreição dos mortos. Cristo com os braços erguidos, e num dos braços, ele traz o livro da vida (ano 680).

Nesse primeiro relato, podemos trabalhar o aspecto da religiosidade permanente da Europa, a começar pelo ano da sepultura (680), em que o Velho Mundo vivia sobre a liderança do Reino dos Francos, sendo eles um dos principais articuladores do Cristianismo medieval¹³. Na sepultura do Bispo Agilbert, a religiosidade, costumeira da época, fica bem evidenciada, tendo em vista que a figura central do túmulo é Cristo e os quatro evangelistas.

Ainda temos a figura de Deus, julgador e punitivo (sábio da vida), pois, em uma de suas mãos, Ele carrega o Livro da Vida. Já no século XIII, a concepção de Juízo Final acaba mudando. Segundo relato do próprio Ariès (1977, p. 52):

No Século XIII, a inspiração apocalíptica, a evocação do grande retorno foi quase apagada. Agora, o Cristo aparece sentado no trono, rodeado dos apóstolos. Cada homem é julgado pela “Balança da Vida”.

No século XIII, o poder da Igreja estava mais que consolidado, a que alguns historiadores chamam de poder temporal do Catolicismo. O fato pode ser levantado quando da ocorrência de imagens de Cristo sentado no trono, com seus apóstolos, conforme supracitado. O Rei tinha o poder, Ele julgava e condenava, se necessário fosse.

A imagem da Justiça aperfeiçoou-se, ao longo do tempo, ao passo que Jesus Cristo começa aparecer com sua mãe Maria, que, para muitos católicos, é chamada de intercessora, uma espécie de Advogada, conforme é notada na própria oração da Salve Rainha¹⁴, tornando, assim, a figura da Justiça como pertencente ao gênero

¹³ À medida que os Merovíngios impõem o seu domínio aos povos germânicos da Turíngia e da Bavária, favoreceram, ao mesmo tempo, a penetração cristã (RICHE, 1995).

¹⁴ “Salve Rainha, Mãe de Misericórdia, vida e doçura esperança nossa, salve! A vós bradamos, os degredados filhos de Eva. A vós suspiramos gemendo e chorando neste vale de lágrimas. Eia, pois, advogada nossa. Esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei. E, depois deste desterro, mostrai-nos Jesus, bendito fruto do vosso ventre. Ó clemente, ó piedosa, ó doce e sempre Virgem Maria. Rogai por nós, Santa Mãe de Deus, para que sejamos dignos da promessa de Cristo. Amém.”

feminino ao longo do tempo, sendo a representação mais clássica a mulher de olhos vendados com a balança de pratos na mão.

Nesse contexto, a mãe de Jesus ganhou uma grande relevância, pois a Maria orante, junto ao seu filho, ganhou cada vez mais adeptos (ARIÈS, 1977).

No século XV, após a chamada crise de retração do século XIV, que teve, entre outros fatos, a Peste Negra, a população europeia passou a ter medo da morte, e as iconografias tumulares passaram a não ter meramente conotações religiosas.

De um lado, a Santíssima Trindade, a Virgem e toda a Corte Celeste e, de outro, o Satã, com seu exército de monstros. [...] A grande reunião dos séculos XII e XIII deu lugar ao final dos tempos. A balança de pratos (o bem e o mal) continuou existindo, agora, por vezes, na mão do demônio. (ARIÈS, 1977, p. 53)

Dessa forma, podemos entender que há uma transformação nas mentalidades referente à morte. Nos primeiros séculos de Cristianismo, Deus se mostra sob a figura de Cristo, tão somente por Ele; num segundo momento, Maria também passa a ser representada como intercessora; já na metade final do Medievo, começam a rivalizar com todos os santos a figura do demônio.

Com um medo constante da morte, a estrutura dos cemitérios passou, também, por transformações severas. A começar pela Roma Antiga, onde, segundo o próprio historiador francês, até o escravo tinha o direito de ser sepultados nas carneiras¹⁵. Igualmente, há os túmulos dos servos medievais que eram enterrados próximos das casas, ou dos muros das igrejas, sendo que só quem, inicialmente, poderia ser enterrado nos pátios das igrejas eram os membros da nobreza e do clero (ARIÈS, 1977).

Porém, com o advento do Feudalismo, muitas paredes de igrejas começam a ganhar sepultamentos, com pequenas inscrições nos túmulos, junto a isso, podemos perceber alguma relíquia do santo de devoção do morto. Quanto maior fosse a importância do falecido na localidade, mais próximo do altar o seu corpo era sepultado.

Segundo Ariès (1977), no advento do Cristianismo, imagens, frases, simbologias ao universo Cristão passam por se tornar algo comum nas sepulturas

¹⁵ Sarcófagos feitos de pedra, em que se tinha alguma inscrição de alusão ao falecido.

do Velho Mundo. Coadunando com isso, temos os escritos de Harry Rodrigues Bellomo (2008, p. 41):

A vida além-túmulo passou a ser valorizada ao mesmo tempo em que a demonstração explícita da adesão às novas crenças tornou-se uma necessidade social. Começaram a aparecer nas catacumbas esculturas com baixo relevo, sobre temas bíblicos. [...] Já na Baixa Idade Média, ocorreu grande expansão da figura tétrica da morte, representada por um esqueleto, ou por esqueleto com a capa preta do luto. A bela morte grega foi substituída pelos horrores criados pela peste negra e pelo medo do inferno. A morte agora tem uma capa preta e uma foice.

Dessa maneira, podemos inferir e retomar aquilo que havíamos afirmado, de que a visão da morte pode variar conforme uma série de condicionantes, perpassando a cultura, economia, profilaxia de doenças que remetem à higiene, como foi o caso do cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, construído no alto do bairro Azenha, lugar onde, à época de Dom Pedro II, (quem mandou construir o cemitério), era um morro alto e deserto, em que o vento se encarregaria de limpar os miasmas¹⁶ (BELLOMO, 2008).

Algo semelhante ocorreu na França, conforme a descrição de Philippe Ariès (1977, p. 20), descrevendo o processo de higienização:

Durante a Revolução Francesa, muitos corpos foram tratados como dejetos na sarjeta, pois a Igreja cuidava cada vez menos disso. Em virtude da laicização do estado, o respeito pelo cemitério como local santo, como o era na época medieval, foi se perdendo. [...]. Os habitantes vizinhos dos cemitérios começaram a queixar-se, a redigir petições na justiça francesa, que os cemitérios traziam muitas sujeiras para suas casas, e que, por isso, deveria ser retirado de perto das áreas residenciais.

Mais uma vez, entra o caráter laico sobre o pensar a morte na Europa. Durante a Revolução Francesa¹⁷, a Igreja teve seu poder enfraquecido, tanto o poder temporal quanto o poder secular, ou seja, o Estado passa a controlar e a reger as leis das nações, fazendo com que a Religião Católica ficasse num segundo plano. Conforme as linhas supracitadas, de Ariès (1997), o desleixo com o tratar dos corpos era cada vez maior, pois as atribuições que antes eram da Igreja acabavam aos poucos sendo deixado para o controle, por vezes não eficientes, do Estado. E

¹⁶ Emanação advinda da putrefação de elementos orgânicos. Exemplo: os corpos em estado de putrefação enterrados nos cemitérios.

¹⁷ “Só haverá liberdade quando o último rei for enforcado nas tripas do último padre”. Frase atribuída ao filósofo francês, Voltaire (1694-1778), a qual, para muitos historiadores, caracteriza a Revolução Francesa como sendo anticlerical e antimonárquica.

Philippe Ariès (1977, p. 193) segue: “Em uma de suas queixas, os vizinhos chamavam a atenção para o fato de que não poderiam conservar nem comida nem bebida, os metais perderam o brilho, além dos odores da putrefação”.

O próprio Philippe Ariès fez um levantamento, afirmando que, nas necrópoles, sobretudo durante o período da Revolução Francesa, é que ressurgem as imagens do esqueleto, das múmias e das danças macabras e que a dissecação dos corpos para o estudo se torna algo comum. O estudo da *causa mortis* se tornou importante. A população começava a entender da presença dos mortos no meio dos vivos. Era necessário o estudo profilático, mas não para prevenção de doenças, e sim para se livrar da proximidade dos cemitérios das zonas residências, conforme podemos ler nas linhas abaixo:

[...] É preciso destruí-la, é preciso rasgar seu solo com arado e aplaná-lo, arrancar-lhe carnes e ossos para escondê-los em obscuros subterrâneos, ocultos à vista dos homens e à luz, sanear o ar pelo fogo das tochas, enfim, arrasador esse lugar terrível a fim de que nenhuma lembrança persista no local. (ARIÈS, 1977, p. 194)

E a descrição das mudanças nos cemitérios segue:

No velho Cemitério dos Inocentes, de onde se retiram “mais de dez pés de terras infecta de despojos de cadáveres”, onde se abriram quarenta fossas comuns, das quais se exumaram mais de vinte mil corpos e que saíram de lá, rumo as pedreiras de Paris, mais de carroças cheias de ossos. Imaginemos mais de nove séculos de mortos tirados de uma só vez, carregados à noite, enquanto a maioria da população dorme, evitando, assim, o mal-estar daqueles que veem. (ARIÈS, 1977, p. 195)

Mesmo assim, com toda essa política, que podemos chamar: “política de afastamento da morte”, houve contradições. Por exemplo, os positivistas em Paris¹⁸ fizeram uma crítica bem forte contra o prefeito Haussmann, quando do fechamento do cemitério das crianças, a fim de mandá-lo para a periferia da cidade, mostrando mais uma vez, o “afastamento da morte”.

Na França do século XX, começa-se o aumento na procura da cremação entre as classes mais abastadas, e os cemitérios acabam ficando para as classes

¹⁸ “O culto aos mortos, assim como o estabelecimento do túmulo e dos lugares de sepultura, são os únicos a realmente caracterizá-los, fazem parte das instituições mestras próprias as civilizações. É preciso admitir como princípio político fundamental que o cemitério, a escola e o templo são elementos integrantes da agregação das famílias e das municipalidades, e que, conseqüentemente, não poderá haver cidades sem cemitérios” (ARIÈS, 1977, p. 208).

mais baixas. Os túmulos seguem floridos, mas sem requinte ou esculturas tumulares (ARIÈS, 1977). Podemos notar, aqui, mais um “afastamento da morte”. Entretanto, o que antes era por motivos tocantes a profilaxia, ao nojo ou repúdio do cemitério e da morte, agora também se implica a questão financeira, da praticidade econômica, do livrar-se do aluguel do cemitério, que para a visão da elite parisiense da época, era gasto desnecessário. Portanto a morte passa por outro momento de ressignificação, ocasionando reflexos disso, conforme cita Harry Bellomo (2008, p. 49):

No mundo de hoje, a morte é escamoteada. Mascarada. A palavra morte não é pronunciada; os velórios são feitos fora das residências. A morte se dá em um hospital impessoal. A família não usa luto. Os velórios são rápidos e discretos. Os túmulos perdem a importância e a decoração artística. Basta uma lápide, uma inscrição. A partir do século XVIII, podemos constatar que a postura da piedade religiosa começou a ser substituída, gradativamente, pela visão profana.

O ritual da morte passa a ser algo penoso ao familiar, não que antes fosse algo diferente disso, mas o fato de o Estado ter se tornado laico, havendo, portanto, um afastamento da concepção da morte no campo religioso, em que a compreensão do luto passa a ser cada vez mais individualizada: a morte, o velório, a ritualização cristã da passagem para a vida eterna, ficou aligeirada, tornando-se, portanto, algo mais processual do que ritualístico. Morreu; prepara-se o corpo; liberados os documentos, realiza-se o velório (o mais rápido possível) e enterra-se o cadáver.

E o professor Harry Bellomo (2008, p. 49) segue descrevendo: “As doações piedosas, as missas, as orações e outras manifestações de espírito religioso perante a morte começam a ser substituídas ou simplesmente esquecidas”.

Vale lembrar que nem sempre foi assim, como foi descrito acima. Podemos aqui retomar os pensamentos sobre o Medievo, mais precisamente sobre o Renascimento, em que o professor Bellomo (2008, p. 48) relata sobre o que seria algo muito próximo daquilo que já escrevemos baseado em Philippe Ariès.

Do Renascimento em diante, o racionalismo e o materialismo fazem com que se volte a falar cada vez mais no papel que o morto desempenhava na sociedade. A arte passa a expressar muito mais esse papel do que as esperanças do céu e do inferno. A ideia implícita é que Deus, se é que existe, perdoa tudo. Por isso, o céu é quase certo e o demônio retira-se da arte e do discurso funerário.

Desse modo, concluímos que a morte e a forma pela qual ela passa a ser descrita ao longo do tempo é resultado de todo um processo que perpassa o campo econômico, como no caso da burguesia francesa e a cremação, passando por sepulturas de porte mais simples, até o âmbito cultural, fazendo com que haja uma variação na tipificação dos túmulos e a forma com o qual eles são desenhados, esculpido, descritos e acabados.

3.2 O GRUPO DE PESQUISA CEMITERIAL DA PUCRS

As escolhas das cidades para a transcrição desta seção em muito tem a ver com a disponibilidade que cada município reservou a nosso grupo de pesquisa, fomentado a pesquisa histórica dentro de cada região. Outros que aparecerão aqui são resultados de pesquisas e que foram publicadas no Projeto Raízes, que é coordenado pela professora Vera Maciel Barroso, hoje diretora do Centro Histórico Cultural da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, e que orienta as ações neste que é foco da nossa pesquisa.

3.2.1 Bagé

Nesta seção, mostraremos os reflexos da morte e o resultado dela, expressado na forma de entendimento da arte tumular por alguns municípios levantados através do grupo de Pesquisa Cemiterial da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), cujos frutos são participações de eventos promovidos por estes municípios, até publicações de livros, artigos e capítulos, em outros. Assim, pretendemos, além de apresentar um pouco do resultado dessa pesquisa, realizar algumas comparações entre uma análise e outra, mostrando as influências de cada localidade e suas peculiaridades.

Podemos começar analisando o cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé, município da região da campanha do Rio Grande do Sul. Nessa cidade, a pesquisadora Elaine Maria Bastianello fez todo um levantamento sobre os cemitérios da localidade, o qual teve como fruto a sua dissertação de mestrado, cujo título é “Os monumentos funerários do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé e seus significados culturais: memória pública, étnica e artefactual (1858-1950)”

(UFPEL, 2010), nos rendendo algumas linhas de reflexão sobre o tema naquele município.

A primeira comparação que pode ser feita diz respeito à questão da localização da necrópole, pois, por exemplo, o assunto da higienização também foi mencionado e justificado pelo distanciamento do campo santo para longe do perímetro urbano da cidade; sendo que hoje não mais se verifica esse “afastamento da morte”, pois o processo de urbanização cresceu, fazendo com que a necrópole de lá também fosse inserida no contexto citadino. Sobre esse processo, Bastianello (2010, p. 50) afirma:

No contexto de racionalização e higienização urbana do século XIX, os cemitérios localizados dentro da área urbana foram deslocados do convívio público com os vivos, deixando de ser eclesiástico e passando a ser público em 1858, quando foi inaugurado o cemitério público da Santa Casa de Caridade de Bagé.

Além do processo de higienização urbana, que podemos observar pelos descritos da pesquisadora Elaine Bastianello, também podemos verificar que o cemitério, mesmo se tornando público, permanece sofrendo influência religiosa. Isso fica mais evidente no que é nos descrito pela própria autora:

Mesmo com o processo de laicização do Estado, foi encontrado um grande número de jazidos-capelas no cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé. [...] foi um processo de resistência ao processo de modernização cemiterial imposto pelo governo da época. (BASTIANELLO, 2010, p. 42)

Aqui, vale uma retomada importante: o simples fato de que o cemitério se tornou público não necessariamente faz com que ele se torne laico em um primeiro momento, pois a concepção de público¹⁹ é anterior ao estado laico. No Rio Grande do Sul, o Estado passará a ser laico com a Constituição de 1891²⁰, de influência notadamente positivista. A principal característica desta carta foi a separação entre Estado e Igreja.

¹⁹ Tornar algo público: que vem da República, período político estreado na Roma Antiga.

²⁰ “A Igreja e o Estado passaram a ser instituições separadas. Deixou, assim, de existir uma religião oficial no Brasil. Importantes funções, até então monopolizadas pela Igreja Católica, foram atribuídas ao Estado. A República só reconheceria o casamento civil, e os cemitérios passaram às mãos da administração municipal. Neles, seria o livre culto de todas as crenças religiosas. Uma lei veio completar, em 1893, esses preceitos constitucionais, criando o registro civil para o nascimento e o falecimento das pessoas. [...] As medidas refletiam a convicção laica dos dirigentes republicanos, a necessidade de apalmar os conflitos entre Estado e Igreja e o objetivo de facilitar a integração dos imigrantes” (FAUSTO, 2010, p. 251).

No caso do Rio Grande do Sul, e até do Brasil, algumas necrópoles, que antes estavam sob o controle da Igreja Católica, os cemitérios passaram para o comando da esfera pública, mas, mesmo assim, o nome continuou atrelado à esfera religiosa, como é o caso do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé.

Outro aspecto bem relevante nesse contexto de laicização dos campos santos foi a influência do Positivismo dentro dos cemitérios, passando a ter uma recorrência aumentada da exaltação da figura das lideranças públicas da época; o que, para alguns historiadores, é chamado de culto ao herói.

No Rio Grande do Sul, a interpretação do culto do herói foi excessivamente submetida ao contexto de influência do Positivismo, cuja arte funerária foi enaltecida pela doutrina criada por Augusto Comte. [...] O governo do Estado encomendou o túmulo de Júlio de Castilhos, com o objetivo de ressaltar somente o lado positivo de seus atos, inventando, assim, a figura do herói, e reforçando a memória do político para as próximas gerações. (BASTIANELLO, 2010, p. 54)

Ainda sobre Bagé, mas saindo do perímetro do Cemitério da Santa Casa de Caridade, temos a análise de outras formas de expressão ou enaltecimento da morte, e que nos ajudam a retomar as concepções dela, baseando-se nos relatos de Ariès.

Na primeira imagem (Anexo E1), podemos verificar a representação do Anjo da Justiça, embora na foto, infelizmente não muito nítida, temos esculpida a figura feminina, com traços bem fortes do gênero. Um anjo (pois possui asas), que chamaríamos de Anjo Alado, segurando a balança de pratos (símbolo da Justiça), embora a balança já não esteja mais inteira, muito provavelmente fruto do vandalismo, ou ação do tempo, mostrando novamente a ideia de descaso com a morte, como foi descrito por Harry Bellomo (2008), nas linhas anteriores deste capítulo. Nesta representação, fica elucidada a representação da morte, como juízo final, tal qual foi suscitado por Ariès (1977), também no começo deste segundo capítulo, ao mencionar uma das visões de morte da Idade Média.

Na segunda imagem (Anexo E2), temos representado sobre o túmulo da família Tristão Riet, a figura da Morte, ao estilo medieval (Pós-Peste Negra), quando o medo da morte se tornou uma constante, fazendo com que a figura dela fosse comumente representada com uma caveira coberta por um grande vestuário com

capuz preto (a cor do luto), conforme também descrito no início deste capítulo, pelo historiador francês Ariès (1977).

A terceira imagem (Anexo E3) remonta a ideia medieval, relatada por Harry Bellomo (2008), quando o historiador descreve o enterramento nas paredes das igrejas, fazendo, com isso, uma relação de poder, cuja ideia principal é de que quanto mais próximo da igreja o corpo fosse sepultado, maior era o grau de influência do morto sobre a localidade. No entanto, aqui nesta imagem, temos uma pequena diferença, o falecido (Gaspar Silveira Martins)²¹ não está sepultado dentro da parede, mas sim o seu caixão está à mostra, para que todos possam contemplá-lo.

A quarta imagem (Anexo E4) aborda uma temática bastante corriqueira na necrópole bageense, que envolve a religiosidade, havendo um número bem expressivo de artefatos religiosos (cristãos) no cemitério da cidade e também nos chamados cemitérios de fazenda, no interior do município. O caso mostrado da quarta imagem retrata o mausoléu de uma família libanesa. Ressaltando, a fronteira do Rio Grande do Sul é também considerada uma região com bastante diversidade cultural e religiosa, muito fruto da grande leva de imigrantes do Oriente Médio e proximidades que migraram para essa região.

Esse exemplo de região de fronteira é melhor elucidado por Regina Pereira, na época em que ela pesquisou o cemitério cristão e o cemitério islâmico da cidade do Chuí (Chuí, Brasil, e Chuy, Uruguai):

Através dos cemitérios, podemos observar que, nesta região, há um comportamento diferenciado, tanto dos cristãos como dos islâmicos, em relação à tolerância religiosa. No Chuí, existem dois cemitérios, o cristão e o islâmico, que se localizam lado a lado, na mesma rua. Os dois cemitérios no Brasil seguem as suas tradições, enquanto o cemitério cristão é aberto ao público, o islâmico permanece fechado, sendo acessível somente aos membros da comunidade islamita, além de não possuir lápides,

²¹ O Correio do Povo de 25 de julho de 1901 estampava, em destaque, a seguinte notícia: “Tivemos ontem, pelo telégrafo, a triste notícia do falecimento, em Montevidéu, do Dr. Gaspar Silveira Martins. O patricio ilustre, cuja morte o Rio Grande deplora, tem o seu nome vinculado de modo imperecível à história do nosso Estado, que ele muito amou e por cujo progresso moral e material muito se esforçou. O Rio Grande do Sul chora a morte de Silveira Martins que, com justa razão, figurará na galeria dos nossos varões ilustres como um grande patriota. A notícia da sua morte espalhou-se ontem rapidamente pela Capital e, desde logo, os escritórios dos jornais foram procurados por grande número de pessoas que, pesarosas, pediam informações a respeito. O Dr. Gaspar Silveira Martins devia completar no dia 5 de agosto próximo, 66 anos de idade”. Silveira Martins estava, ainda, no exílio em Montevidéu, apesar da Paz de 1895, assinada em Pelotas, pondo fim à Revolução Federalista de que fora o chefe civil (PÁGINA DO GAÚCHO, s./d.).

monumentos ou edificações. Nota-se, portanto, que esta comunidade preserva o uso de seus ritos tradicionais. (PEREIRA, 2008a, p. 270)

Já no Chuy, pelo lado uruguaio, a pesquisadora começou a encontrar algumas diferenciações; mesmo assim, é mantido o respeito aos símbolos religiosos, não havendo misturas de simbologias; caso que não acontece no Chuí brasileiro, ocorrendo, portanto, o sincretismo religioso.

No Chuy, encontramos uma novidade. Ali existem apenas um cemitério que abriga tanto cristãos como mulçumanos. É possível perceber túmulos cristãos ao lado de túmulos mulçumanos. Isto pode ser facilmente identificado, pois os elementos normalmente constantes nos túmulos cristãos, como cruz e vitrais com motivos religiosos, não estão presentes nos túmulos islâmicos. Por outro lado, as sepulturas maometanas possuem elementos diferenciadores, como a cúpula árabe, simulando a mesquita. (PEREIRAa, 2008, p. 270)

E o pensamento sobre o assunto segue:

Acreditamos que esta ocorrência indique uma tolerância religiosa, resultante de uma longa convivência de indivíduos de duas vertentes religiosas, em uma comunidade tão pequena, fazendo com que, a partir da tolerância, fosse dado o próximo passo, no caso, o sincretismo religioso, ao passo que podemos encontrar túmulos com cúpula árabe, com fachadas cristãs. (PEREIRA, 2008, p. 271)

Voltando a Bagé, entretanto não mais somente para o cemitério da Santa Casa de Caridade, mas sim, para as necrópoles da zona rural, notamos um predomínio de mausoléus, túmulos e sepulturas ligadas ao campo religioso, sendo o que o marco definidor cultural é a cruz (Anexos F1, F2, F3 e F4). Embora, para o sul-rio-grandense da fronteira, a religião fosse coisa de mulher (FLORES, 1993), na hora de expressar o sentimento da morte, o simbolismo cristão fazia-se presente, independentemente do gênero. Os cemitérios de fazenda trazem outra peculiaridade consigo: a pouca suntuosidade, se comparados às necrópoles citadinas, que têm ruas, alamedas e diferenciação social. O campo santo do meio rural é desorganizado, com o mato (capim) mal aparado, sendo que o centro do cemitério é do proprietário mais velho da terra, no caso, o primeiro falecido.

3.2.2 Viamão

Dando continuidade ao nosso trabalho de estudo comparativo, resultado do grupo de pesquisa cemiterial, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, chegamos ao município de Viamão²². Diferentemente de Bagé, Viamão faz parte da Região Metropolitana de Porto Alegre, sofrendo diretamente a influência da capital do estado, em oposição a Bagé, que está na fronteira com o Uruguai e recebe toda a sua influência.

O município de Viamão conta, atualmente, com quatro cemitérios: Rural Antigo (1923); Rural da Estiva (1941), Cemitério 2 de Novembro e Cemitério Nossa Senhora da Conceição (1972).

No cemitério Rural Antigo, muitas construções antigas foram sendo repostas por materiais mais atualizados, sendo mantida apenas a estrutura original daqueles túmulos mais “firmes”, comparado ao cemitério da Estiva, no Rural Antigo, há uma relação monetária maior (BELLOMO, 2008). Ainda nesta localidade, é percebido um número importante de imagens dirigida à Maria, Mãe de Jesus. Além disso, num âmbito mais generalizado, há um grande número de cruzeiros, simbolizando, portanto, a presença marcante do Cristianismo na região.

Já no Cemitério Rural da Estiva, que, conforme registros, foi inaugurado em 1941, segundo o pesquisador Daniel Meirelles (2008), pode ser avistado ao longe, pois, mesmo sendo construído em 1941, seguiu a idealização do “afastamento da morte”, e também a concepção de higiene, pois foi construído num lugar isolado e alto, onde, portanto, ficasse longe do núcleo urbano da comunidade da Estiva e fosse alto o suficiente para que a natureza desse conta de varrê-lo. Outra característica abordada por Daniel Meirelles é que o cemitério desse distrito tem dimensões pequenas e de pouca renda familiar, se comparado ao Cemitério Rural Antigo.

O Cemitério Novo (Nossa Senhora da Conceição) é caracterizado pela ausência de estatuária, há o predomínio de enterramentos em catacumbas, fazendo com que a maior expressividade em relação à morte seja através dos epitáfios, com

²² Habitada primitivamente por povos originários de descendência mbyá-guarani e kaingang, está localizada a 10 km de Porto Alegre, com seu espaço geográfico limitado pelos municípios de Capivari do Sul, Glorinha, Gravataí e Santo Antônio da Patrulha. Tornou-se um dos primeiros núcleos de colonização do Rio Grande do Sul a partir de 1732, com a vinda dos primeiros colonizadores, procedentes de Laguna e São Paulo e sua fundação efetiva data de 14 de setembro de 1741, com o início da construção da Igreja Nossa Senhora da Conceição.

algumas pequenas simbologias ligadas ao mundo cristão, como, por exemplo, o ramo de palma, pequenas cruces ou imagens marianas.

Mesmo com tanta religiosidade expressada, temos, também, elementos que podemos configurar como a negação da morte, como podemos verificar nos epitáfios por lá encontrados: “Eu Sou o Cara, estou numa viagem pelo espaço”; “Embora nossos filhos não te vejam mais, continuamos te amando”; “Tu não partiste, te ausentaste” (BARROSO, 2008, p. 1407).

Quando fazemos uma breve análise desses epitáfios, percebemos a nítida negação da morte, que algumas famílias fazem com mais ou menos força. Na primeira frase, a fala do morto ganha vida, pois, pelo próprio epitáfio, o morto faz questão de enfatizar que ele está viajando pelo espaço, num momento fora de contextualização; portanto, se essa frase fosse lida sem uma antecipação dos fatos, poder-se-ia dizer que poderia ter sido dita por algum astronauta e que não é uma fala de despedida.

No segundo epitáfio, também, se fôssemos usar o artifício da descontextualização, uma das ideias que poderia ser lançada quanto à frase é que houve uma separação litigiosa e que um dos membros do casal saiu e nunca mais voltou, deixando saudade aos filhos. Em momento algum, portanto, foi levantada a questão da morte como origem da frase.

Essa mesma interpretação pode ser usada para o terceiro epitáfio, em que a tentativa de negar a morte perpassa a interpretação de dois verbos existentes na mesma frase, no caso “partir” e “ausentar”, elucidando que o verbo partir, nesse caso, dá a ideia de ir embora para não mais voltar; diferentemente de ausentar, passando a noção de que quem está ausente pode, talvez, um dia estar presente outra vez.

Ainda analisando o Cemitério Novo de Viamão, trazendo a problematização dos epitáfios, também evidenciamos outras frases, que remetem à visão de morte expressada naquela cidade, como, por exemplo, as que remetem o ofício do morto, ou a sua religiosidade, como podemos evidenciar: “Ficamos com a lembrança do teu bom caráter, amigo da Guarida Imóveis.”; “Obrigado por tudo”; “Gratidão”; “Saudade”; “Aqui jaz um amante do Chorinho”.

No primeiro epitáfio, que pertencia ao túmulo de um corretor de imóveis, ficou registrado o apreço profissional de seus colegas, fazendo exaltação do caráter do

empregado da firma, diferentemente dos três próximos epitáfios nos quais fica destacado alguma mensagem de carinho mais interpessoal.

Na última frase, podemos levantar duas análises: a primeira delas é o termo usado “aqui jaz”²³, essa frase, num contexto mais arcaico, era muito corriqueira nas sepulturas. Tal termo, advindo do latim medieval, foi substituído por frases mais atuais, como: “aqui descansa”, “repousa”, “dorme eternamente”. O outro aspecto, retomando o parágrafo anterior, está direcionado àquilo que o morto fazia ou gostava em vida. No caso elucidado pelo epitáfio, era o chorinho, como estilo musical, e o tocar do bandolim, posto o que está demonstrado na sua lápide: Rocha do Bandolim.

Dentro das inúmeras manifestações artísticas que contemplam os campos santos de Viamão, um dos menos utilizados são os mausoléus. Na época dessa pesquisa, a surpresa é que não tínhamos encontrado nenhum mausoléu no cemitério “novo”, fato que não se verificava no interior do município²⁴. Diga-se de passagem, uma das características bem marcantes foi o bom estado de conservação dos mesmos, como podemos ver nas imagens dos anexos.

Nos dois primeiros anexos (Anexos G1 e G2), temos a amostragem do mausoléu estilo capela. O primeiro, localizado no Cemitério 2 de Novembro, é decorado com a cruz no cume do telhado, e com a porta de vidro, com um par de cruz desenhada. Na parte interna (não mostrada na imagem), há um altar dedicado a Maria. Já no segundo mausoléu, localizado no Cemitério da Estiva, temos as grades da porta em formato de cruz e, na parte superior central do telhado, temos a cruz de Lorena, também conhecida como cruz missioneira, fechando com a informação que nos foi dada pelos trabalhadores do cemitério de que a família dona daquele mausoléu vinha de Santo Ângelo, região das missões do Rio Grande do Sul.

²³ Do lat. *jacere*. [V. Int.] 1. Estar deitado, estendido, no chão ou em leito, etc.; 2. Estar morto, ou como morto; 3. Estar sepultado, inumado; 4. Estar imóvel, sereno, quieto, tranquilo. [V.T.C.] 5. Estar situado, colocado; ficar; 6. Habitar, morar, viver. [V.T.I.] 7. Apoiar-se, assentar. [V. Pred.] 8. Permanecer, continuar; 9. Permanecer, estar, encontrar-se; **jazer**-se. [V.P.] 10. V. **jazer**. [Pres. ind.: jazo, etc.; pret. perf.: jazi, jazeste, etc. Conjugua-se em todas as formas.] (DICIONÁRIO INFORMAL, 2019).

²⁴ Mausoléu Capela: Nesse estilo, prevalece o uso de artigos religiosos, como imagens de santos, cruzes, terços e Bíblias, artigos religiosos que remetem à fé cristã, que são “transplantados” para dentro dos cemitérios. Mausoléu Casa: Nesse estilo, nós encontramos objetos de uso pessoal ou coletivo do morto e que também podemos encontrar dentro de nossas casas, como fotografias, instrumentos musicais, peças de roupas, etc (PRIETSCH, 2008).

As três próximas imagens (Anexos G3, G4 e G5) retratam o mausoléu no estilo casa, sendo que os dois primeiros estão no cemitério da Estiva, e o último no Cemitério Rural Velho. No Campo Santo da Estiva, novamente, fica evidenciado aquilo que havíamos constatado anteriormente, como um cemitério mais humilde, com pouco recurso financeiro; porém, na terceira imagem, temos um conjunto de mausoléus casa, sendo que o destaque é a forma como foram construídos. Todos daquele corredor tinham uma varanda, ou como se fala em outras regiões, uma sacada, reproduzindo a entrada de uma casa.

No último conjunto de imagens (Anexos G6 e G7), ambas localizadas no Cemitério Antigo, temos a representação do mausoléu capela, diferenciando apenas no requinte da faixa. O primeiro, mais imponente, construído com pedras de basalto branco, de fácil encontro na região, tendo as partes laterais duas cruzes de vidro, diferentes da segunda imagem, cuja cruz aparece simples na parte superior do mausoléu.

3.2.3 Antônio Prado

Em Antônio Prado, cidade de imigração italiana, localizado na serra do Rio Grande do Sul, as características giram em torno de continuidades e diversificações, se compararmos aos outros dois municípios descritos. Conforme as características levantadas pelos historiadores Diego Vargas Barcelos e Thiago Pontes (2008, p. 597-598):

O desenvolvimento econômico da região é sensivelmente notório nos cemitérios da cidade de Antônio Prado, pois o que vem se observando é uma constante transformação na sua área espacial e uma reformulação em sua estrutura. Tal transformação também ocorre nos cemitérios, onde podemos notar mausoléus casa, ou mausoléus capela, que, em sua maioria, são recentes e estão em bom estado de conservação, ao contrário das antigas construções ou túmulos tradicionais como de costume. Esta transformação nos demonstra que a comunidade tem um carinho especial com os seus antepassados e, por esse motivo, essas áreas das sepulturas dos familiares acompanham o desenvolvimento econômico da região, modernizando o espaço antigo, tirando as cruzes de ferro retorcidas pelo tempo e descaso, por construções (mausoléus), mais modernos e atualizados.

Como podemos verificar, em Antônio Prado, existe uma concepção diferente das outras cidades em relação ao “afastamento da morte”, que, no caso, é

deflagrado no trecho acima citado no tocante ao cuidado que é dado pelos moradores aos seus mortos, seja no cemitério do centro da cidade, área urbana, seja nos campos santos mais afastados do perímetro central. No caso de Bagé, por exemplo, existe um certo afastamento da morte, principalmente nas necrópoles de fazenda, onde o cemitério fica num canto específico da localidade, longe do núcleo habitado da propriedade rural, conforme já descrevemos na seção referente a esse município.

Na cidade Serrana, também notamos uma forte presença da figura feminina nos cemitérios, porém ainda longe dos conceitos atuais de presença feminina que se tem discutido no campo das Ciências Humanas e na sociedade como um todo, refletindo uma concepção patriarcal:

Ao entrarmos em qualquer um dos tantos cemitérios de Antônio Prado, percebemos logo a presença feminina. Existe um cuidado com os túmulos [...] havendo uma enorme presença de objetos artesanais, o que nos remete ao trabalho da mulher de origem italiana. (PEREIRA, 2008b, p. 608)

E a pesquisadora Regina Pereira (2008b, p. 609) segue seu pensamento:

Segundo o Frei Rovílio Costa, em 1974, [...] o papel da mulher sempre teve um papel de importância. Nele, se incluía a procriação, que, numa sociedade rural, significava a reprodução da mão de obra na agricultura familiar. Devido à união monogâmica, fruto da família cristã, a abnegação da mulher, frente a sua origem, para seguir com a família do marido, era de suma importância para uma economia voltada para a agricultura, onde a fonte de subsistência era o braço do imigrante plantador.

Conforme foi mencionado anteriormente, esse trecho reforça o pensamento sobre a mulher na época de 1974, em uma cidade do interior gaúcho, desconectada do pensamento dos grandes centros, quanto à atual participação da mulher na política, no mundo do trabalho, na sociedade como um todo. No caso dos escritos acima, descreve-se a relevância da mulher sob outra ótica e conceito. Ou seja, fica evidenciada a questão religiosa, pois a mulher é relegada à função doméstica patriarcal de procriação e cuidado dos filhos, fornecendo mão de obra.

A Religião Católica ensina que Maria deve ser, para as mulheres, exemplo de abnegação em nome da família. Essa devoção pode ser percebida pelo grande número de imagens da Virgem Maria nos túmulos de Antônio Prado, junto desta,

também se apresentam um número importante de “Pietás”, como mãe sofredora e piedosa (PEREIRA, 2008b).

3.2.4 Cambará do Sul

Se fossemos fazer outro comparativo, porém agora com outro município da região serrana e que também foi por nós pesquisado, a religiosidade, na necrópole, perde a força, mas não pelo fato de a população local ser menos crente em um ser superior. Por exemplo, em Cambará do Sul, onde a fonte imigracional não é a mesma de Antônio Prado, verificamos uma mudança no foco em relação à morte. Se comparado a Antônio Prado, Cambará do Sul tem em proporção uma quantidade muito mais significativa de mausoléus casa do que de mausoléus capela.

Essa diferenciação se dá muito em questão da forma como Cambará do Sul foi construída. Por muito tempo, a principal fonte de renda do município foi a indústria da celulose, com suas matas de eucalipto fornecendo matéria-prima para a indústria do setor papelero, advindas da sociedade moderna, onde o tempo do homem do campo, aquele que a natureza comandava, foi sendo substituído pelo tempo da indústria e dos relógios (BRAUDEL, 1996). Fruto desse pensamento, a religiosidade acaba ficando em segundo plano.

Para fins de esclarecimento, a reflexão de Braudel é baseada na sua visão de Paris, no processo da industrialização francesa, a partir do século XV, já o processo de Cambará do Sul é muito mais recente. Mesmo com esse lapso temporal, que também podemos chamar de anacronismo, a relação pode ser bem exemplificada, usando como pressuposto a relação Igreja, mundo rural e cidade – mundo urbano industrializado. Ou seja, mesmo que estejamos falando de universos diferentes, o processo explicativo é o mesmo, guardadas as devidas proporções.

Buscando essa relação de forma mais direta, podemos justificar que, em Cambará do Sul, assim como nas cidades industrializadas, o foco da vida muda: o capitalismo faz com que o objetivo da humanidade seja ganhar dinheiro, em detrimento dos momentos de religiosidade. Ao entrarmos nesse contexto, podemos buscar como ponto de apoio as formas como os cemitérios dessa localidade são construídos (Anexo H) e a representação referente à morte que aquela população tem. No caso específico do município dos Campos de Cima da Serra, há um

predomínio importante do mausoléu casa, aliás, chegando muito próximo do que seria um bairro de operário das grandes cidades, em que as casas são iguais umas as outras, buscando uma padronização, como podemos ver nas imagens anteriormente pontuadas.

4 A PRÁTICA PEDAGÓGICA

4.1 O PRODUTO

Para chegar aos objetivos deste projeto, elaborarei um conjunto de questões que se aproximasse da realidade da pesquisa em cemitério, e isso gerou um conjunto de perguntas (Apêndice B), que tange às seguintes ideias: a religião ou religiosidade dos alunos da escola onde trabalho (em especial os alunos do 3º ano do Ensino Médio); a visão de morte, do aluno e da família; qual a representação que um cemitério tem para aquele aluno (essa pergunta foi feita antes e depois da visita cemiterial), estabelecendo uma relação direta, no sentido de poder verificar a validade da minha prática pedagógica (o cemitério como fonte de pesquisa). Outra tentativa de validação da minha enquete visa confirmar, ou não, a ideia do cemitério como patrimônio histórico, se ele reflete o momento presente de uma determinada civilização, através das lápides, esculturas, epitáfios, etc. Essa verificação se deu na atividade final, quando foi proposta a confecção da sepultura de cada um, utilizando-se de uma cartolina. Creio que alguns puderam alegar que pretendem ser cremados (havendo essa resposta, em tese, desvalida a ideia de expressividade pós-morte, pelo menos no campo prático de pesquisa). Isso não é totalmente descaracterizado, tendo em vista a pessoalidade da resposta, pois podemos fazer valer o seguinte argumento: o cemitério é um lugar de eternização de elementos que constituem o passado, mas que não necessariamente eu posso *eternizar* este momento em uma lápide, mas posso trabalhar com a memória de outra forma e em outro local.

A seguir, segue a descrição aula a aula:

AULA 1:

- **Duração:** 1 período.
- **Assunto:** Patrimônio Histórico e Museu.
- **Objetivo:** Apresentar aos alunos a concepção que se tem de Patrimônio Histórico; relacionar o cemitério como local de Patrimônio Histórico, como ele é considerado um “museu à céu aberto”.
- **Plano de Ação:**
 - 1ª **Etapa:** Entrega do questionário qualitativo para os estudantes;

2ª Etapa: Questionamento aos discentes se eles entendem o que é Patrimônio Histórico e o que é um museu;

3ª Etapa: Após escutá-los sobre o que eles entenderam da 2ª Etapa, apresentá-lhes o Guia Básico de Educação Patrimonial (HORTA, 1999) e os conceitos referentes a esse tema, explicando o pioneirismo do Guia e o surgimento do IPHAN;

4ª Etapa: Apresentar aos alunos e alunas o que pode ser um museu (local de contemplação com a exposição de objetos que tenham relevância para a comunidade no qual se está inserido);

5ª Etapa: Comparar os museus entre si, mostrando que entre os próprios museus existem diferenças. Há museus que contemplam personalidades políticas, suas vestimentas, seus livros, até a cama ao qual dormiam. Também existem museus que contemplam a arte (escultura, pintura, arquitetura, literatura), a forma de pensar de um determinado seguimento da população e suas elites. Igualmente, existem museus que estão inseridos em bairros mais humildes, como o museu da Favela da Maré, o qual relata e expressa a vida cotidiana daquela comunidade no Rio de Janeiro, em que as pessoas e as lideranças passam à margem das histórias das elites relatadas nos primeiros museus apresentados. Nesses lugares, é retratado o cotidiano dos mais humildes, sendo as figuras centrais das exposições, no caso da Maré, os moradores da comunidade, seus trabalhos e costumes. Ou seja, quem faz a História são as pessoas de um modo geral;

6ª Etapa: Relacionar o cemitério como museu a céu aberto, podendo ser todos os tipos de museus ao mesmo tempo concentrados em apenas um local. E, assim como em um museu, o monumento se torna documento a partir do foco que o historiador/pesquisador deseja dar. Em um mesmo espaço físico, se verificam obras de grande representação política, assim como podemos presenciar túmulos de pessoas “comuns”, mas que são permeadas de representação, de memória e de História (LE GOFF, 1990).

- **Recursos:** Data Show (Power Point)²⁵ e caderno.

AULA 2:

- **Duração:** 2 períodos.

²⁵ Os *slides* utilizados encontram-se registrados no Apêndice C.

- **Assunto:** Primeira República (República Velha).
- **Objetivos:** Explicar o contexto da República Velha (1889-1930), no que tange o contexto histórico, político e filosófico no Brasil e, em especial, no RS desse período.
1ª Etapa: Contextualizar os/as discentes da periodização histórica (República Velha), seu início, ao final do Império Brasileiro, e seu término com a ascensão de Vargas em 1930.
2ª Etapa: Apresentar a filosofia positivista, como uma das propulsoras da política nacional e sul-riograndense da época e seus reflexos; entre eles, a Constituição de 1889.
- **Recursos:** Data Show (Power Point²⁶) e caderno.

AULA 3 (A SAÍDA A CAMPO):

- **Duração:** 120 minutos.
- **Objetivos:** Apresentar os principais políticos positivistas do Rio Grande do Sul sepultados no Campo Santo da Santa Casa; relacionar o cemitério com o que foi explicado na Aula 1.
1ª Etapa: Explicar a importância do cemitério como um museu a céu aberto, destacando a sua importância como Patrimônio Histórico e Cultural;
2ª Etapa: Fazer uma breve explanação do motivo pelo qual o Cemitério da Santa Casa está naquela localização em nossa cidade;
3ª Etapa: Caminhada pelo campo santo, utilizando o “percurso positivista”, sugerido pelo CHCSCMPA, com algumas adaptações. Por exemplo: durante a caminhada, faremos uma aproximação com a realidade do “mundo dos vivos”, trazendo à tona questionamentos sobre a geografia econômica do local mostrando a organização espacial: ruas principais sepulturas mais suntuosas, catacumbas onde fica a classe média, chegando ao fundo (periferia), onde apenas existe uma sepultura com a cruz e alguma data;
4ª Etapa: Consiste no momento da reflexão e pesquisa: os alunos se organizarão em grupos (máximo 5 componentes) e percorrerão o cemitério por caminhos de livre escolha. Será pedido a eles que observem os demais túmulos, tirando fotos e anotando epitáfios, caso lhes chamarem a atenção. Após isso, na aula seguinte,

²⁶ Os *slides* utilizados nessa aula encontram-se registrados no Apêndice D.

deverão confeccionar e entregar numa cartolina (Anexo B), como seria o túmulo de cada um.

- **Recursos:** Caderno e *smartphone* com máquina fotográfica.

O objetivo dessa atividade, após a aula no cemitério, é, justamente, recapitular a ideia de que o cemitério é um museu a céu aberto, pois nele ficam expressadas as ideias e as visões de morte de públicos variados, posto que a História não é feita somente de grandes personalidades, mas todos a compõe de certa forma, cabendo ao historiador a análise das fontes, dos documentos que, ao longo do tempo, se tornam monumentos, para daí ser inserido como uma patrimônio histórico, como bem aborda Le Goff (1990, p. 545).

Ao preconizar os pressupostos de uma educação que possibilite interrogar os processos históricos a partir do patrimônio, preservar o bem patrimonial é estudá-lo na trama urbana ou rural que lhes deu sustentação. Um palacete residencial ou uma casa de câmara; um saber fazer ou uma forma de expressão, uma paisagem do processo de interação do homem com o meio natural são temas para a educação patrimonial.

Dessa forma, pode-se finalizar com as palavras de Le Goff, nas quais, mais uma vez, é demonstrado que todo documento é monumento, e quem faz o papel de seleção dos fragmentos do passado é o historiador, sendo, neste caso, o aluno pesquisador a fazer essa monumentalização do documento escolhido para a pesquisa do seu grupo.

4.2 MUSEU TRADICIONAL x MUSEU INTEGRAL

Nesta seção, pretendemos debater as questões que envolvem os parâmetros da museologia atual em relação ao que seria o chamado museu tradicional, e o que hoje os pesquisadores da museologia abordam sobre o que envolve a ideia de museu integrado, ou museologia integrada. Esse tema nos foi levantado ao relacionarmos o cemitério, numa concepção mais antiga, como sendo um museu a céu aberto, baseando-se no aparato teórico de Pierre Norá; ao passo que a

museologia atual já não utiliza tanto essa concepção e, sim, algo mais à luz da Carta de Santiago (Anexo E), em 1972, e da Declaração de Caracas, em 1992²⁷.

A ideia que propomos, se possível, é entrelaçar ambos conceitos, afinal, o cemitério da Santa Casa – que está atrelado ao Centro Histórico Cultural da Santa Casa²⁸ – o qual, desde 2014, funciona como um museu interativo e integrado, faz o elo entre o passado e o presente da sociedade sul-riograndense, integrando-o ao povo da capital do estado, como mais um espaço de reconhecimento social. É um local de memória e pertencimento de uma população, não somente de grandes personalidades políticas, mas também de outras memórias e formas de participação na História, fazendo com que o cemitério se torne, também, um museu integrado. Quando esse campo santo foi construído, a intenção inicial era o simples fato de se ter um lugar a sepultar os mortos da cidade de Porto Alegre; no entanto, com o passar do tempo, autoridades e demais pessoas foram sendo enterradas no local pré-determinado, mesclando a suntuosidade com a simplicidade, a vida pública com a vida cotidiana, ou seja: o tradicional com o integral.

Num primeiro momento, o cemitério, visto como um museu a céu aberto, retomou, de maneira provocativa, a ideia de local de contemplação, tal qual os museus se propunham em tempos mais antigos, enaltecendo a cultura, a forma de agir e pensar de uma sociedade em determinada época, é dessa forma que Norá buscou avaliar a concepção de lugar de memória e contemplação, e por um bom tempo assim observaram-se os museus.

²⁷ Disponíveis em: http://www.museologia-portugal.net/files/texto_de_apoio_01_declaracoes.pdf. Acesso em: 9 fev. 2019.

²⁸ O **Centro Histórico-Cultural Santa Casa** foi criado a partir do Arquivo Administrativo e Museu, setor que compõe o Centro de Documentação e Pesquisa (CEDOP), uma unidade gerencial da instituição responsável pela guarda, conservação e disponibilização de documentos. Sua origem remonta o ano de 1986, por iniciativa dos administradores da Santa Casa, que, desde 1983, implantavam um novo modelo administrativo, a fim de superar a grave crise financeira pela qual passava a instituição. Antes da criação do CEDOP, parte da documentação encontrava-se em alguns porões dos hospitais, denominado de “Arquivo Morto”. Já a documentação corrente estava em alguns arquivos médicos espalhados nas diversas enfermarias e hospitais. Com o trabalho de uma equipe formada por historiadores, sociólogos e arquivistas, a documentação começou a ser tratada, organizada e reunida e, em 1987, já existia um arquivo centralizado. Em abril desse mesmo ano, foi criado o Centro Histórico-Cultural da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. Paralelamente, iniciou-se a reunião e organização de objetos utilizados na instituição, realizando-se algumas exposições temáticas para dar visibilidade ao acervo e, em 1994, foi criado o Museu Joaquim Francisco do Livramento. Também foi inaugurada uma “sala de leitura” em 1989, que passou a receber recursos e ganhou *status* de biblioteca. A partir de 2005, foram iniciadas as obras de revitalização de 8 casas localizada na Av. Independência com o objetivo de sediar o Centro Histórico-Cultural, inaugurado em 05 de junho de 2014, um espaço para a preservação da memória e incentivo às mais variadas manifestações de expressão cultural (CENTRO HISTÓRICO SANTA CASA, 2011).

Com o passar do tempo, a procura por novas ideias fez com que a museologia buscasse novos conceitos e critérios para tornar algo mais didático e acessível às demais camadas da população, a fim de que o museu pudesse chegar a todos. Os reflexos disso estão contidos na Carta de Santiago, no Chile (Anexo E), na qual consta que os museus deveriam, entre outras coisas, despertar o caráter educativo na população que os visitam, e não apenas ser um local de mera contemplação de “heróis” nacionais, ou algo do tipo.

Os museus não devem ser apanágio de um grupo social, mas exigem ampla e consciente participação e pleno engajamento de todos os setores da sociedade [...]; podem contribuir para o engajamento destas comunidades na ação, situando suas atividades em um quadro histórico, [...] ligando o presente com o passado. (ANEXO E)

Neste trecho extraído da Carta de Santiago, que foi reproduzido em 2013 pelo Simpósio Internacional de Pesquisa em Museologia, acabou sendo bem categórico em relação aos novos museus, os chamados museus integrados, explicitando a questão da inserção destes como algo pertencente a todos, e não somente a um determinado grupo. É assim que podemos vivenciar o Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre.

Nesse mesmo texto, ficam evidenciados outros aspectos referentes a essa transformação que deveria ocorrer na museologia ao longo do tempo, conforme podemos verificar:

Que esta nova concepção não implica na supressão dos museus atuais e nem nas suas renúncias [...], mas que permitem o desenvolvimento e a evolução de maneira mais racional e lógica, a ponto que possam servir a sociedade de modo efetivo, no que tange a funcionalidade de um museu, inclusive para fins educacionais. (ANEXO E)

Nesse parágrafo fica, portanto, ressaltada a crítica que era feita à museologia da época, quando poucos espaços miravam a questão social, voltando-se mais para o lado da contemplação, tal qual Pierre Norá referendava. Na última linha do texto, é levantada a funcionalidade educativa dos museus, conforme outro trecho:

Um serviço educativo deverá ser organizado nos museus que ainda não possuem, cumprindo seu papel educativo; devem ser integrados na política nacional de ensino; as escolas devem ser estimuladas a criarem seu próprio acervo e montar exposições com objetos do patrimônio local. (ANEXO E)

Embora se tenha um avanço significativo nessa relação, ainda temos algumas barreiras a serem transpostas. Um número importante de museus já faz esse serviço de resgate, engajamento e integração com a comunidade em que está inserido.

Segundo as perspectivas da museologia atual, o museu deve ser integrado ao patrimônio cultural atual de suas localidades, bem como realizar atividades pedagógicas que os conectem com a comunidade ao qual estão inseridos, mostrando as várias formas de linguagens, discursos e códigos culturais, fazendo com que seja reconhecido e valorizado pela sociedade.

Relacionando com essa descrição da museologia atual, podemos buscar o exemplo do Museu da Maré.

Em uma sociedade complexa como a brasileira, os museus particulares ou públicos devem ser espaços para diversos discursos, sendo um lugar de inclusão e de expressão da cidadania por todos. (NASCIMENTO JÚNIOR, 2007, p. 3)

Indo, portanto, ao encontro do que foi frisado na Carta de Santiago quanto à importância do museu integrado, visando ao papel de resgate de uma determinada população, posto que, muitas vezes, os museus tradicionais acabam distanciando-se deste enfoque, haja vista que o olhar que se tinha dos museus, anteriores à nova concepção museológica, constante na Carta de Santiago, reforça o esquecimento dos grupos que não pertencem à determinada origem, etnia ou gênero. Esse esquecimento faz parte da memória dessas pessoas, que também acabam sendo silenciadas. E é contra isso que o museu integrado pretende se contrapor, baseando-se nisso temos o Museu da Maré como exemplo.

Convém registrar que esse empreendimento museológico se insere no conjunto de ações que permitem identificar a manifestação da vontade de memória, da vontade de patrimônio e de museu. [...] O direito a memória e à escrita da História, passam a construir narrativas em primeira pessoa. (CHAGAS; ABREU, 2007, p. 131)

Como podemos perceber nos registros acima citados, o Museu da Maré busca resgatar essa memória esquecida, que os museus tradicionais silenciam, enfocando apenas os grandes eventos ou personalidades. O Museu da Maré é considerado uma ferramenta de comunicação que visa à luta contra o preconceito em relação à periferia, que, muitas vezes, se acentua quando se comparado ao que é visto nos museus tradicionais, puramente elitizados (VIERA, 2007).

Diante de uma casa de palafita, podemos ver uma mesa simples de madeira, o bule com café coado à pano; no quarto, uma cama, com uma rede pendurada; e roupas no varal. Esse museu apresenta uma vida longe das elites e que a história produzida pelas “grandes personalidades” não mostra. Na mesma casa, existe um espaço relacionado à religiosidade, que é chamado pelos organizadores do museu de “Tempo de Fé”, onde ficam expostos objetos ligados às religiões de matriz africana, passando pelo espiritismo, catolicismo e evangélicos neopentecostais.

Qual a relação podemos fazer com o pensamento de Pierre Norá? Em que contexto podemos relacionar o museu a céu aberto? Como podemos identificar o museu tradicional e o integrado no Cemitério da Santa Casa de Porto Alegre? E qual conexão tem isso tudo com a prática pedagógica por nós proposta?

O pensamento de Pierre Norá é bem claro nesse sentido, quando ele afirma que as necrópoles são lugares de memória e contemplação, fazendo com que se tornem museus a céu aberto. Entretanto, é importante retomar o texto de Le Goff (1990, p. 545), em que o autor enfatiza a relação do historiador com o documento e conceitua o “Documento Monumento”:

Tudo para a História pode se tornar uma fonte documental para a pesquisa, sendo que a função da monumentalização é dada ao ofício do historiador, é ele, no caso, que dará a importância para as evidências que servirão para a análise do passado.

Baseando-nos nesse conceito da monumentalização é que realizamos a nossa saída a campo, em que, num primeiro momento, foi apresentado, de modo intencional, aos alunos, aquilo que, de maneira ampla, foi explicado nas aulas anteriores: o ofício do historiador e, também, a caracterização do chamado período da Primeira República ou, como ainda é chamado por alguns historiadores, da República Velha. Após essa explanação fazemos o questionamento aos discentes: e o restante da população que viveu nessa mesma época, o que eles pensavam disso? Essas características de início da República apareciam nas demais sepulturas? Até que ponto isso aparece? Se é que aparece?

Fazendo esses questionamentos é que conseguimos ligar e propor outra forma de ver o cemitério, que não é somente um museu a céu aberto (aquilo anteriormente, chamado de museu tradicional: contemplativo), mas que também pode ser explorado, documentado e monumentalizado, tal qual o Museu da Maré,

que mostra o olhar, a História e a memória de outra pessoas; pessoas que não fazem parte da elite da sociedade, e que, por vezes, estão à margem dos eventos políticos, sociais e econômicos de seu época, sendo, portanto, silenciados ou sufocados pela elite.

A História é feita e contada sob diferentes olhares, o que, no Cemitério da Santa Casa, fica bem evidenciado. Lá, se pode encontrar o espaço do museu contemplativo, mais tradicional, aquele das grandes obras e personalidades históricas, nos quais os primeiros pesquisadores cemiteriais fizeram seus levantamentos, dando início a todo o processo de monumentalização do espaço público e patrimonial; mas também o museu integrado, em que se enquadra a maioria da população. Através de uma arte tumular, por vezes mais simples, também fazem parte do mesmo processo histórico, porém, na maioria das vezes, com outra ótica, necessitando de documentação e monumentalização, o que justifica a atividade final dos alunos, em que eles são convidados a realizar o esboço da sua sepultura, no intuito de tornar o documento um monumento, inserindo-os na História e propondo uma retomada similar ao que o Museu da Maré faz com os moradores da localidade.

4.3 PRÁTICAS SIMILARES

Com já mencionado no primeiro capítulo desta dissertação, nós tínhamos levantado duas bibliografias que se aproximavam da temática cemiterial como fonte de estudo para o Ensino Básico; no caso, as dissertações das professoras Maria Elena Pastore e Kate Rigo. Também naquele mesmo capítulo, de antemão, elucidamos as diferenciações básicas entre a nossa prática e das outras duas encontradas; porém, é bem verdade, deixamos de forma proposital a reflexão sobre as metodologias para este quarto capítulo.

A professora Kate Rigo, no seu trabalho de doutorado, que resultou no livro: “Vamos começar pelo fim?”, relata os sinais de morte sob a ótica da Psicologia; no último capítulo, ela dá exemplos de como se pode trabalhar a temática morte e cemitério no Ensino Básico. Seu foco de trabalho é voltado para o campo da História, mas, ao mesmo tempo, ela alerta que a temática cemiterial pode ter viés

educativo para outras áreas do conhecimento, tais como: Sociologia, Filosofia, Geografia, Ensino Religioso, Linguagem, Biologia e até Matemática.

[...] podemos verificar na Sociologia, as políticas públicas e o sepultamentos com as suas respectivas divisões sociais; na Filosofia, as reflexões sobre a visão da morte e os conceitos de luto; na Geografia: a erosão, os tipos de solos, tipos de rocha, fauna e flora no espaço cemiterial, lençol freático, coordenadas geográficas, localização e orientação; no Ensino Religioso, as diversas formas e visão de luto das religiões; nas Linguagens, o estudo dos epitáfios, as poesias literárias, citações em outros idiomas, as esculturas e escolas artísticas; na Biologia, a catalogação da fauna e da flora do espaço cemiterial e as questões sanitárias; por fim, na Matemática, com dados estatísticos, estudar as taxas de natalidade e mortalidade de determinado período. (RIGO, 2016, p. 133)

Segundo Kate Rigo (2016), a pedagogia cemiterial, entre outras coisas, oportuniza ao educando a possibilidade de discutir e refletir sobre a finitude humana; o cemitério como um local de memória e de arte; a demonstração de uma gama bastante ampla de concepções religiosas; a importância do luto; a conscientização do patrimônio cultural existente dentro da necrópole.

Dessa forma, podemos retomar algumas concepções já apresentadas por nós no segundo capítulo da dissertação. Por exemplo, com base em Pierre Norá, nós discutimos a concepção dos lugares de memória e os tipos de memória existentes, cabendo a uma delas o espaço cemiterial. A questão da religiosidade também é um fator a ser explorado ainda neste último capítulo. E, por fim, retomamos a ideia de patrimônio tal qual foi explorado na parte inicial desta dissertação.

Retomando a parte proposta nesta seção, elucidamos aqui a questão do luto que evolve, segundo a professora Rigo (2016), os alunos das fases finais do Ensino Fundamental e do último ano do Médio, em que a separação e a mudança para uma nova fase implicam uma sucessão de lutos, que por ela é abordada: troca de escola, fim de uma etapa de vida; encerramento do contato com algumas pessoas (colegas, professores e escola, saída da fase infantil para adolescente ou para a fase adulta – a no caso dos alunos do terceiro ano). Para isso, a autora lançou uma proposta pedagógica, dividida em quatro aulas, sendo que cada aula tem a intenção de mostrar que a morte pode ser apresentada de várias formas.

AULA 1:

- **Duração:** 1 período.
- **Objetivos:** Apresentar aos discentes um momento de reflexão e de discussão a partir da temática da morte e do morrer na sociedade contemporânea. Ter esclarecimento sobre a temática da morte, no período da adolescência é de extrema importância, uma vez que, nesse período, o adolescente passa por um processo de luto pessoal por ter deixado seu corpo infantil e estar se adaptando ao seu corpo juvenil. É intenso período de experimentações e de testagens que podem resultar em condutas de risco a sua própria vida. Assim, acredita-se que falar e discutir sobre a morte e sobre a sua finitude faça com que o/a adolescente pense antes de cometer uma atitude de risco.
- **Plano de Ação:**
 - 1ª parte: Perguntar aos discentes o que é morte;
 - 2ª parte: Breve explicação a partir das respostas dadas pelos(as) discentes;
 - 3ª parte: Os/As discentes devem registrar, por meio da escrita ou do desenho, como descreveriam a morte, caso ela fosse uma pessoa;
 - 4ª parte: recolhimento da atividade.
- **Recursos:** Folha em branco, lápis, caneta, borracha e lápis de cor.

AULA 2:

- **Duração:** 1 período.
- **Plano de Ação:**
 - 1ª Parte: Levar a turma para um espaço com audiovisual para que as imagens possam ser visualizadas pelos discentes;
 - 2ª Parte: Explicar brevemente o ritual mexicano e a cultura da festa dos mortos;
 - 3ª Parte: Ao passar as imagens, deixar uns dois minutos para os/as discentes observem e escrevam suas impressões sobre cada imagem apresentada;
 - 4ª Parte: Perguntar aos discentes sobre suas percepções diante das imagens, o que pensam sobre as crianças e adultos participarem de uma festa em comemoração à memória dos mortos, como a imaginam a reação da comunidade local, caso fosse organizada uma festa dos mortos ao estilo mexicano no dia dos finados;

5ª Parte: Pedir aos discentes que criem possíveis manchetes sobre uma hipotética realização da festa dos mortos, nos moldes mexicanos, no jorna da cidade. Discutir no grande grupo os resultados.

- **Recursos:** Data Show e caderno.

AULA 3:

- **Duração:** 1 período.
- **Assunto:** Rituais e memória mortuária em tempos de virtualização.
- **Objetivos:** Apresentar aos discentes os diferentes tipos de rituais funerários e as formas encontradas pelos vivos para lembrar os seus mortos. O tema desta aula está ligado diretamente a virtualização da morte. Atualmente, os/as adolescentes se compadecem ao luto alheio por meio das redes sociais. A participação de crianças e adolescentes nos rituais funerários da pós modernidade está cada vez menor, uma vez que as famílias acreditam que estão poupando do sofrimento. Grande parte dos(as) adolescentes virtualizados sabem pouco sobre os tipos de destinação do corpo pós-morte.
- **Plano de ação:**
 - 1ª Parte:** Breve explicação sobre a dinâmica do enterramento, cremação e transformação do morto em diamante;
 - 2ª Parte:** Divisão da turma em grupos;
 - 3ª Parte:** Em dez minutos os/as discentes deverão discutir a forma que gostariam de ter o destino final de seus corpos;
 - 4ª Parte:** Cada grupo deve ter apenas três minutos para apresentar as conclusões;
 - 5ª Parte:** Perguntar ao grande grupo como eles se sentiram ao ter que pensar sobre o seu propósito de morrer. A expressão das respostas pode ser em forma de debate ou registro pessoal, podendo ser entregue, ou não ao docente. Dependerá do perfil da turma.
- **Recursos:** Data Show.

AULA 4:

- **Assunto:** Onde moram os nossos mortos?

- **Objetivos:** Apresentar o cemitério como um espaço de memória e arte. Muitas pessoas não conhecem o valor histórico, cultural e comunitário dos cemitérios. A cultura pós-moderna está substituindo suas necrópoles por lugares que pouco se parecem com cemitérios, como no caso dos cemitérios parques ou o aumento das cremações. Essa dinâmica faz com que os antigos cemitérios comunitários ou confessionais sejam esquecidos pela própria comunidade. Apresentar aos adolescentes o cemitério como lugar de memória é uma forma de revitalizar o espaço e de incentivar a preservação da História local.
- **Plano de Ação:**
 - 1ª **Parte:** Perguntar aos discentes sobre o que eles pensam do cemitério. Possuem hábito de visitar? Visitam alguém no cemitério? Como se lembram daqueles que já foram?
 - 2ª **Parte:** Mostrar imagens de obras, sem dizer que são de necrópoles e ir perguntando o que pensam sobre elas;
 - 3ª **Parte:** Mostrar o cemitério como um importante lugar de memória;
 - 4ª **Parte:** Propor a criação de uma culminância que apresente para o espaço escolar a importância de se falar sobre a morte numa época marcada pela violência. Essa culminância deve ser nomeada pelos e pelas discentes, organizadas de maneira para que haja participação de turma de uma forma geral.
- **Recursos:** Data Show.

Como bem podemos analisar, através dos planos de aula, cada uma das quatro propostas tem um direcionamento comum: a forma de encarar a realidade da morte. Na primeira aula, uma reflexão sobre a morte e o que ela representa. Na segunda aula, a professora Rigo, através da cultura mexicana e das obras de José Posada, famoso pela temática da morte, através das pinturas coloridas das caveiras (Anexo E), retrata a ideia de festa e que a morte deve ser comemorada, fazendo uma alusão contraditória ao que representa o Dia de Finados aqui no Brasil, no qual, em outras épocas, até as rádios acabavam tocando músicas mais “adequadas” para o dia.

Por fim, e na nossa visão, as partes mais importante das quatro aulas, a terceira e quarta intervenção, se aproximam e muito da nossa proposta pedagógica; pois nestas lança-se para os alunos a relação do cemitério como patrimônio e local

de memória, problematizando a questão da preservação da memória em contra partida, o que por ela é chamado de “esquecimento do campo santo”, dentre outros fatores, pelo aumento no número de cremações, ou a mudança da característica do cemitério, pois as necrópoles se aproximam muito mais da estrutura de um parque do que de um museu a céu aberto.

Entretanto, como havia mencionado no início deste capítulo, a nossa abordagem e da professora Rigo se diferenciam sob o aspecto da didática. A nossa temática voltada para o cemitério é utilizada para a disciplina de História e como o cemitério pode se tornar uma ferramenta de estudos para o Ensino Básico, usando como pano de fundo as aulas de História e o conteúdo que as envolve, no caso a República Velha e seus desdobramentos. Além disso, a nossa intervenção prevê uma saída a campo ao Cemitério da Santa Casa em Porto Alegre. Já a professora Rigo trabalha com a morte voltando-se para uma temática ligada à Psicologia, trabalhando sempre em sala de aula. Outro ponto importante é a nossa problemática que, justamente, contesta a sala de aula como sendo o único ambiente de aprendizagem, fazendo com que a saída a campo seja uma alternativa.

Temos outros fatores que nos aproximam, entre eles, a questão da religiosidade. Na primeira aula, a professora Kate Rigo propõe uma reflexão sobre a morte e a maneira como ela é vista pelos alunos. Já o nosso trabalho questiona isso através de um conjunto de perguntas, de caráter qualitativo, que nos levam a algumas conclusões sobre morte e religiosidade. Esse questionário (Apêndice B) é apresentado aos alunos na primeira aula, das três que são propostas, incluindo a saída a campo.

4.4 OS SILÊNCIOS DOS QUE NÃO FORAM

Com todas questões e curiosidade que envolve uma aula dentro do cemitério, ainda sim, encontramos algumas dificuldades, que não podem ser colocadas, ou melhor dizendo, elencadas como algo que entra no campo dos enfrentamentos pedagógicos: como o professor encara uma determinada realidade e como ele faz para transformar a dificuldade em algo que pode virar produtivo no campo do conhecimento.

Num primeiro momento, logo que essas ocorrências começaram a surgir (bem verdade que não foram muitos, três alunos por turma, totalizando nove), fiz questão de enfatizar que, devido ao respeito que devemos ter às religiões, isso não seria problema, e que eu faria uma atividade similar com os demais, porém sem o envolvimento do cemitério em si, ou seja, sem a saída a campo. Além do respeito, enfatizei o que a Constituição nos garante a livre prática religiosa e a laicidade do Estado²⁹.

Outro grupo identificado, mas agora por meio do questionário de caráter qualitativo, que apliquei as turmas antes da saída a campo, foi o dos alunos que não iriam ao cemitério por medo, aversão, ou até por intermédio da influência familiar. Com esses acabei tendo uma conversa, mais no sentido de aproximação com a realidade histórica do cemitério, tentando garantir a eles que o cemitério pode se tornar um bom lugar de pesquisa, reforçando o que trabalhamos nas aulas anteriores a saída a campo, e a relação do documento monumento, já dito nos capítulos anteriores (LE GOFF, 1977). No entanto, a atividade não foi uma unanimidade, pois alguns pais continuaram resistindo.

Ainda tinha um terceiro grupo que, até então, eu não havia percebido, somente o percebi após a saída a campo, fazendo com que tivesse que voltar a ler as respostas do questionário qualitativo, deparando-me com aqueles que entenderam que o cemitério é um museu a céu aberto; que o documento pode se tornar monumento; e o papel do historiador e do passado que eu, enquanto membro de uma sociedade, quero deixar de legado; porém, não veem no cemitério um local da “eterna morada”, como Ariès (1977) tanto menciona.

O grupo dos que optam pela cremação vem de encontro à proposta final do trabalho, que justamente solicita a confecção em uma cartolina de como seria o “seu túmulo”. Acabaram, em parte, não sendo contemplados por aquilo que se tinha como objetivo final da saída a campo: a arte tumular (esculturas, epitáfios, fotos ou símbolos) como alvo de monumentalização. Mesmo assim, eles realizaram a cartolina, com uma pequena adaptação, onde, no lugar do túmulo, deveria ser

²⁹ Artigo 5, Inc. VI da Constituição da República Federativa do Brasil, 1988 (BRASIL, 1988): “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias [...]”.

desenhado o local onde se deveria aspergir suas cinzas, tornando outro tipo de documento em monumento.

4.4.1 O Pertencimento às Religiões de Matriz Africana

Algumas coisas ficaram bem claras quanto às religiões de matriz africana, pelo menos aquelas em que os alunos relataram, de maneira espontânea, pertencer, as quais são muito apegadas às tradições orais. Diferentemente de outras religiões como a Kardecista ou Católica, em que os seus dogmas são escritos, em Catecismo, ou algo parecido, as religiões de matriz africana passam o seu conhecimento através da oralidade, dificultando o entendimento dela sobre a proibição ao cemitério. Mesmo assim, o pouco material que encontramos não esclarece factualmente isso, mas nos ajuda a entender um pouco sobre a visão de morte que os seus seguidores têm.

Segundo a pesquisadora Juana dos Santos (2012), essa passagem é marcada por ritos complexos: aqueles que correspondem aos funerais propriamente ditos, isto é, os concernentes à manipulação do corpo, e os rituais mortuários, isto é, os concernentes à manipulação dos elementos simbólicos espirituais.

Uma vez enterrado o corpo, as partes rituais se voltam para o terreiro, no intuito de purificar o espírito do morto e daqueles que estiveram no cemitério. Esse ritual dura sete dias, e tudo começa no “terreiro”.

Na primeira fase, desde que o falecimento de uma *adósú*³⁰ do terreiro é conhecido, levanta-se um pequeno recinto provisório, coberto de folhas de palmeiras, junto ao *ilé-ibo-akú*³¹. Durante os cinco próximos dias, acontecem rituais que envolvem cantos de despedida do morto, que, via de regra, é representado por uma cuia. Durante esses cinco dias, os membros do terreiro devem estar vestidos de branco e se reúnem após o pôr do sol. Além da veste branca, os membros do terreiro devem estar com um torço branco sobre as cabeças, pois o espírito do morto está pela volta, procurando os seus pertences. Nesse momento, é acesa uma vela. Já nos dois últimos dias de rito, que é considerado o ponto alto do ritual, são ofertadas comidas ao morto, que é representado por uma cuia. Os membros do terreiro recebem uma proteção do sacerdote responsável pelo ritual. Os oráculos são consultados para saber o destino que deve ser dado aos pertences do morto. Esses pertences podem ficar no terreiro, para uma adoração posterior, ou ficar com algum parente do falecido. O espírito do morto é evocado três vezes, para que confirme a destinação dos seus “assentos” – pertences. Cânticos de despedidas são entoados, para que o espírito do morto se desapegue das coisas terrenas. (SANTOS, 2012, p. 265)

³⁰ Seguidor do Candoblé

³¹ Casa da Morte que fica no Terreiro.

Essa parte do texto da pesquisadora Juana Santos nos remete à fala dos alunos que vieram até nós justificando o seu pertencimento religioso, vindo ao encontro da explicação que alguns me deram para tal raciocínio. Eles relataram a questão de que o cemitério é um lugar de “muitas almas sem destinação”, ou seja, almas que não passaram pelo ritual e que estariam vagando à procura de um corpo para poder se manifestar. Somado a isso, uma aluna também relatou a seguinte situação: que ela poderia ir ao cemitério, mas que deveria cobrir sua cabeça com um pano branco, pois a cor branca, associada com a proteção da cabeça, impediria a manifestação da alma perdida, ou chamada de penada, por ela mesma. Entretanto, mesmo tendo esse cuidado todo, não a isentaria de cumprir todo o ritual dos sete dias no terreiro, para obter a purificação.

Outro fator que não se pode deixar passar é que existem várias correntes das religiões de matriz africana, e que, por certo, cada uma delas tem a sua visão de morte, o que fizemos, de maneira mais simplificada, foi tentar achar um ponto em comum através do Candomblé, que, dentre as várias correntes, é aquela que deu origem às outras, como a Umbanda e Quimbanda.

4.4.2 A Cremação

Outro grupo de alunos que incluímos nos silêncios da prática pedagógica, mas que também não podemos deixar de citá-los e entendê-los, são aqueles que, segundo a sua própria afirmação e também com embasamento dos questionários qualitativos, preferem a prática da cremação ao invés do sepultamento. São alunos que reconhecem o cemitério como museu a céu aberto e que, inclusive, realizaram a saída a campo, porém não encontram na necrópole o local para futuro depositário de seus restos mortais, sendo que a resposta mais recorrente para tal é o envolvimento financeiro e a praticidade que se encontra nessa modalidade.

Sobre esse tema, ainda muito recente no Brasil, se encontram poucos materiais de pesquisa acadêmica, principalmente na área de humanidades. Ao fazermos essa busca, deparamo-nos com artigos que fazem uma breve comparação entre o Brasil e algum outro país, salvo um trabalho em específico da pesquisadora Monique Leone Vidal, que faz um apanhado sobre a questão da cremação

envolvendo o Império Brasileiro e a Academia Imperial de Medicina, por volta dos anos de 1870.

Segundo a pesquisadora, o debate começou aqui no Brasil, no mesmo período em que a Europa começou a contestar o sepultamento em igrejas, lançando a ideia da higienização dos ambientes públicos, relegando ao cemitério uma porcentagem disso. Baseado na concepção higienista do final do século XIX, algumas pessoas começaram a optar pela ideia de não mais sepultar os corpos, mas, sim, cremá-los.

O debate na Academia Imperial de Medicina chegou a criar duas categorias sobre o assunto: os Inumistas (aqueles que eram favoráveis à inumação dos corpos, ou seja, aos sepultamentos); e os Cremacionistas (favoráveis à cremação dos corpos, ao invés de sepultá-los).

Os defensores da cremação, baseados nos estudos do médico Domingos Freire, afirmavam que muitas doenças eram transmitidas pelo contato que as pessoas tinham com a terra do cemitério, inclusive o surto de febre amarela que houve no Brasil da época foi em decorrência disso, dos vibriões produzidos pelos mortos. Além disso, a água que a população bebia, na sua quase totalidade, vinha de poços, que, por sua vez, passavam com o lençol da água abaixo da linha das covas, e que, portanto, os restos mortais passavam do solo até a água. (VIDAL, 2014, p. 5)

Já os favoráveis ao sepultamento tradicional baseavam-se nos escritos do doutor estado-unidense Warren que, nos seus estudos, monitorou, durante o surto de febre amarela, naquele país, profissionais do tipo: coveiros, carneiros, fabricantes de sabão e empregados da pesca de baleias, os quais, segundo ele, trabalhavam em contato direto com emanções pútridas. Lá, ele constatou que não havia qualquer relação da moléstia com os cadáveres dos cemitérios, ou com pessoal que tivessem contato frequente e direto com os mortos, derrubando, portanto, a tese dos cremacionistas. Mesmo assim, esse debate continuou por um bom tempo e sem uma resposta conclusiva para a querela.

Outra pesquisadora do assunto é Aline Silva Santos³², que procurou abordar um breve estudo da cremação e seus motivos na Romênia. Ao final do seu artigo (SANTOS, 2016), ela faz uma breve comparação com a cremação aqui no Brasil.

Segundo Aline Silva Santos, o crematório romeno teve seu início ao final do século XIX, fruto do processo de higienização que a Europa vinha passando, mas

³² Mestre pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo pela USP.

que, mesmo assim, tal qual em outros países, sofreu algumas resistências, sobretudo no campo religioso.

Em 1928, foi inaugurado o primeiro crematório romeno, porém sofrendo uma forte repressão da Igreja Católica Ortodoxa, pois esta considerava o ato da cremação uma atitude pagã, tal qual os gregos e romanos faziam na época do surgimento de Cristo. (SANTOS, 2016, p. 512)

Mesmo tendo resistência por parte da cúpula da Igreja Ortodoxa, a maioria dos que faziam uso da cremação se dizia professar a religião Católica Ortodoxa, contrariando, portanto, aquilo que as lideranças da Igreja, na época, diziam sobre o assunto. Além disso, talvez de forma inconsciente, os arquitetos do primeiro crematório romeno fizeram uma construção voltada para o lado religioso da morte, conforme relata a pesquisadora Aline Santos (2016, p. 515):

O edifício do crematório possuía um projeto arquitetônico monumental. Assemelhado a um templo, foi instalado na área mais alta de Bucareste à época, com uma vista única da cidade. Segundo o autor, os cremacionistas procuraram “harmonizar o rito da cremação com o serviço religioso”, buscando um *design* que possuísse uma capela central destinada à cerimônia de cremação. [...] Havia um domo central, inspirado na Basílica de Santa Sofia em Istambul, Turquia, tendo vidros amarelos, fazendo com que os raios solares fizessem todo um efeito dourado na parte interna do edifício.

Algumas comparações feitas pela autora nos chama atenção, entre outras: no seu início, a atividade de manutenção e organização do crematório ficava ao encargo do governo municipal, porém, aos poucos, a iniciativa privada tomou conta, devido a fortes críticas sofridas pelo governo na época.

Na parte final do seu texto, a pesquisadora Aline Santos realizou uma breve comparação entre o Brasil e Romênia, no que tange o assunto da cremação. O primeiro crematório que surgiu no Brasil foi o Crematório Municipal de São Paulo, datado de 1974, ou seja, tempos depois da Romênia. Além desta comparação, Aline Santos também fez outra constatação: a resistência da Igreja Católica, que, ao contrário da Romênia, aqui nem aconteceu, tendo em vista que a própria Igreja Católica Apostólica Romana já reconhece a cremação como prática desde 1963³³, a luz do Concílio Vaticano II, realizado pelo Papa João XXIII (SANTOS, 2016).

³³ “A Igreja aconselha vivamente, que se conserve o piedoso costume de sepultar o cadáver dos defuntos. Sem embargo, não proíbe a cremação, a não ser que haja sido eleita por razões contrárias à doutrina cristã” (Código de Direito Canônico, cânon 1176 par. 3).

Em suma, a prática da queima dos corpos, que, em nosso país, ainda é bastante insipiente, buscou, como em outros países da Europa, uma resolução que apontasse um caminho para a higienização das cidades, no processo de urbanização que desde o final do século XIX acontece em grande parte do mundo. Entretanto, é importante salientar que esse movimento não acontece de forma uniforme, sem críticas ou reflexões sobre o assunto, pois isso envolve não só questões de religiosidade, mas também a complexidade da questão patrimonial, e isso, no trabalho que desenvolvemos, ficou bem latente.

De um lado, tínhamos os alunos que entenderam a questão do cemitério como sendo um patrimônio que pertence a um emaranhado histórico, e que faz parte da conjuntura patrimonial, mas que, ao mesmo tempo, preferem a cremação pelo fato de que é algo mais sucinto, prático, como muitos relataram; gerando talvez aí outro ponto que podemos debater em outra oportunidade.

Outro ponto relevante apontado pela professora Kate Rigo é a abreviação do luto, que nada mais é do que o reflexo da sociedade do século XXI, em que a informática abreviou muitas etapas na nossa vida, encurtando-as a ponto de se tornar até, de certo modo, desnecessárias.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para buscar um maior entendimento de como seria a saída a campo, que, no início, parecia algo muito fácil, pois temos uma bagagem de dez anos pesquisando na área cemiterial, acabamos nos defrontando com a diferenciação bem específica entre a pesquisa do historiador com a função de professor do Ensino Básico. Embora seja frisado insistentemente que o professor é um pesquisador na sua essência, ficam aqui algumas reflexões ou questionamentos sobre o trabalho do professor-pesquisador.

Num primeiro pensamento, a reflexão que se faz é como pesquisar tendo que trabalhar com dezesseis turmas ao longo da semana, como pode se desenvolver uma pesquisa assim? De fato, não é fácil, porém algumas técnicas jamais devem ser deixadas de lado, entre elas, escolher a série com quem vai se trabalhar, para daí montar o projeto e seguir o rumo da pesquisa. A validade do método científico continua. E, ainda sim, a tentativa e o erro que é um dos balizamentos do método científico pode acabar nos frustrando ou nos causando boas surpresas.

A nossa experiência em sala de aula faz com que, comodamente, escolhamos aquelas séries ou turmas, que sempre nos trazem retornos importantes e, por vezes, positivos, das nossas reflexões em aula, mesmo quando nos geram algumas frustrações quando elas encapam nosso projeto. Para diminuir a probabilidade de isso acontecer, fizemos uso de alguns recursos didáticos, dentre eles, o caderno de campo, em que relatei, por alguns dias, quanto às turmas do terceiro ano (série que escolhi realizar meu trabalho de pesquisa), o cotidiano dos alunos durante as aulas de História. Nesse caderno, muitas vezes, registrei a minha angústia em levá-los ao cemitério.

No dia 13 de maio de 2017, comecei as anotações no caderno de campo. Nessa época, a escola contava com quatro turmas de terceiro ano do Ensino Médio (301 e 302 pela manhã, 311 à tarde e 321 à noite) sendo que, destas classes, somente para a turma 321 eu não ministrava aulas, portanto, acabou ficando fora do projeto.

Também relatei, nesta mesma data, a questão da diferença brutal dos alunos dos turnos da manhã comparando-se com os da tarde, baseando-me nas conversas informais que sempre mantivemos entre nós professores da escola. Segundo a fala

da maioria dos colegas, nossa escola, pela manhã, era dotada de alunos mais agitados, de uma forma geral, e em todas as séries. Acreditamos que isso leva muito em conta a quantidade numérica dos alunos neste turno ser muito maior (lembrando que nosso colégio é apenas de Ensino Médio). Já na tarde, os alunos são mais “calmos e afetuosos”. Tudo baseado nos relatos do senso comum, sempre lembrando.

Outro aspecto que notei e pontuei na sequência do caderno de campo foi a abertura que a turma 302 dava aos debates sobre a atualidade brasileira, que seguidamente realizávamos em aula. Eram mais amadurecidos neste sentido. Alguns alunos gostavam de debater sobre atualidade política, e isso, de certo modo, acabava contagiando positivamente o restante da turma, haja vista o contexto político em que estávamos e ainda estamos passando.

Já quanto à turma 301, em um determinado período da aula de História, a nossa então diretora teve de entrar em sala de aula para adverti-los do mau comportamento durante os estudos de Língua Inglesa. Fiquei apreensivo quanto a saída a campo que ainda estava longe de acontecer, mas o pensamento ruim sempre vinha à cabeça.

Por fim, o relato que fiz da turma 311 era o oposto das duas anteriores do turno da manhã. Havia ali muito da questão emotiva. Era a turma pela qual, particularmente, tinha um apreço especial, pois eles tinham sido meus alunos desde o primeiro ano, e também foi a minha primeira turma da escola quando havia ingressado no Serviço Público Estadual. Havia uma parceria boa com eles, eu sabia o ritmo de trabalho deles e, claro, eles, o meu.

Após passarmos um longo período de greve (94 dias para ser mais preciso) retornamos às aulas. Depois desse tempo todo sem aulas, pensei eu: “Meu projeto do cemitério se foi!!”, mas eis que, para minha surpresa, os alunos vieram me perguntar quando seria a nossa saída de campo; deixando-me, por óbvio, bem animado, frente a todo o contexto de retorno de greve e a frustração por termos tido, na minha opinião, uma série de derrotas para o então governo estadual.

Passado o acerto de calendário para a recuperação da greve, fixamos em 2 de dezembro daquele ano (2017) para realizar a saída a campo, num sábado pela manhã. Até a presente data, tínhamos uma verba para deslocamento, garantidas pela Secretaria de Educação (SEDUCRS), que, segundo a nossa então, estava à

disposição; mas que, devido à burocracia política e muito provavelmente pela culpa da crise, nossa verba foi cortada. Sabendo da situação uma semana antes, tive de entrar em sala de aula e conversar com as turmas sobre a situação. Nossa única possibilidade era o transporte coletivo. E foi dessa forma, pegando ônibus, que fomos até o cemitério. Marcamos um horário na parada em frente à escola, e partimos.

Após a realização da nossa proposta de trabalho, tivemos o retorno dos alunos de modo geral, muito positivo, ao passo que alguns me vieram com indagações do tipo: “quando faremos a próxima? Não poderíamos realizar à noite a mesma ida ao cemitério?”, pois o Centro Histórico Cultural da Santa Casa oferece saídas noturnas monitoradas com guia.

Dessa forma, creio ter conseguido atingir meus objetivos, mostrar aos alunos que nós temos outras formas de aprendizado, que não são somente aqueles ditos por via tradicional (professor-aluno-quadro-sala de aula), mas que podemos enxergar sobre além dos limites das paredes da sala. Mesmo assim, alguns questionamentos ainda ficaram no ar e talvez possam se tornar fonte para uma pesquisa futura, não só minha, mas de quem se interessar: como, por exemplo, de que forma Patrimônio Histórico é abordado nos livros didáticos? Nos estudos de museologia, os cemitérios têm o direito de ganhar mais espaço, tendo em vista que o turismo cemiterial tem se tornado um crescente em nosso país? Os museus e cemitérios como objetos de estudos do historiador podem e devem ganhar mais espaço nas aulas e nos livros de História no Brasil e arredores? E onde entra o IPHAN nessa participação toda? Por fim e não menos importante, como trabalhar a temática da morte em outras áreas do conhecimento, indo ao encontro do que é proposto pela professora e pesquisadora Kate Rigo (2016)?

Além disso, a própria prática pedagógica que propusemos como produto, a questão da confecção dos túmulos dos alunos, não é algo por fechado, pois a História trabalha com fragmentos do passado e não com a projeção do futuro, tendo em vista que a atividade da cartolina trabalhou sobre uma perspectiva que ainda não aconteceu, e pelo fato de os discentes serem ainda muito jovens, o assunto talvez seja ainda um campo pouco explorado por eles.

Como disse, a maioria dos questionamentos podem se tornar temática para uma futura pesquisa, porém já temos alguns norteadores, como, por exemplo, o

interesse que o assunto instigou os professores de outras disciplinas, acompanhando o processo do produto: como Arte, Religião e Linguagens, de uma forma geral, fazendo com que, em suma, o projeto possa e deva ser ampliado em pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Thiago Nicolau de. **Túmulos Celebrativos de Porto Alegre: Múltiplos Olhares sobre o Espaço Cemiterial (1889- 1930)**. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

ARIÈS, Philippe. **A História da Morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

BARCELOS, Diego Vargas; PONTES, Thiago Dopke. O Espaço Cemiterial: uma análise histórica e modernização nos cemitérios de Antônio Prado. In: BACCARIN, Onira; GUZZO, Dirce Brambatti; BARROSO, Vera Lúcia Maciel. **Raízes de Antônio Prado**. Porto Alegre: EST, 2008. p. 597-598.

BASTIANELLO, Elaine Maria Tonini. **Os monumentos funerários do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé e seus significados culturais: memória pública, étnica e artefactual (1858-1950)**. Dissertação (Mestrado em Memória e Patrimônio Cultural) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

BELLOMO, Harry Rodrigues (Org.). **Cemitérios do Rio Grande do Sul (arte-sociedade-ideologia)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

BELLOMO, Harry Rodrigues. **Estatuária e Funerária**. Porto Alegre: EDIPUCRS: 1988.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Presidência da República, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 8 fev. 2019.

CENTRO HISTÓRICO CULTURAL SANTA CASA. **Ações educativas**. Porto Alegre, [s./d.]. Disponível em: [http://www.centrohistoricosantacasa.com.br/conteudo/acao-educati va/](http://www.centrohistoricosantacasa.com.br/conteudo/acao-educati%20va/). Acesso em: 3 dez. 2017.

CENTRO HISTÓRICO CULTURAL SANTA CASA. **Institucional**. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://www.centrohistoricosantacasa.com.br/chc-santa-casa/institucional/>. Acesso em: 20 jul. 2018.

CHAGAS, Mário de Souza; ABREU, Regina. Museu da Maré: memórias e narrativas a favor da dignidade social. **Musas**: Revista Brasileira de Museus e Museologia, Rio de Janeiro, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 3, p. 130-152, 2007. Disponível em: [http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/01/Musas 3.pdf](http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/01/Musas%203.pdf). Acesso em: 9 fev. 2019.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA. **Código de Direito Canônico da Igreja Católica**. Lisboa: Editorial Apostolado da Oração, 1983. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf. Acesso em: 9 fev. 2019.

DICIONÁRIO INFORMAL. **Jaz**. [s./d.]. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/jaz/>. Acesso em: 30 abr. 2018.

DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. **Estatuários, catolicismo e gauchismo**. Porto Alegre: EDIPUC, 2002.

FAUSTO, Bóris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2010.

FERNAND, Braudel. **O tempo do mundo**. Porto Alegre: Martins Fontes, 1996.

FLORES, Moacyr. **História do Rio Grande do Sul**. 3. ed. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1993.

GIRON, Loraine Slomp. Da história nasce a memória. In: LENSKIJ, Tatiana (Org.). **A Memória e o Ensino de História**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

HORTA, Maria de Lourdes (Org.). **Guia de Educação Patrimonial**. Rio de Janeiro: Museu Imperial, 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: UNICAMP, 1990.

LENSKIJ, Tatiana (Org.). **A Memória e o Ensino de História**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

MEIRELLES, Daniel. Símbolos e estatuária dos cemitérios de Viamão. In: BARROSO, Vera Lúcia Maciel. **Raízes de Viamão**. Porto Alegre: FAPA; EST, 2008. p. 1390-1394.

NASCIMENTO JÚNIOR, José do. Apresentação. **Musas**: Revista Brasileira de Museus e Museologia, Rio de Janeiro, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 3, p. 6, 2007. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/01/Musas3.pdf>. Acesso em: 9 fev. 2019.

NORA, Pièrre. Entre memória e história: o problema dos lugares. **Projeto História**: Revista de Estudos Pós-Graduados de História, PUCSP, São Paulo, v. 10, dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 3 dez. 2017.

PÁGINA DO GAÚCHO. **Gaspar Silveira Martins**. [s./d.]. Disponível em: <http://www.paginadogaucho.com.br/pers/n-gaspar-mar.htm>. Acesso em: 25 abr. 2018.

PASTORE, Maria Cristina. **Procedimento invertido**: o Ensino de História a partir das inquietações de jovens estudantes sobre a morte na aula-visita ao cemitério. Dissertação (Mestrado em História, Pesquisa e Vivências de Ensino-Aprendizagem) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2016.

PEREIRA, Regina Zimmermann Guilherme. Cemitério Cristão-Islâmico do Chuí. In: BELLOMO, Harry Rodrigues (Org.). **Cemitérios do Rio Grande do Sul (arte-sociedade-ideologia)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008a. p. 269-272.

PEREIRA, Regina Zimmermann Guilherme. O papel social da mulher da região de colonização italiana no Rio Grande do Sul: um olhar através dos cemitérios de Antônio Prado. In: BACCARIN, Onira; GUZZO, Dirce Brambatti; BARROSO, Vera Lúcia Maciel. **Raízes de Antônio Prado**. Porto Alegre: EST, 2008b. p. 608-614.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

POSSOMAI, Zita Rosane. O patrimônio e o conhecimento histórico. In: LENSKIJ, Tatiana (Org.). **A Memória e o Ensino de História**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

POSSOMAI, Zita; GIL, Carmem Vargas. **Educação Patrimonial: Percursos, Concepções e Apropriações**. Canoas: Unilasalle, 2014.

PRIETSCH, João Maurício Martins. Mausoléus viamonenses. In: BARROSO, Vera Lúcia Maciel. **Raízes de Viamão**. Porto Alegre: FAPA; EST, 2008. p. 1409-1410.

RICHÉ, Pierre. **Educação e cultura no Ocidente Bárbaro**. Paris: Poitiers, 1995.

RIGO, Kate. **Vamos começar pelo fim?** São Paulo: Chiado, 2016.

SANTOS, Aline Silva. A cremação como escolha: o caso do contexto romeno. **Revista Morte**, v. 1, n. 2, p. 512-520, jul./dez. 2016. Disponível em: http://www.revista-tam-unirio.com.br/arquivos/2017/01/v01_n02_a13.pdf. Acesso em: 8 fev. 2019.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os Nàgô e a morte: Pàde, Àsèsè e o culto Égun na Bahia**. Petrópolis: Vozes, 2012.

VALLADARES, Clarival. **Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Conselho Federal de Cultura, 1972.

VIDAL, Monique Leone. Cremação como proposta higiênica: o debate entre os médicos da Academia Imperial de Medicina do Brasil. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO, 16., 2014. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPUH-RJ, 2014. Disponível em: http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400009544_ARQUIVO_Anpuhrio2014_MoniqueVidal.pdf. Acesso em: 8 fev. 2019.

ANEXO A - ROTEIROS DE VISITAÇÃO GUIADA AO CEMITÉRIO DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE PORTO ALEGRE

OS ROTEIROS DO CEMITÉRIO DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE PORTO ALEGRE

1) Político

A história política do Rio Grande do Sul é rica e singular. Esse é o olhar e o entendimento, inclusive, dos que abordam, pesquisam e estudam a trajetória das relações de poder no Brasil. A política gaúcha é reconhecida por suas especificidades e peculiaridades, que a distingue das trajetórias de outros estados. A bipolaridade e o confronto entre os grupos opositores fizeram do espaço regional, ao longo do século XIX e das primeiras décadas do XX, sobretudo, um animado palco de cisões, de guerras e conflitos militares. Situados como conservadores ou liberais, no Império, e pica-paus ou maragatos, depois chimangos ou maragatos, na República, representações de suas lideranças se encontram no Cemitério da Santa Casa, cujos exemplos tumulares ilustram a configuração do cenário político da cidade e do Estado.

Este roteiro inclui:

1. Félix da Cunha (1833-1865) - Panteão.

Félix Xavier da Cunha, poeta, advogado, jornalista, escritor e político.

2. Otávio Rocha (1877-1928) - Túmulo 4, 1º quadro (direita), feito pela Casa Aloys.

Otávio Francisco da Rocha, militar, engenheiro, educador, político e jornalista.

3. Emílio Massot (1865-1925) - Túmulo 14, 1º quadro (direita), feito por A Graniteira Piatelli e irmão.

Afonso Emílio Massot, patrono da Brigada Militar.

4. Borges de Medeiros (1863-1961) - Túmulo 316, 1º quadro (direita) emprestado da Família Sinval Saldanha, seu genro.

Antônio Augusto Borges de Medeiros, advogado e político.

5. Maurício Cardoso (1888-1938) - Mausoléu 118, 1º quadro (direita), escultor Caringi.

Joaquim Maurício Cardoso, advogado e político.

6. Júlio de Castilhos (1860-1903) - Mausoléu, corredor central (esquerda).
Julio Prates de Castilhos, jornalista e político.
7. Coronel Bordini (1810-1884) - Mausoléu 5, corredor central (esquerda).
João Carlos Augusto Bordini, militar, banqueiro e político.
8. Pinheiro Machado (1851-1915) - Mausoléu, corredor central (esquerda).
José Gomes Pinheiro, advogado e político.
9. Plácido de Castro (1873-1908) - Túmulo 591, corredor central (esquerda).
José Plácido de Castro, político e militar.
10. Protásio Alves (1858-1933) - Túmulo, 3º quadro.
Protásio Antônio Alves, médico e político.
11. Firmino Paim Filho (1884-1971) - Túmulo, 3º quadro.
Firmino Paim Filho, advogado, banqueiro, fazendeiro, industrial e político.

2) Social

Toda a sociedade que se apresenta na História está alicerçada por uma ordem social. A expressão das diferenças e das contradições entre seus grupos e classes é evidente pelas condições materiais de que são portadoras. Essa realidade é rerepresentada no espaço cemiterial. Ele se constitui em cenário portador de referências e explicações das relações humanas e do funcionamento da sociedade, pois, afinal, o cemitério reproduz o fenômeno social e seu movimento. Na verdade, é visível, nesse lugar, as condições de vida dos que nele estão sepultados. E o Cemitério da Santa Casa traduz com realismo a trajetória da sociedade porto-alegrense e dos que vindos de outras comunidades nela encontraram acolhimento. Mais ainda, ricas e multifacetadas histórias podem ser aprendidas em seu espaço, desde o contato com os primeiros quadros, ricamente adornados, até o Campo Santo, marcado pela simplicidade e total despojamento. Da história social observada, é notório que o Cemitério da Santa Casa acolhe a todos, indistintamente, se impondo no espectro da cidade como um dos seus espaços mais democráticos e portadores de cidadania.

Este roteiro inclui:

1. Ismael Chaves Barcelos - Túmulos 124 a 126, 1º quadro (direita).

Fazendeiro, indústriário.

2. João Leite Filho - Mausoléu 134, 1º quadro (direita).

Fazendeiro e capitalista.

3. Família Difini - Mausoléu 10, corredor central (direita), feito pelo artista José Floriani Filho.

Expoentes da colônia italiana em Porto Alegre. Joaquim Difini, presidente do Sport Club Internacional.

4. Luiz Leseigneur (s./d.) - Mausoléu 9, corredor central (esquerda), feito pela Casa Aloys.

Engenheiro.

5. Eduardo Secco (-1939) - Mausoléu 6, corredor central (direita), feito pela Casa Aloys.

Comerciante.

6. Mostardeiro (1831-1893) - Mausoléu, corredor central.

Antônio José Gonçalves Mostardeiro, comerciante.

Dona Laura (1835-1906).

Laura Rasteiro Mostardeiro (s./d.).

7. João Ferreira Porto (-1883) - Mausoléu, corredor central.

Comerciante.

8. Veador Porto (1807-1881) - Túmulo 30, 2ºquadro (direita).

José Ferreira Porto, comerciante.

9. Barão do Cahy (1817 -1884) - Túmulo 12, corredor central (direita).

Francisco Ferreira Porto, comerciante.

10. Conde de Porto Alegre (1804-1875) - Mausoléu, corredor central.

Manuel Marques de Sousa, nobre e militar.

11. Visconde de Pelotas (1824-1893) - Capela 5, 3º quadro.

Segundo Visconde - José Antônio Correia da Câmara, militar e político.

12. Família Rocco Irace - Túmulo, corredor central, feito pela Casa Floriano.

Comerciantes.

13. Barão de Nonoai (1828 -1897) - Túmulo 758, 4º quadro.

João Pereira de Almeida, nobre e militar.

14. Barão do Gravataí (1797-1853) - Túmulo, corredor central.

João Baptista da Silva Pereira, militar.

Baronesa do Gravataí (1802-1888) - Maria Emília de Menezes.

15. Barão do Guaíba (1813-1902) - Capela 34, 4º quadro.

Segundo Barão de Guaíba - Manuel José de Campos - médico e político.

16. Barão de São Borja (1816-1877) - Túmulo, 4º quadro.

Vitorino José Carneiro Monteiro, militar e nobre.

17. Barão de Camaquã (1822 -1893) - Túmulo 718, 4º quadro.

Salustiano Jerônimo dos Reis, militar e nobre.

3) Positivista

O Positivismo é um sistema de ideias concebido pelo francês Augusto Comte no século XIX. Sua difusão se deu em diversos âmbitos: político, cultural e intelectual. Atingiu ainda diferentes disciplinas, como Economia, Religião, Filosofia, Medicina, História, Geografia, Literatura e Arquitetura. O Positivismo religioso foi também uma de suas vertentes. Porto Alegre, inclusive, possui, na Avenida João Pessoa, próximo à Avenida Venâncio Aires, um dos raros templos positivistas existentes no Brasil. No Rio Grande do Sul, na virada do século XIX para o XX, o Positivismo ganhou repercussão, sobretudo entre os partidários do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR). Júlio de Castilhos retirou do comtismo ideias para a formulação política de funcionamento do estado, que foi assimilada por Borges de Medeiros e seus seguidores. A identidade da República Velha Gaúcha no estado se confunde com o “positivismo castilho-borgista”, um fenômeno histórico que esteve presente até a década de 1920, e que serviu para frear dissidências, mas também animar conflitos, como as Revoluções de 1893 e de 1923. O Cemitério da Santa Casa é o único da cidade que reúne exemplares de mausoléus e túmulos que expressam na escultura, arquitetura e em epitáfios a presença positivista, eternizando, através da memória, o vigor dessa doutrina na sociedade gaúcha.

Este roteiro inclui:

1. Otávio Rocha (1877-1928) - Túmulo 04, 1º quadro (direita), feito por Casa Aloys.

Otávio Francisco da Rocha, militar, engenheiro, educador, político e jornalista.

2. Emílio Massot (1865-1925) - Túmulo 14, 1º quadro (direita), feito por A Graniteira Piatelli e irmão.

Affonso Emílio Massot, patrono da Brigada Militar.

3. José Montauray (1858-1939) - Túmulo 90, 1º quadro (direita).

José Montauray de Aguiar Leitão, engenheiro e político.

4. Borges de Medeiros (1863-1961) - Túmulo 316, 1º quadro (direita) emprestado da Família Sinval

Saldanha, seu genro.

Antônio Augusto Borges de Medeiros, advogado e político.

5. Júlio de Castilhos (1860-1903) - Mausoléu, corredor central (esquerda).

Julio Prates de Castilhos, jornalista e político.

6. Pinheiro Machado (1851-1915) - Mausoléu, corredor central (esquerda).

José Gomes Pinheiro, advogado e político.

7. Barros Cassal (1858-1903) - Túmulo 296, 4º quadro (direita).

João de Barros Cassal, jornalista e político.

8. Ramiro Barcelos (1851-1916) - Túmulo 1169, 5º quadro (esquerda).

Ramiro Fortes de Barcelos, político, escritor, jornalista e médico na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre.

9. Frederico Westphalen (1876-1942) - Túmulo 649, 3º quadro (esquerda).

Engenheiro e político.

10. Protásio Alves (1858-1933) - Túmulo, 3º quadro.

Protásio Antônio Alves, médico e político.

4) Cívico Celebrativo

A história celebrativa evoca personagens como figuras representativas de um lugar. A eles é dada a responsabilidade por grande feitos, obras e ações que os destacam no imaginário social. Alguns estão preservados na memória como patronos de instituições ou nomes de ruas. Outros estão relacionados a datas que o calendário registra por seu significado ou são recordados em feriados. Com a morte, emerge a exaltação e seus túmulos se transformaram em espaços de celebração. Para as novas gerações, os signos de representação inscritos, esculpidos ou arquitetados em seus túmulos se revelam como lições e testemunho de reconhecimento. No Cemitério da Santa Casa, encontram-se importantes exemplos de uma história-celebração, marcas da identidade que formou o Rio Grande do Sul, estado

delineado pelas especificidades de seu passado. A necrópole reúne nomes de relevância política e militar da capital gaúcha e do Rio Grande do Sul.

Este roteiro inclui:

1. Otávio Rocha (1877-1928) - Túmulo 4, 1º quadro (direita), feito por Casa Aloys.

Otávio Francisco da Rocha, militar, engenheiro, educador, político e jornalista.

2. Emílio Massot (1865-1925) - Túmulo 14, 1º quadro (direita), feito por A Graniteira Piatelli e irmão.

Affonso Emílio Massot, patrono da Brigada Militar.

3. Maurício Cardoso (1888-1938) - Mausoléu 118, 1º quadro (direita), escultor Caringi.

Joaquim Maurício Cardoso, advogado e político.

4. Francisco de Paula Brochado da Rocha (1910-1962) - Jazigos perpétuos, 257 a 269, 1º quadro (esquerda).

Advogado, professor e político.

5. Júlio de Castilhos (1860-1903) - Mausoléu, corredor central (esquerda).

Júlio Prates de Castilhos, jornalista e político.

6. Coronel Bordini (1810-1884) - Mausoléu 5, corredor central (esquerda).

João Carlos Augusto Bordini, militar, banqueiro e político.

7. Pinheiro Machado (1851-1915) - Mausoléu, corredor central (esquerda).

José Gomes Pinheiro, advogado e político.

8. Plácido de Castro (1873-1908) - Túmulo 591, corredor central (esquerda).

José Plácido de Castro, político e militar.

9. Daltro Filho (1882-1938) - Mausoléu, corredor central (esquerda).

Manuel de Cerqueira Daltro Filho, militar e político.

5) Religioso

Na trajetória da humanidade, todas as épocas e todos os povos foram testemunhas de manifestações religiosas. O mistério, a lenda e a tradição foram as primeiras origens do sentimento religioso, que se expressa por um conjunto de pensamentos, atos e sentimentos que estabelecem a relação entre o homem e Deus. Suas evidências estão na prática da crença que se mostra pelo culto, pela devoção e pela

reverência. Culturalmente, foram criados signos e símbolos que manifestam as interrogações sobre o sobrenatural, assim como sobre o destino das almas. O Cemitério da Santa Casa é rico em alegorias e representações religiosas que permitem a compreensão das ideias e concepções de vida da sociedade local e regional. A simbologia cristã ou a de outros credos guarda significados que podem ser observados nas esculturas presentes na necrópole da Santa Casa. Ali, estão a cruz, os anjos e as “anjas”, as imagens de santos, as de Nossa Senhora e do Sagrado Coração de Jesus, as “pietás”, a pomba do Divino Espírito Santo, as alegorias da fé, esperança e caridade.

Este roteiro inclui:

1. Anjo da saudade - Jazigo perpétuo da família Luiz F. Antunes (27/04/1922), 1º quadro, sepultura 59 (esquerda).
2. Cristo ressuscitando Lázaro - Jazigo perpétuo da família Costa (s./d.), 1º quadro, sepultura 57 (esquerda).
3. Cristo batendo a porta - Jazigo perpétuo da família Cel. João Ignácio Soares (17/02/1934), 1º quadro, sepultura s./n. (esquerda).
4. Sagrado Coração de Jesus - Jazigo perpétuo da família Rizzo (s./d.), 1º quadro, esquerda.
5. Sagrado Coração de Jesus - Jazigo perpétuo da família Alfredo Mello (20/04/1935), 1º quadro, sepultura 49 (esquerda).
6. Pelicanos - Jazigo perpétuo da família Antenor Amorim (s./d.), 1º quadro, sepultura 343 (esquerda).
7. Cristo ressuscitando Lázaro - Jazigo perpétuo da família Honorato S. Marques (1929), 1º quadro, sepultura 353 (esquerda).
8. Pietás - Jazigo perpétuo da família Cel. Antônio Gomes de Carvalho (s./d.), 1º quadro, sepultura 27 (esquerda).
9. Anjo da saudade - Jazigo perpétuo da família Antonio R. Vasconcellos (s./d.), 1º quadro, sepultura 21 (esquerda).
10. Anjos - Jazigo perpétuo da família Fernandes (s./d.), 1º quadro, sepultura 119 (esquerda).
11. Santo Antônio - Jazigo perpétuo de Giacomo Bernardi (03/09/1936), 1º quadro, sepultura 56 (direita).

12. Anja do Juízo Final/pelicanos - Jazigo perpétuo da família Pedro Ellera (s./d.) - cópia de obra italiana de Monteverdi feita pelo escultor Lonardi, 1º quadro, sepultura 40 (direita).
13. Pietás - Jazigo perpétuo da família Julio M. da Silva Só (1932), 1º quadro, sepultura 96 (direita).
14. Cristo Ressuscitado - Jazigo perpétuo da família Chaves Barcellos (s./d.) - escultor André Arjonas, 1º quadro, sepultura 124-126 (direita).
15. Pomba do Divino Espírito Santo - Jazigo perpétuo da família Luz (s./d.), 1º quadro, sepultura 198 (direita).
16. Vigário José Ignácio - Jazigo perpétuo do Padre José Ignácio de Carvalho e Freitas (01/07/1877), 4º quadro, corredor central (direita).

Onde fica:

Avenida Professor Oscar Pereira, 423, Azenha - Porto Alegre/RS.

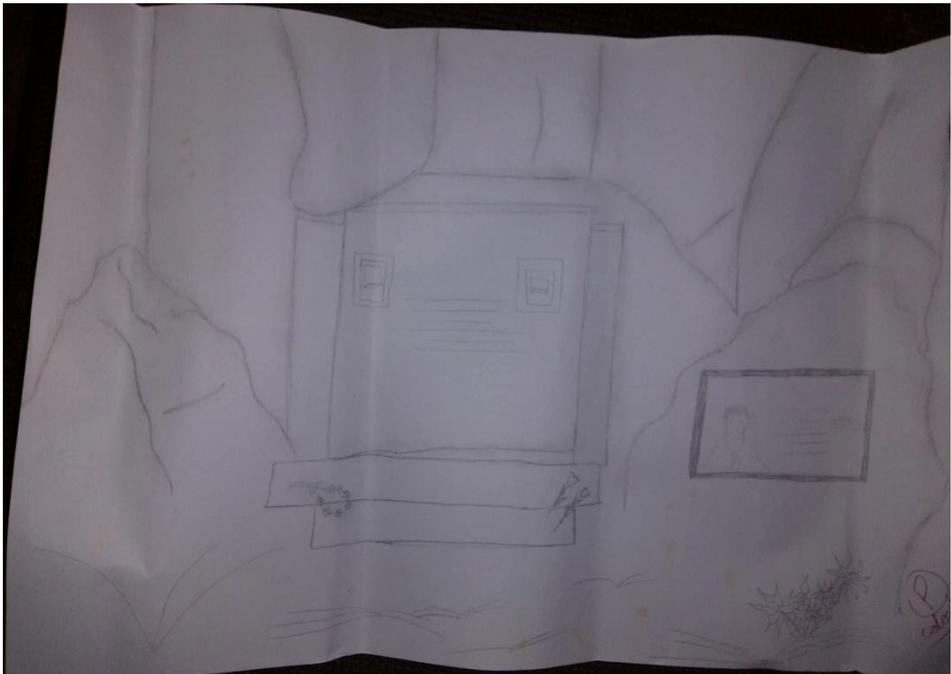
Informações:

Fone: (51) 3223.2325

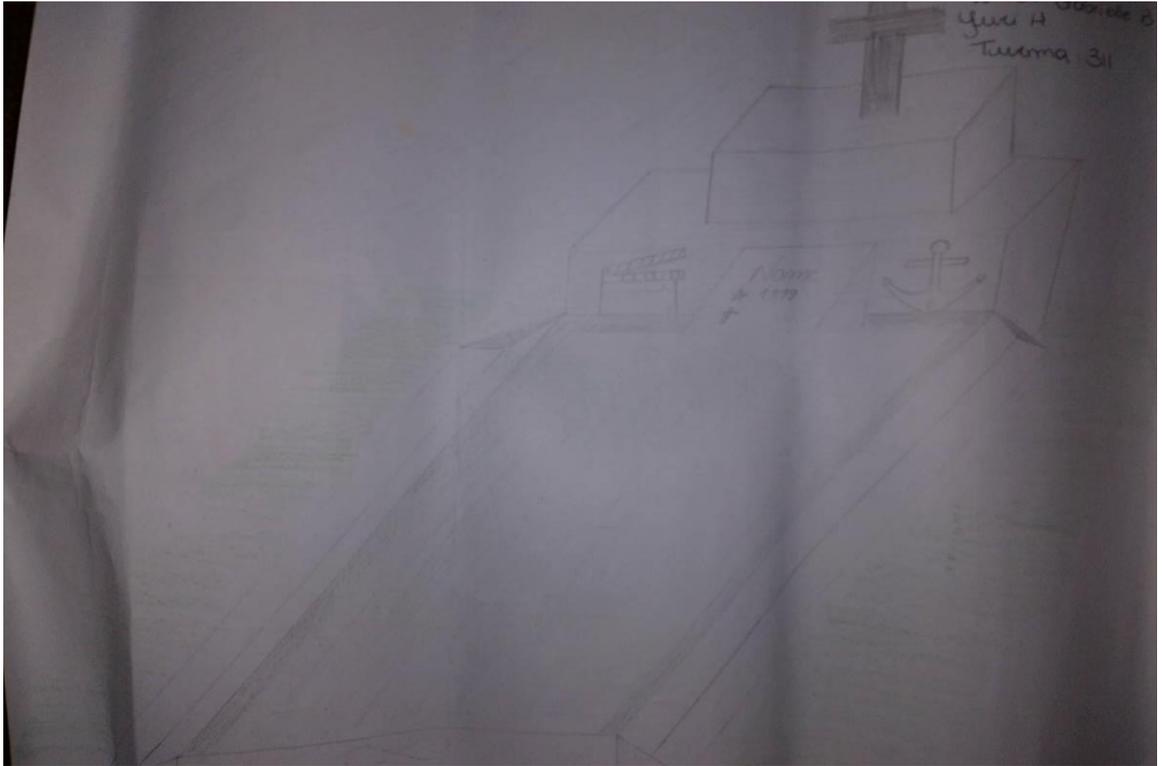
De segunda a sexta das 8h30 às 18h

**ANEXO B - FOTOS DAS CARTOLINAS PRODUZIDAS PELAS TURMAS
ANTERIORES AO PROJETO (2016)**

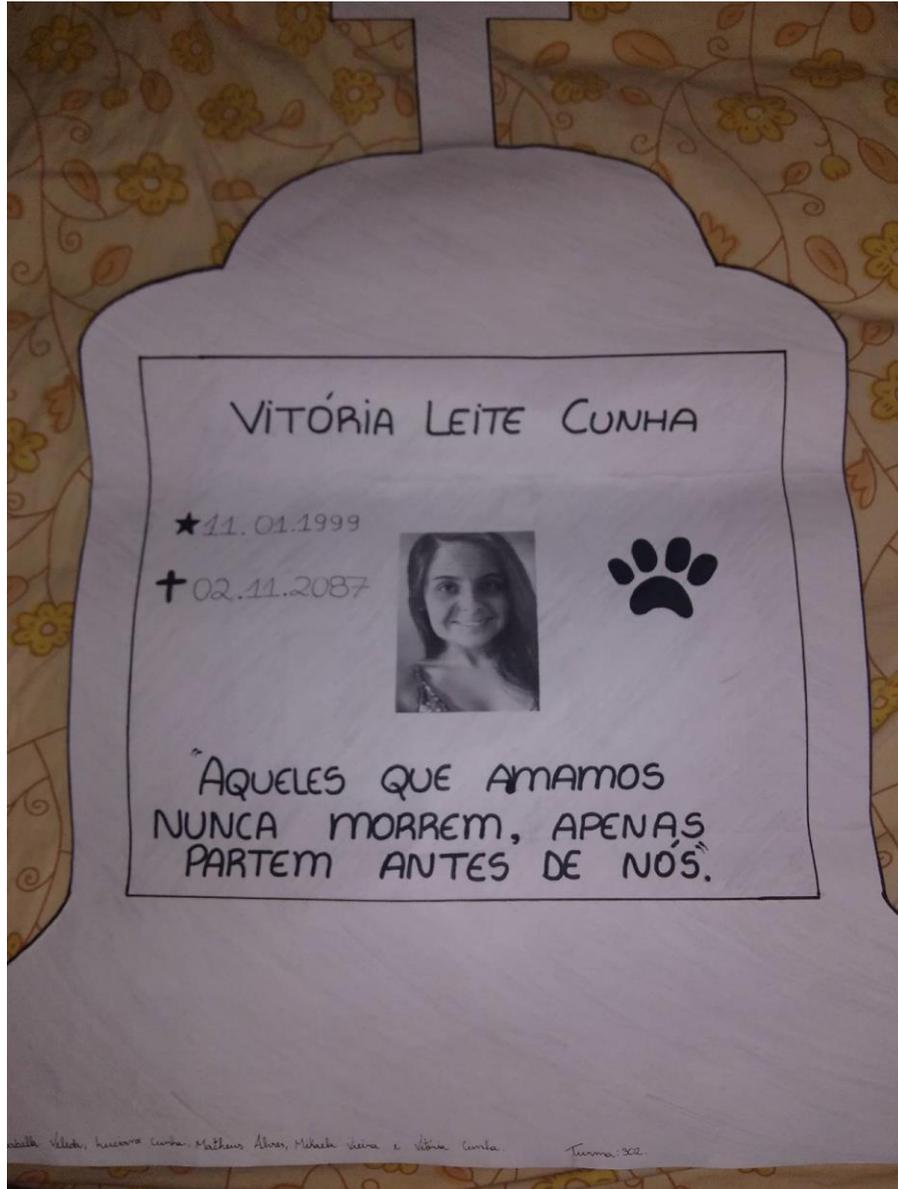






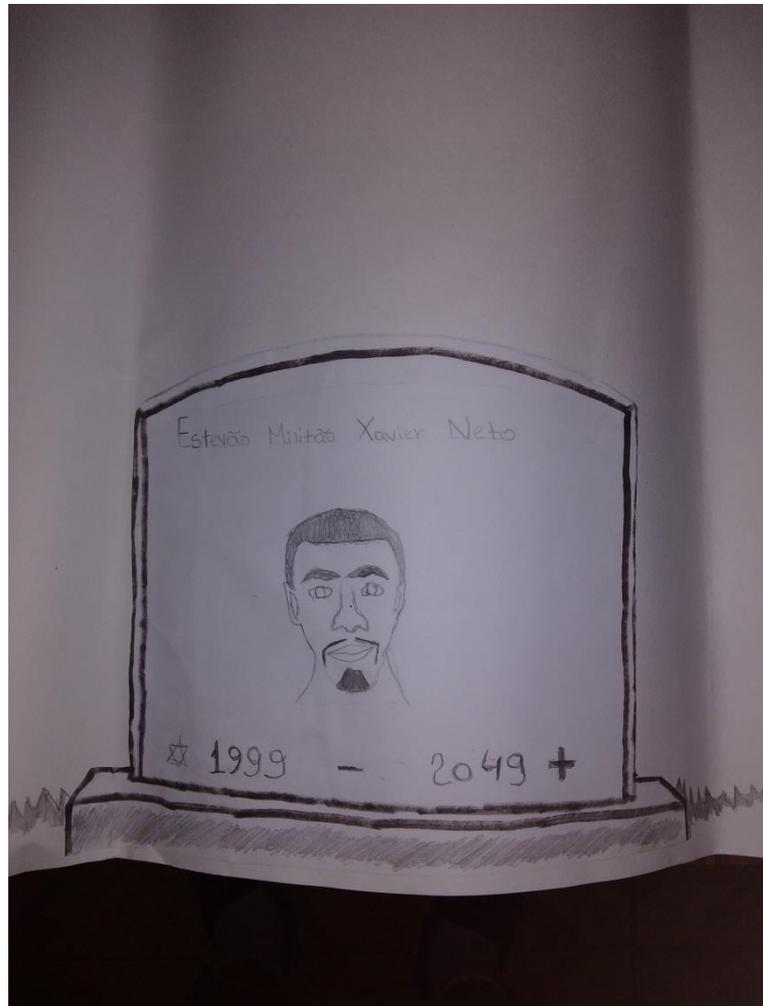


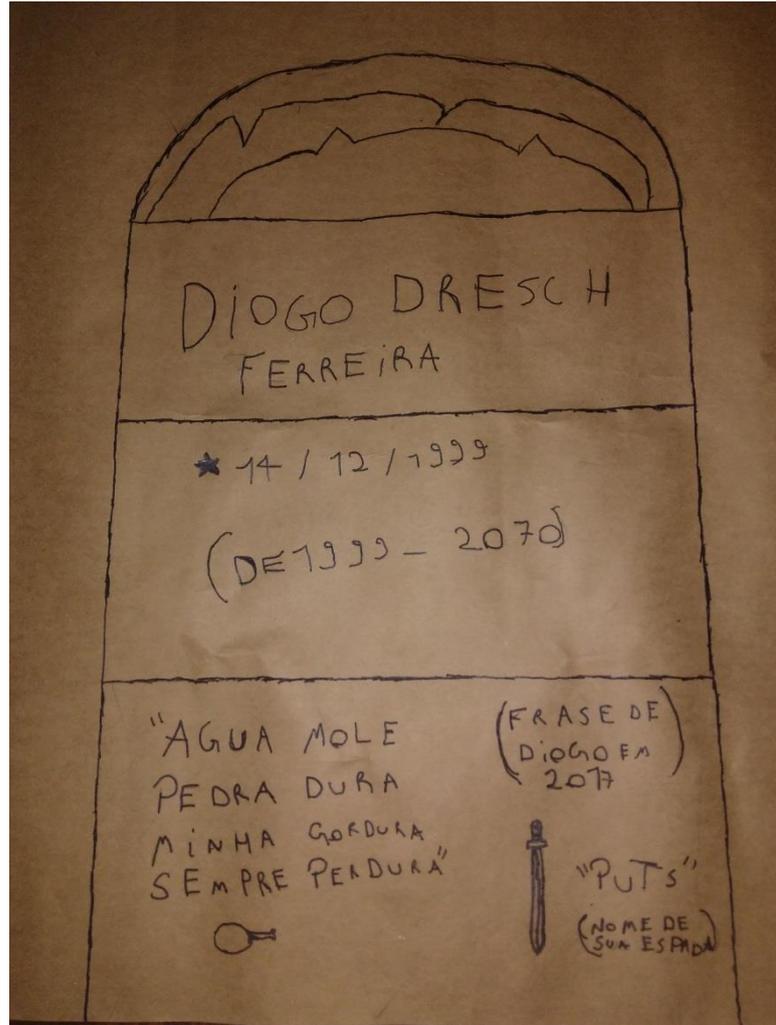




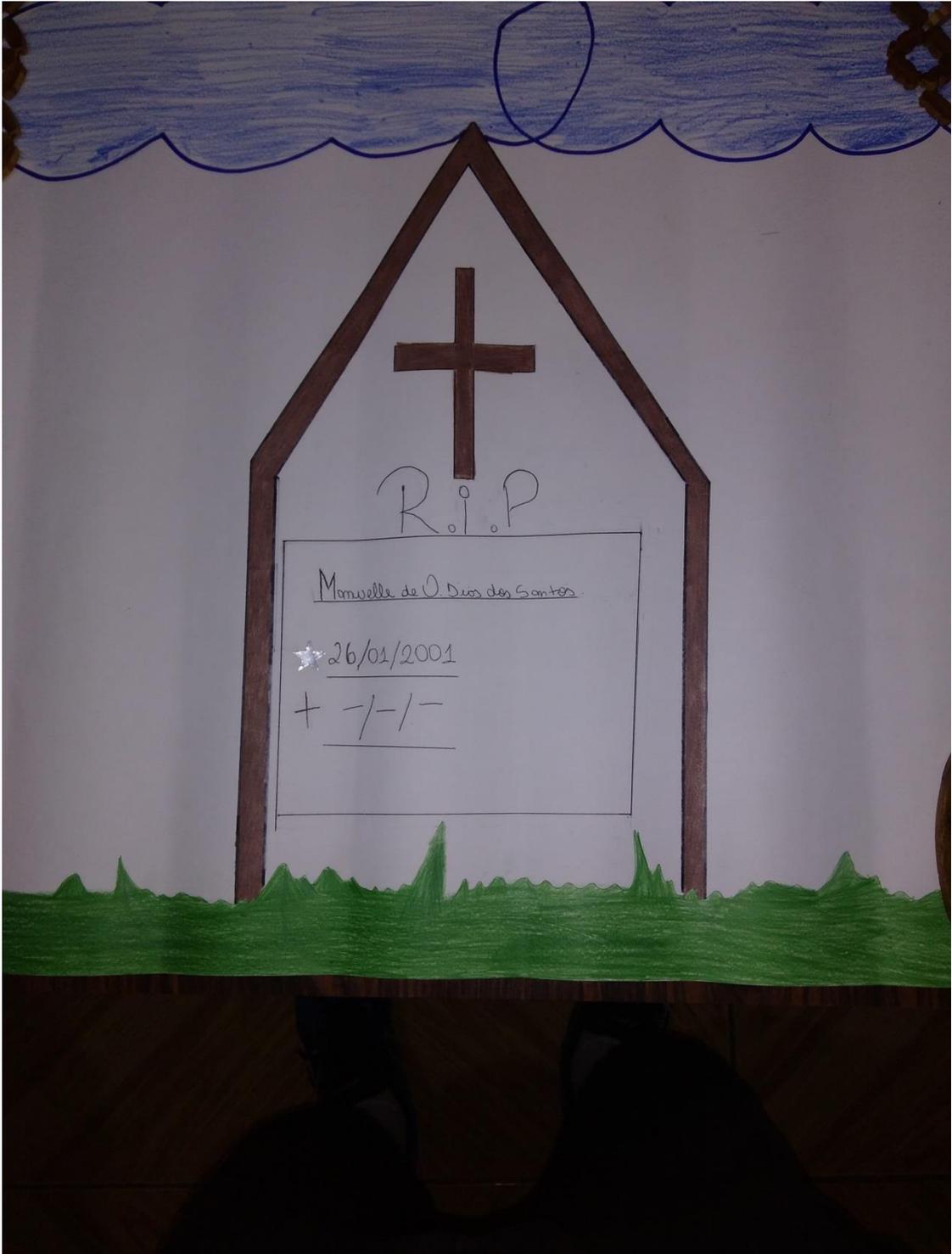


**ANEXO C - FOTOS REFERENTES AOS TRABALHOS DOS ALUNOS DO
PROJETO (2017)**

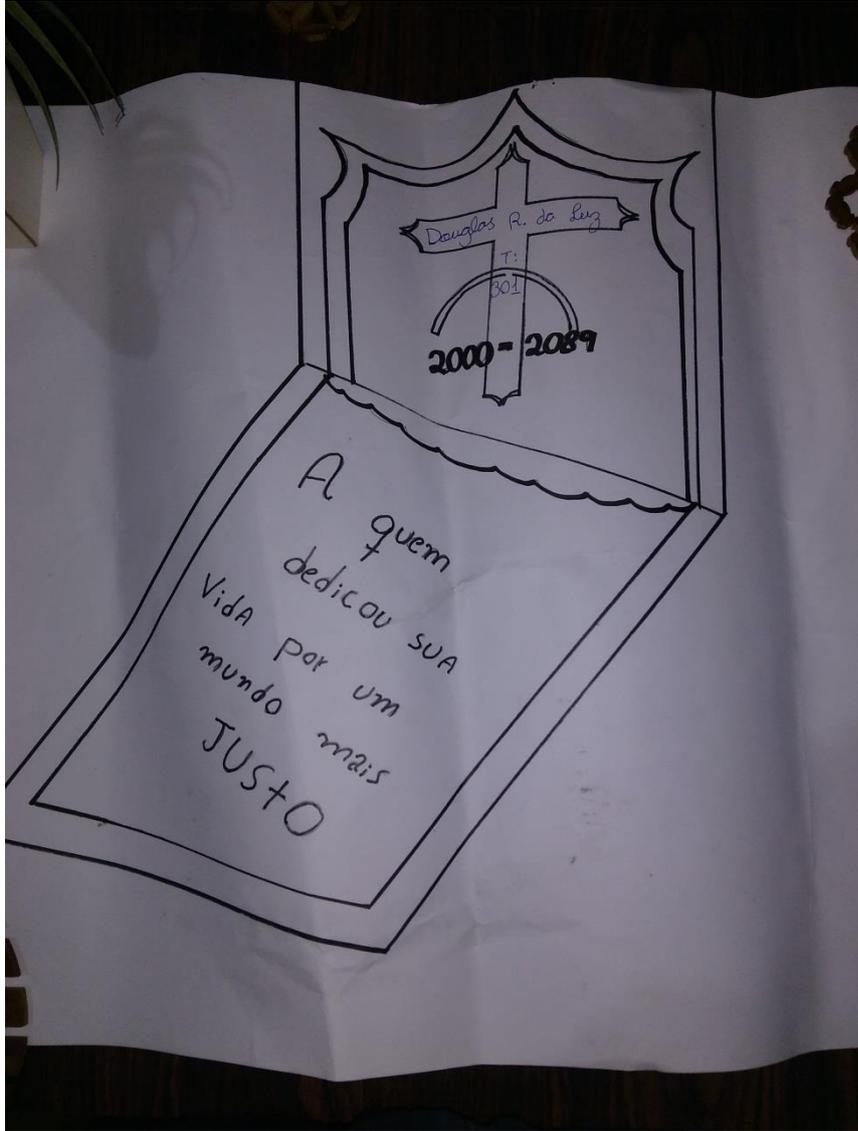


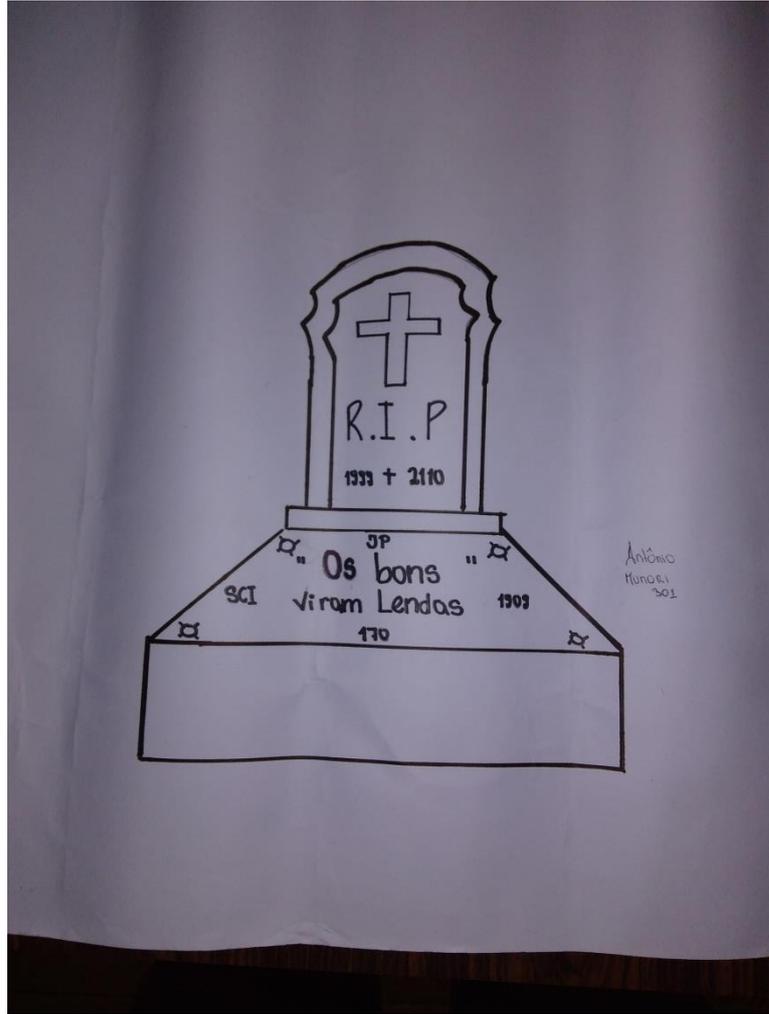


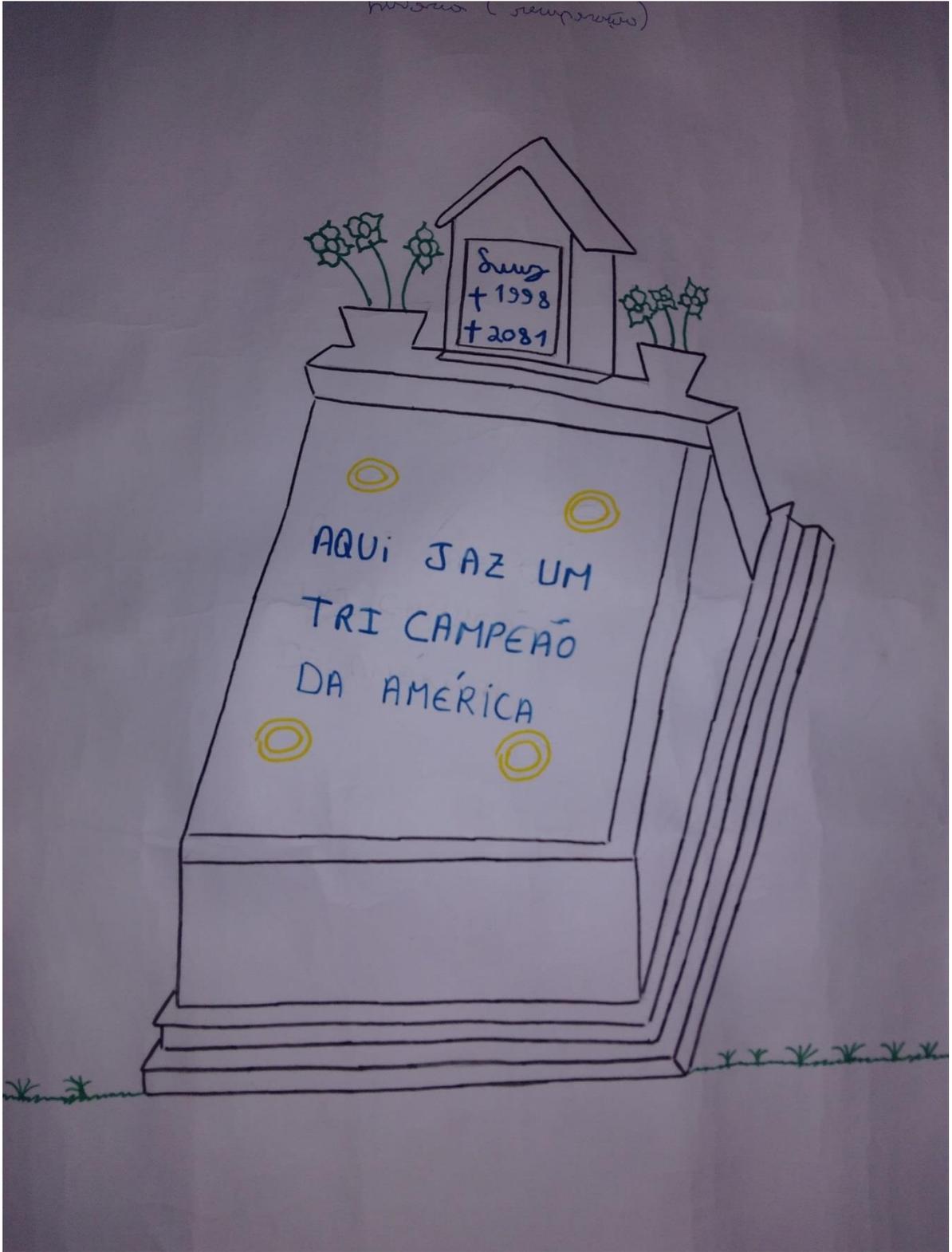


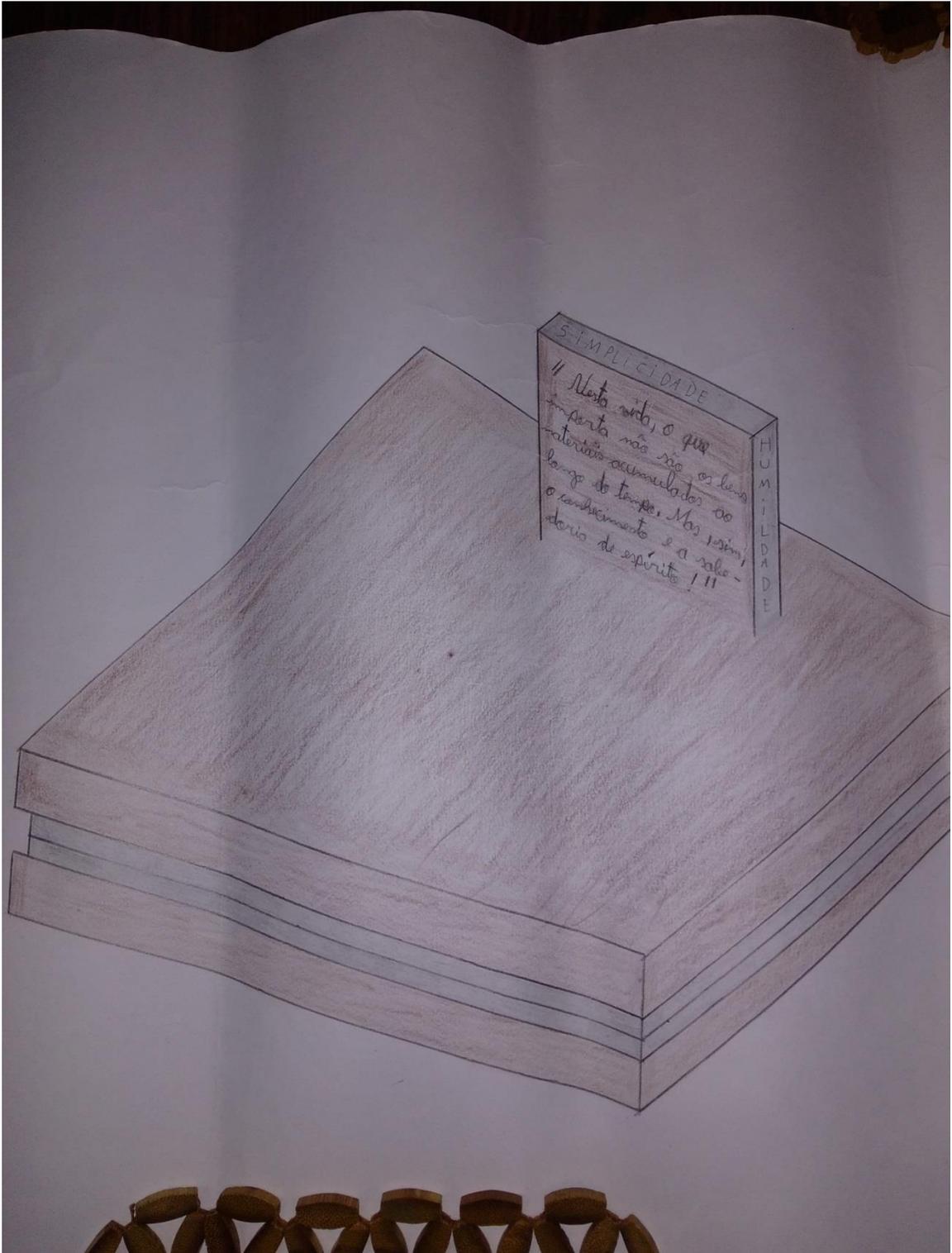


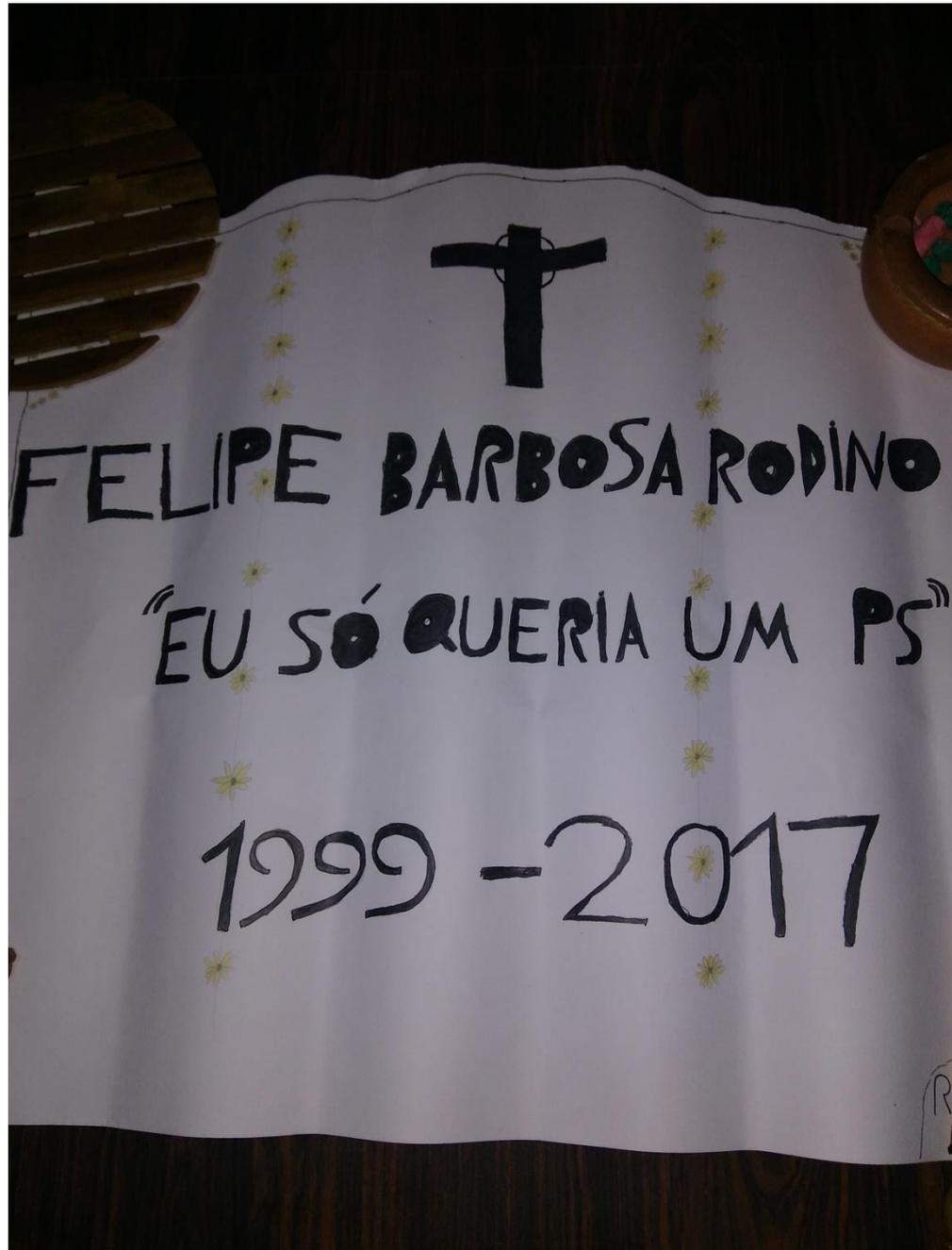


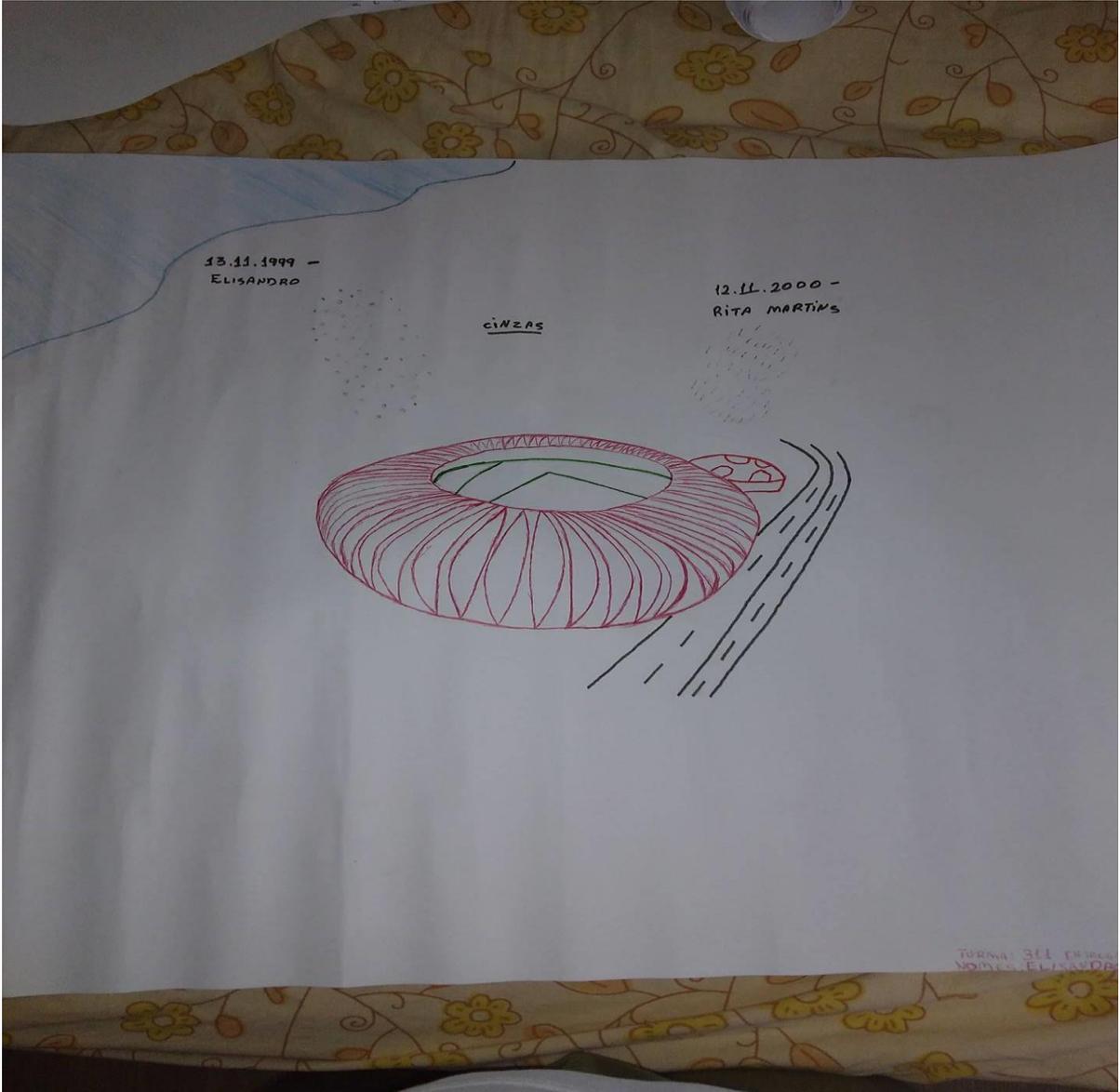












**ANEXO D - FOTOS REFERENTES AOS CEMITÉRIOS CITADOS NO SEGUNDO
CAPÍTULO**

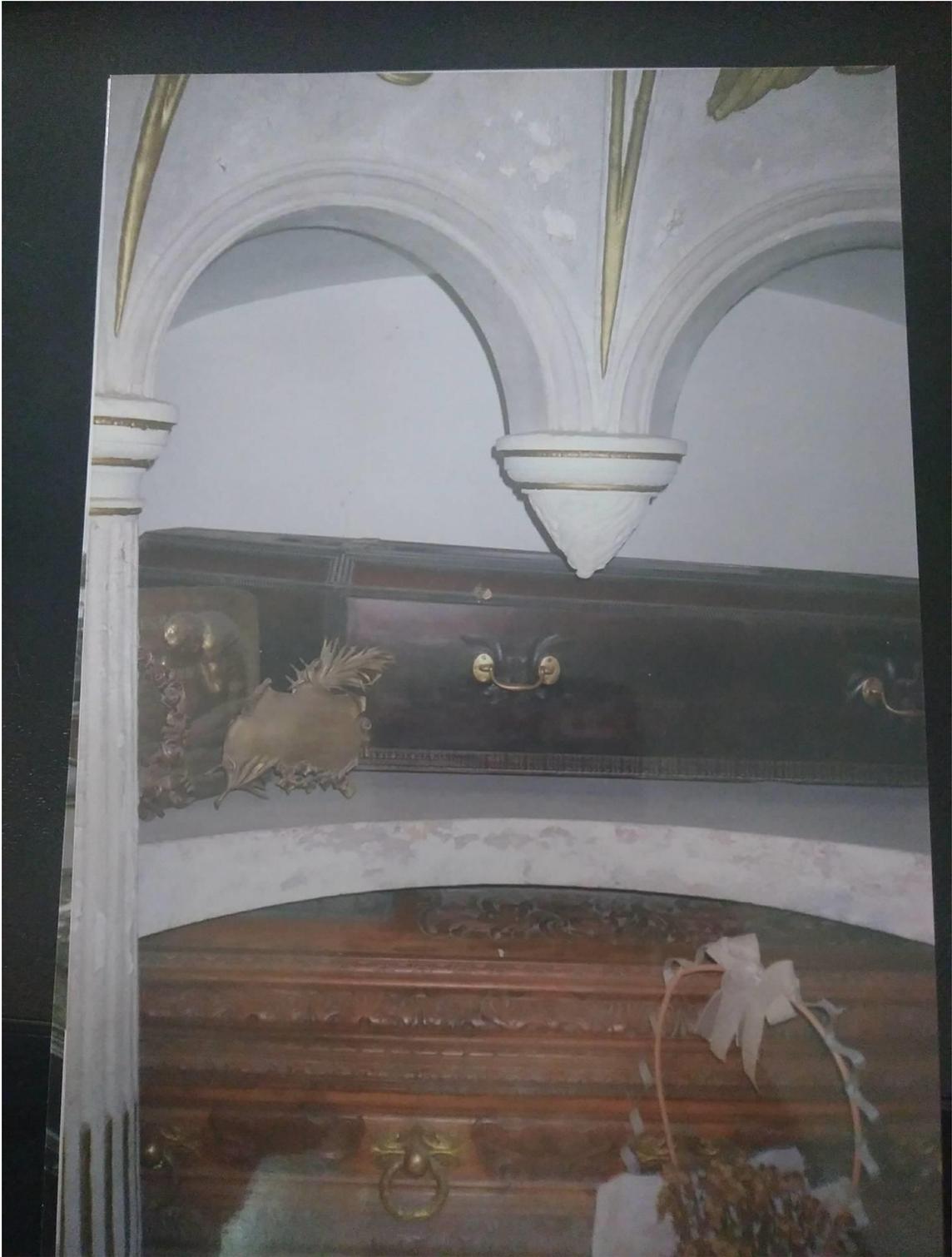
D1



D2



D3



D4



D5



D6



D7



D8



D9



D10



D11



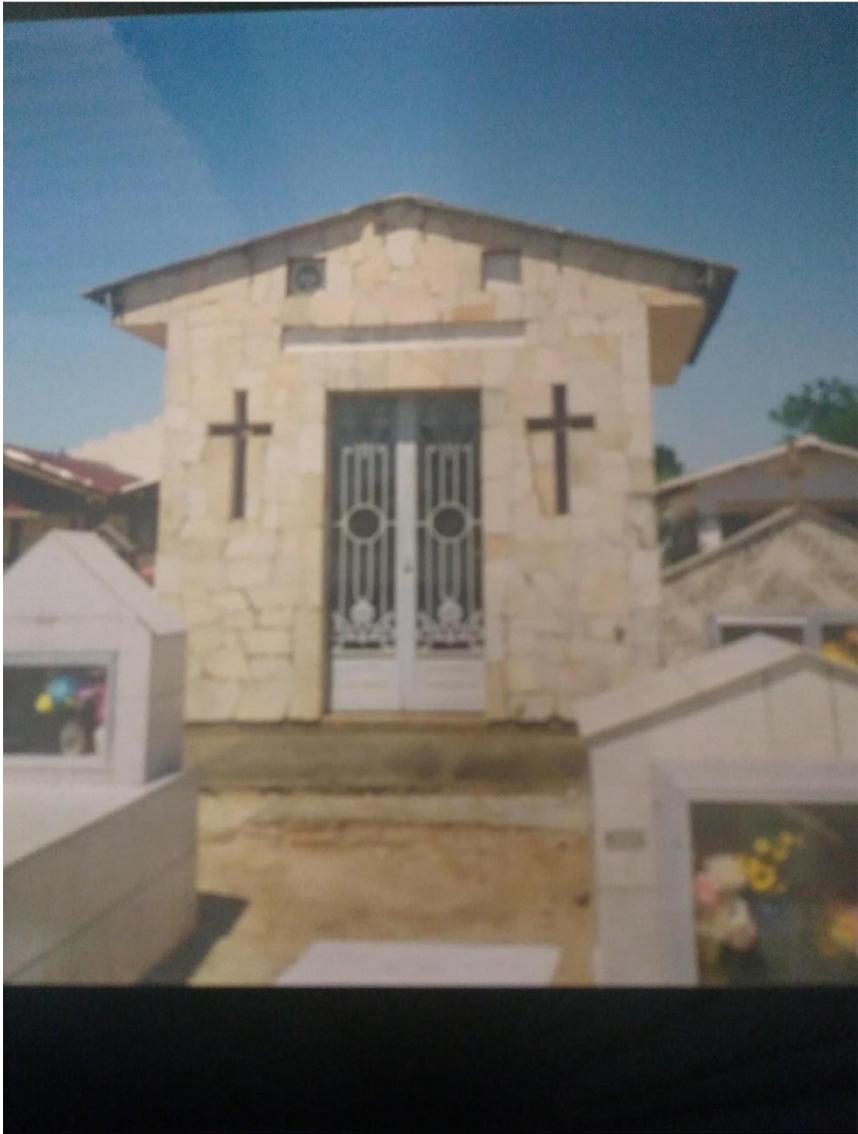
D12



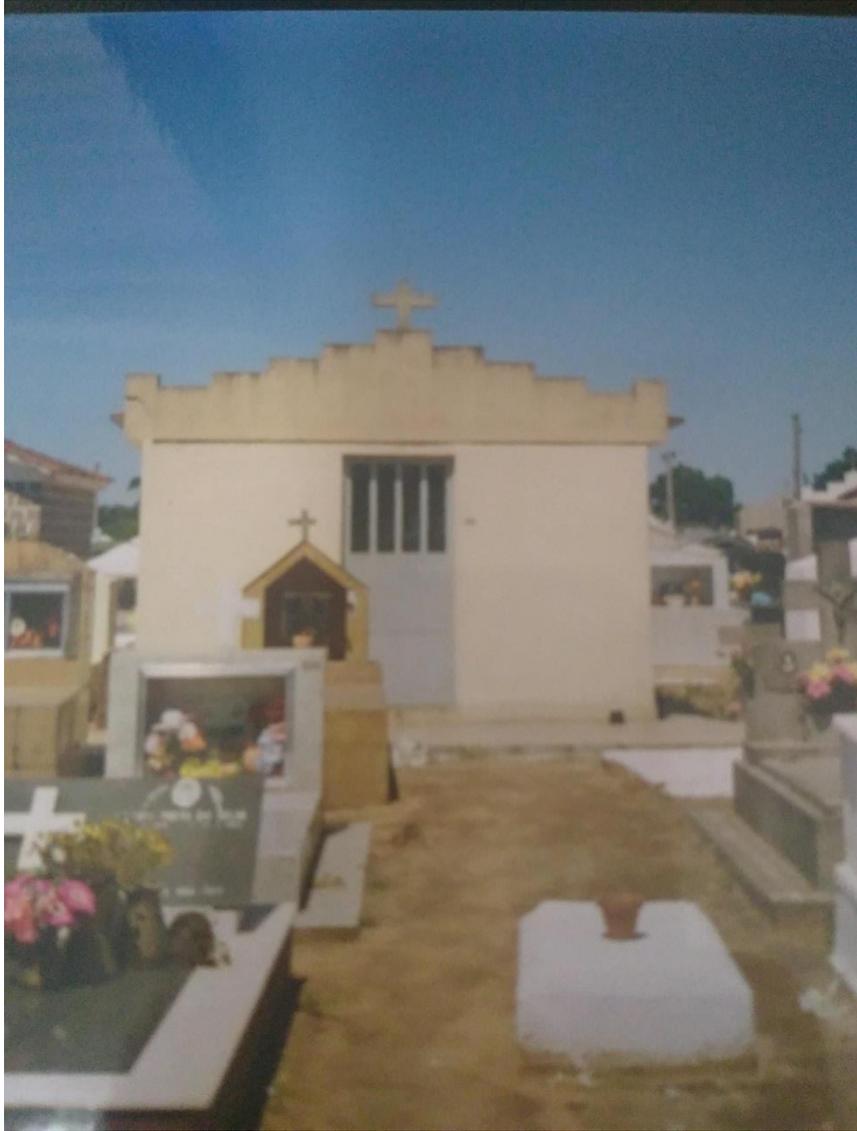
D13



D14



D15



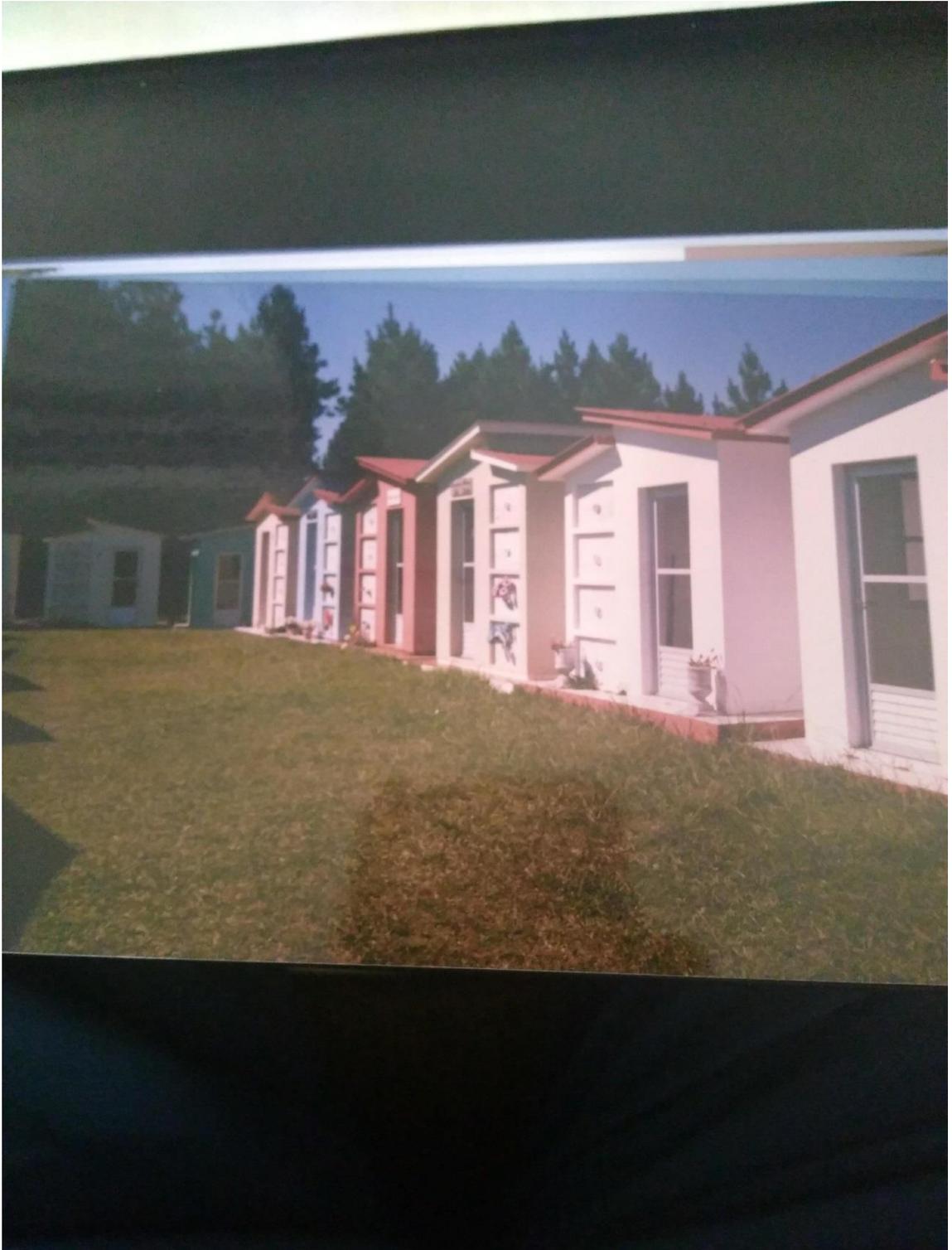
D16



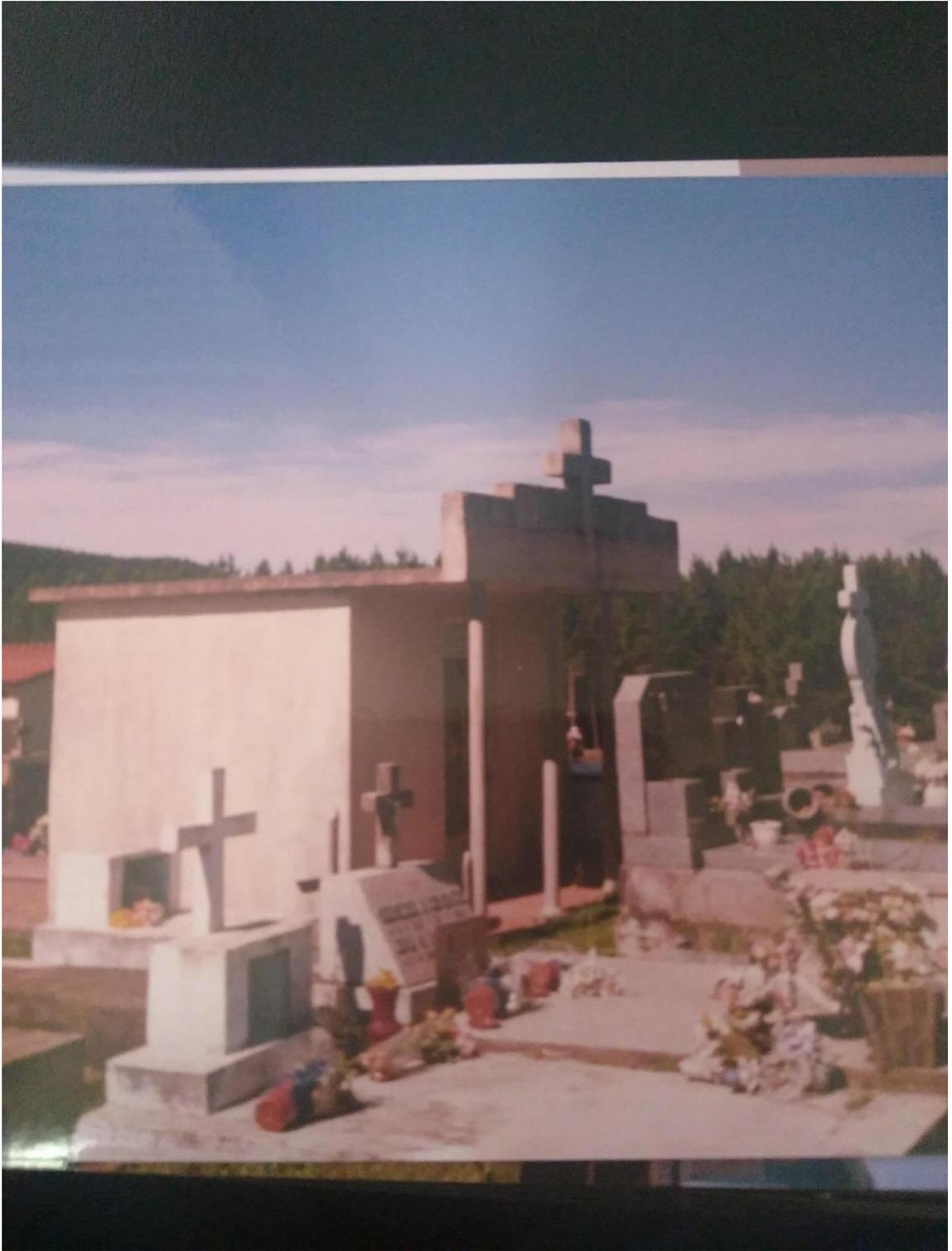
D17



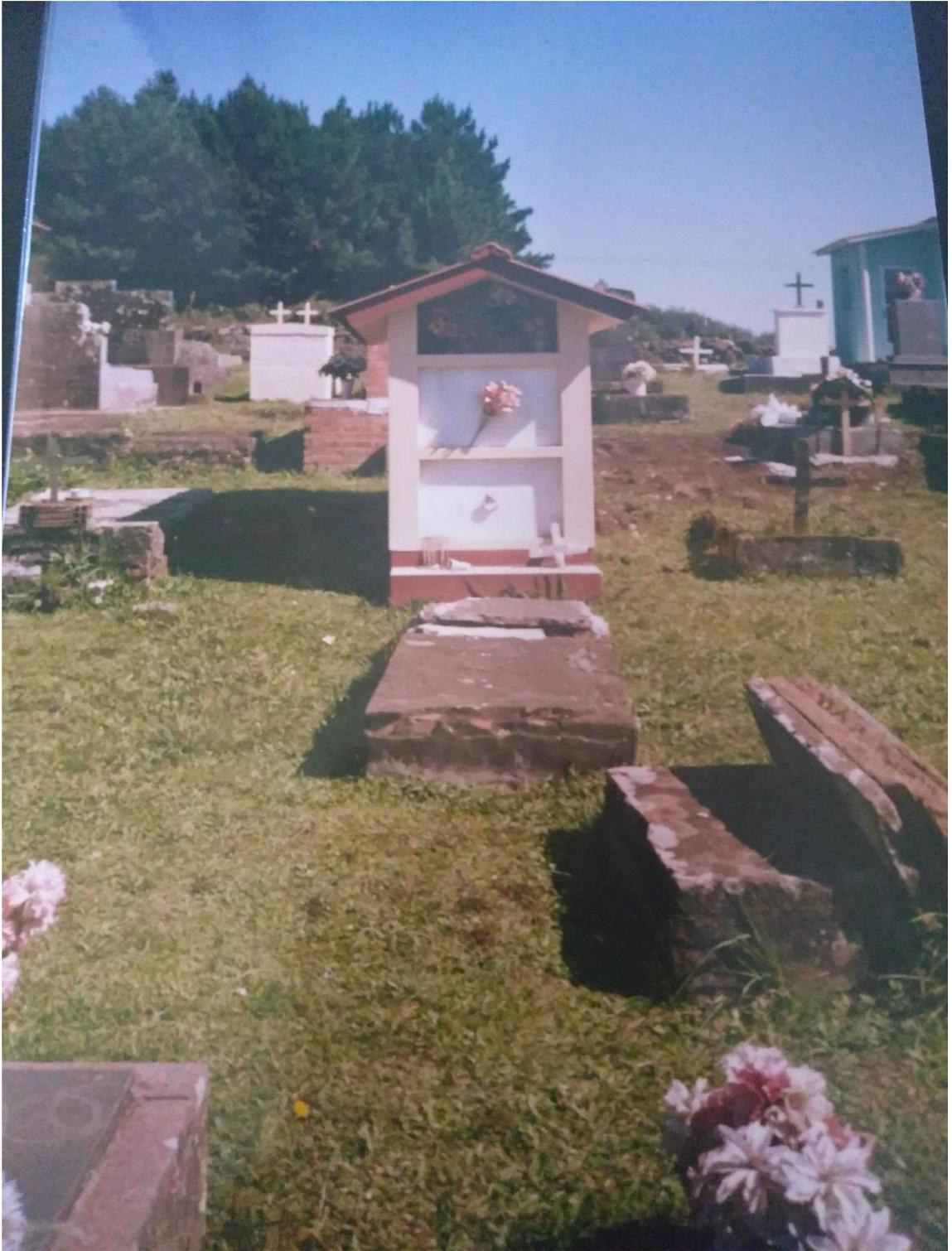
D18



D19



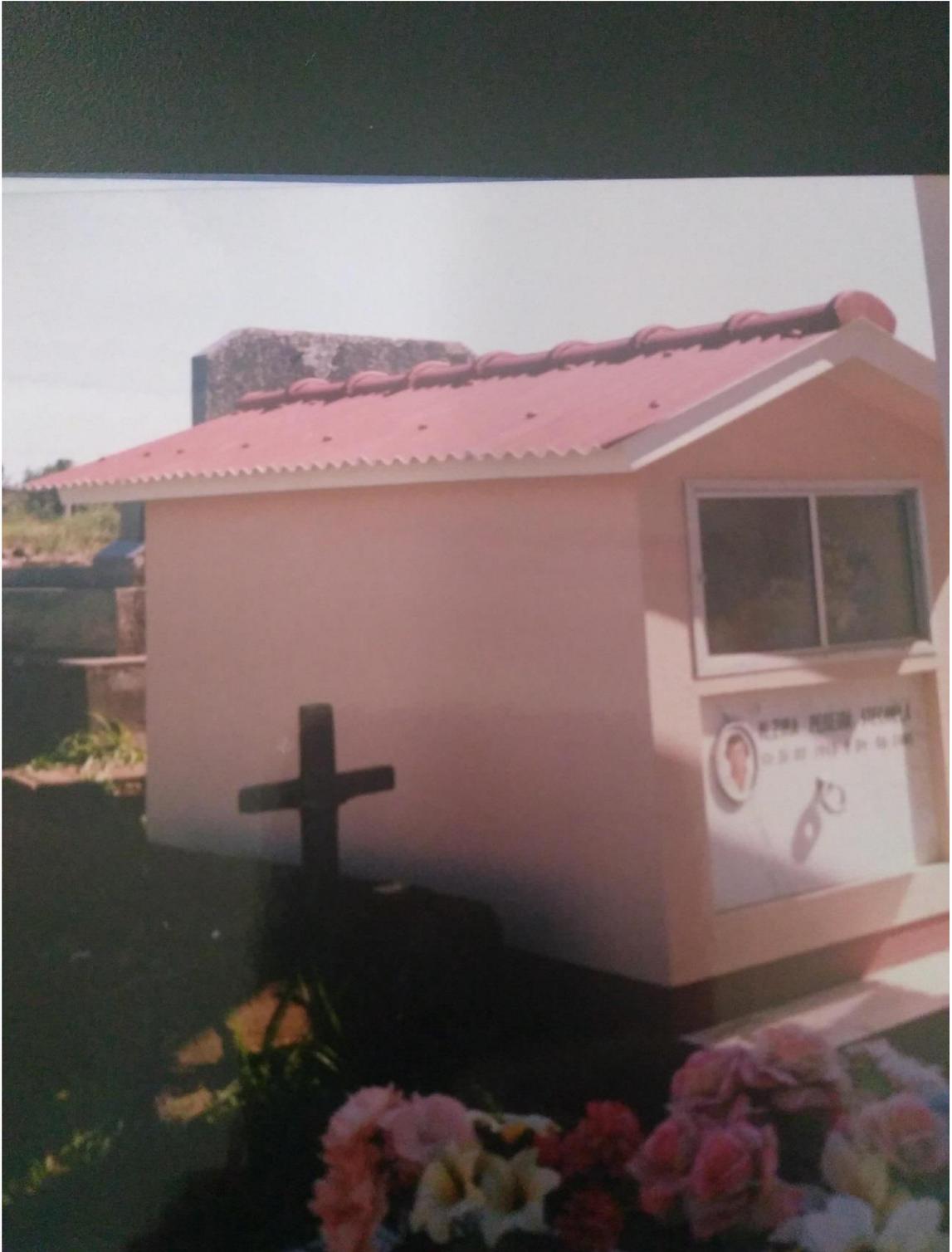
D20



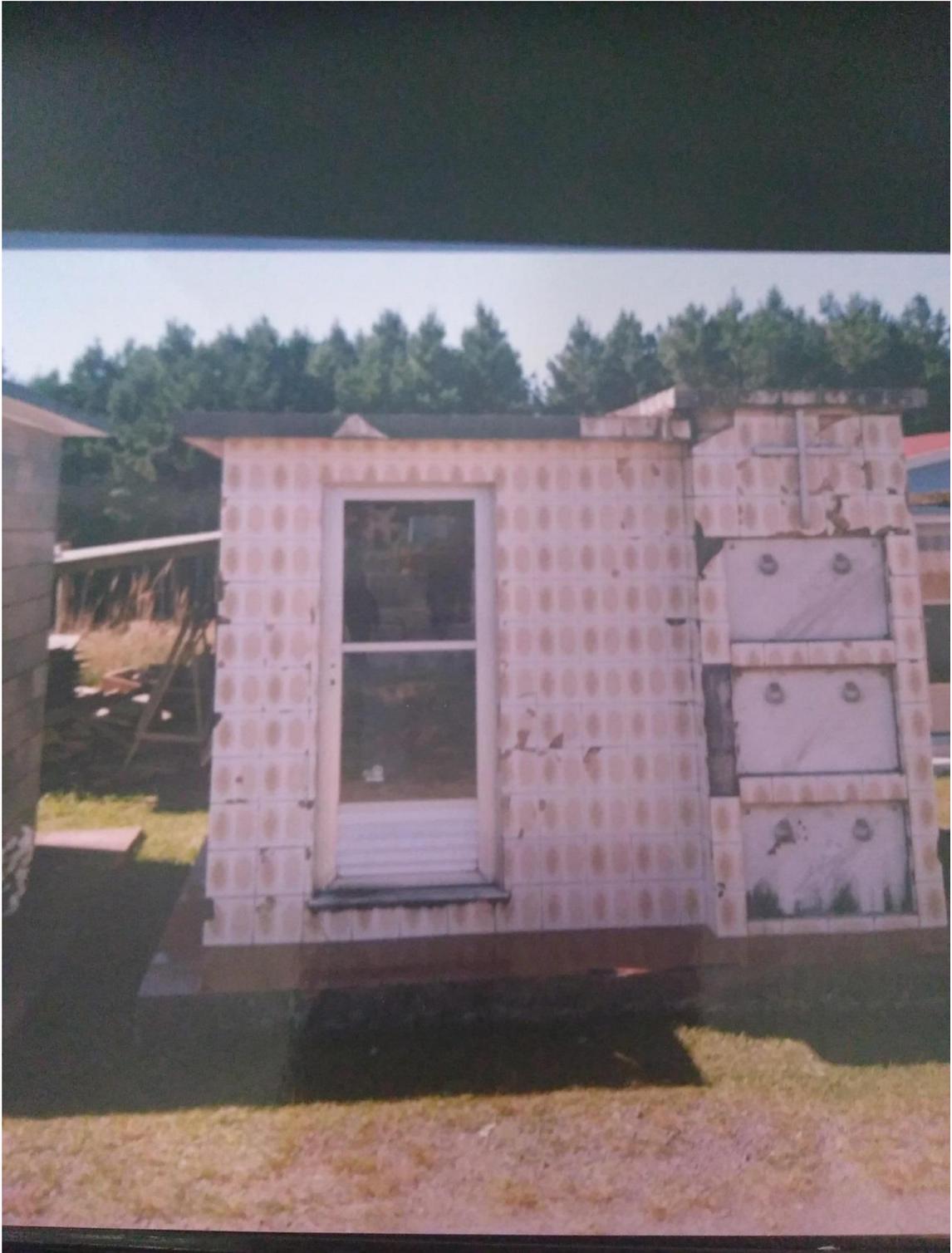
D21



D22



D23



D24



ANEXO E - IMAGEM DE “LA CATRINA”, JOSÉ POSADA

Disponível em: <https://www.colab55.com/blog/la-catrina-vida-e-morte-na-cultura-mexicana/>.
Acesso em: 24 out. 2018.

ANEXO F - CARTA DE SANTIAGO

MESA REDONDA DE SANTIAGO DE CHILE

1972

Resoluciones:

Los cambios sociales, económicos y culturales que se están produciendo en el mundo, y sobre todo, en muchas de las zonas subdesarrolladas, constituyen un reto a la museología. El momento que vive la humanidad es de profunda crisis: La tecnología ha propiciado un gigantesco adelanto de la civilización que no va a la par con el desarrollo de la Cultura. Eso propicia un desequilibrio entre los países que han alcanzado un gran desarrollo material y los otros marginados del desarrollo y aun avasallados a través de su historia. La mayoría de los problemas que evidencia la sociedad contemporánea están enraizados en situaciones de injusticia y las soluciones son inalcanzables mientras éstas no se corrijan. La problemática que plantea el progreso de las sociedades en el mundo contemporáneo requiere una visión integral y un tratamiento integrado de sus múltiples aspectos -la solución de sus problemas no pertenece al dominio de una ciencia o de una disciplina- la decisión sobre las mejores soluciones y su ejecución no corresponden a un grupo de la sociedad sino exigen la participación amplia, consciente y comprometido de todos los sectores de la sociedad. El museo es una institución al servicio de la sociedad, de la cual es parte inalienable y tiene en su esencia misma los elementos que le permiten participar en la formación de la conciencia de las comunidades a las cuales sirven y a través de esta conciencia puede contribuir a llevar a la acción a dichas comunidades, proyectando su actividad en el ámbito histórico que debe rematar en la problemática actual: es decir anudando el pasado con el presente y comprometiéndose con los cambios estructurales imperantes y provocando otros dentro de la realidad Nacional respectiva. Esta perspectiva no niega a los museos actuales, ni implica el abandono del criterio de los museos especializados, pero se considera que ellas constituyen el camino más racional y lógico que conduce al desarrollo y evolución de los museos para su mejor servicio a la sociedad. La transformación propuesta se dará en algunos casos, paulatina o aún experimentalmente; pero en otros casos, podría ser ella la dirección básica. La transformación de las actividades museológicas requiere un cambio paulatino en la mentalidad de los propios conservadores y encargados y en los lineamientos de las estructuras de que dependen. Por otra parte el museo integral requeriría el auxilio, permanente o transitorio, de especialistas de disciplinas diferentes y de especialistas en ciencias sociales. El nuevo tipo de museo, por sus características específicas parecería el más adecuado para actuar a nivel de museos regional o de museo de poblaciones medianas

y pequeñas. En base a las consideraciones anteriormente expuestas y teniendo presente que:

El museo es una "institución al servicio de la sociedad, que adquiere, conserva, comunica, y sobre todo, expone con fines de estudio, de educación y de cultura, testimonios representativos de la evolución de la naturaleza y del hombre". La Mesa Redonda sobre "El desarrollo y el papel de los museos en el mundo contemporáneo",

Resuelve, con carácter general:

1. Que es necesario la apertura del museo hacia las otras ramas que no le son específicas para crear una conciencia del desarrollo antropológico, socioeconómico y tecnológico de las naciones de América Latina, mediante la incorporación de asesores en la orientación general de museos.
2. Que los museos intensifiquen su tarea de recuperación del patrimonio cultural para ponerlo en función social para evitar su dispersión fuera del medio latinoamericano.
3. Que el museo facilite en la mejor forma posible, el acceso a sus materiales y gestione (dentro de sus posibilidades), ante las instituciones públicas, religiosas y privadas, la posibilidad de acceso a sus colecciones.
4. Actualizar los sistemas museográficos tradicionales a fin de mejorar la comunicación entre el objeto y el espectador.

Que el museo debe conservar su carácter que le consagra como institución con espíritu permanente, sin que ello signifique la utilización de técnicas y materiales costosos y sofisticados que pudieran incorporar al museo dentro de una tendencia de despilfarro ajena a nuestra realidad latinoamericana.

5. Que los museos establezcan sistemas de evaluación para comprobar su eficiencia en relación con la comunidad.
6. Teniendo en cuenta el resultado del estudio sobre necesidades actuales y falta de personal de museos, que debe ser llevado a cabo bajo los auspicios de la UNESCO, los centros de formación de personal de museos que existen ya em América Latina deben ser reforzados y desarrollados por los mismo países. Esa red debe ser completada y su proyección debe ser regional. El reciclaje de personal existente deberá ser asegurado a nivel nacional y regional y debiera ser provistas las facilidades necesarias para el perfeccionamiento en el extranjero.

En relación con el medio rural se recomienda que a través de los museos se cree mayor conciencia de los problemas del medio rural y se sugieran soluciones mediante:

1. La exposición de la tecnología aplicable al mejoramiento de la comunidad.

2. La concientización del público, de manera de propiciar su vinculación a la nación, al exponer elementos del patrimonio cultural y el planteamiento de alternativas ante problemas del medio en su contexto social y ecológico.

Se sugieren los siguientes métodos:

Exhibiciones referentes al medio rural en los museos urbanos

Realización de exposiciones ambulantes

Creación de museos de sitio.

En relación con el medio urbano

Se recomienda que a través de los museos se cree mayor conciencia de los problemas del medio urbano y se sugiere:

Que en los museos de la ciudad se enfatice de manera especial, el desarrollo urbano y sus problemas, tanto a nivel de exposición como a nivel de investigación.

La creación en los museos de exposiciones especiales que demuestren la problemática del desarrollo urbano contemporáneo.

La instalación de museos o exposiciones en los barrios de las ciudades y en las zonas rurales haciendo uso de los grandes museos en el sentido de informar a los pobladores sobre las posibilidades e inconvenientes que ofrecen las grandes urbes.

Aceptar el ofrecimiento del Museo Nacional de Antropología de México, para experimentar la mecánica museológica del Museo Integrado, a través de una exposición temporal de interés para América Latina

En relación con el desarrollo científico y tecnológico

Se recomienda que a través de los museos se cree la conciencia de la necesidad de un mayor desarrollo científico y tecnológico y se sugiere:

Que los museos estimulen el desarrollo tecnológico en base a la realidad existente en la comunidad.

Que en las agendas de reuniones de ministros de Educación y/u organismos específicamente encargados del desarrollo científico y tecnológicos se incluyan a los museos como medios de difusión de los avances producidos en estos campos.

Que los museos propicien una difusión de los aspectos científicos y tecnológicos mediante exposiciones ambulantes que los descentralicen.

En relación con la educación permanente

Se recomienda que el museo intensifique el papel que le corresponde como inmejorable factor para la educación permanente de la comunidad en general usando de todos los medios de comunicación mediante:

1. La incorporación, en los museos que no lo poseyeran, de un servicio educativo, para cumplir su función didáctica, proveyéndole instalaciones adecuadas

y recursos para su acción dentro afuera del museo.

2. La inclusión dentro de la política educativa Nacional de los servicios que deban ser regularmente ofrecidos por los museos.
3. La difusión de medios audiovisuales de los diferentes temas de importancia para uso de las escuelas y llevados al medio rural.
4. El uso de materiales duplicados aprovechados en beneficio de la educación, mediante un sistema de descentralización
5. Estimular a las escuelas para que elaboren colecciones y exhibiciones con elementos de sus patrimonios culturales.
6. Que se establezcan programas de entretenimiento para maestros en los diversos niveles de educación (primaria, secundaria y universitaria)

Las presentes recomendaciones reafirman las que fueron formuladas en distintos seminarios y mesas redondas sobre museos organizados por Unesco.

Recomendaciones a la UNESCO

La Mesa Redonda considera que uno de sus logros más importantes ha sido definir e iniciar un nuevo enfoque en la acción de los museos: el museo integral, destinado a dar a la comunidad una visión integral de su medio ambiente natural y cultural y solicita a la Unesco que emplee los medios de divulgación a su alcance para estimular esta nueva tendencia.

Que la Unesco continúe y amplíe su ayuda para la formación de técnicos de museo – tanto a nivel de educación media como universitaria – como lo hace en el centro regional Paul Coremans.

Que fomente la creación de un centro regional para la preparación y conservación de especímenes naturales para el cual existente centro regional de museología de Santiago, podría constituir el núcleo. Ese centro regional aparte de su función docente - formación de técnicos – su función profesional museográfica - preparación y conservación de especímenes naturales – y producción de material didáctico tendría una importante función en la protección de los recursos naturales.

Que Unesco otorgue becas de estudio y perfeccionamiento para técnicos de museos de nivel de educación media.

Que Unesco, en las agendas de ministros de educación y cultura y/o organismos específicamente encargados del desarrollo científico y tecnológico y cultural, incluya los museos como medio de difusión de los avances en estos campos.

Que en vista de la magnitud del problema urbanístico en la región y de la necesidad que hay de ilustrar a la sociedad sobre él, a diversos niveles, se recomienda a la Unesco propiciar la redacción de una obra sobre la historia desarrollo y problemática de las ciudades en América Latina.

Esta obra se publicaría a dos niveles: uno científico y otro de divulgación popular, Asimismo, y para mayor alcance de lo anterior, se recomienda a la Unesco la producción de una película sobre este tema, concebida para toda clase de público.

Asociación Latinoamericana De Museología - ALAM

Considerando:

Que los museos son instituciones permanentes al servicio de la sociedad que adquieren, comunican y, sobre todo, exponen, para fines de estudio, de educación, de delectación y de cultura, testimonios representativos de la evolución de la naturaleza y del hombre.

Que en especial en la región latinoamericana ellos deben satisfacer las demandas de grandes masas de población ansiosa de llegar, a través del conocimiento de su patrimonio natural y cultural pasado y presente, a una vida más prospera y feliz, lo que obliga a los museos muchas veces a asumir funciones que en países de desarrollo superior están a cargo de otros organismos;

Que los museos y los museólogos latinoamericanos salvo pocas excepciones, se encuentran con dificultades de comunicación debido a las grandes distancias geográficas que los aíslan entre sí y el resto del mundo;

Que la importancia y la potencialidad de los museos para la comunidad no están todavía plenamente reconocidas por todas las autoridades ni por todos los sectores del público.

Que en la octava Conferencia General del ICOM en Múnich y en la novena em Grenoble en 1968 y 1971, respectivamente, los museólogos latino-americanos presentes en ella, manifestaron la necesidad de crear un organismo regional.

La Mesa Redonda sobre “La importancia y el desarrollo de los museos en el mundo contemporáneo”

Resuelve:

Se crea la Asociación Latinoamericana de Museología “ALAM”, abierta a todos los museos, museólogos, museógrafos, investigadores y educadores de museos con el fin de : Dar a la comunidad de la región mejores museos, basados en la suma de experiencias de los países latinoamericanos;

Constituir un instrumento de comunicación entre los museos y los museólogos latinoamericanos;

Fomentar la cooperación entre los museos de la región mediante el intercambio y préstamo de colecciones, información y de personal especializado;

Crear un órgano oficial que exprese los anhelos y experiencias de los museos y de la profesión en relación a sus miembros, a su comunidad, a las autoridades y a otras entidades afines.

Par lograr sus propósitos en la mejor forma posible, la Asociación Latinoamericana de Museología podrá afiliarse al Consejo Internacional de Museos, dándose una organización paralela y siendo sus miembros, al mismo tiempo, del ICOM.

La ALAM llevará a cabo sus actividades constituyéndose en 4 cabeceras correspondientes a las áreas provisorias siguientes:

1. Centro América, Panamá, México, Cuba, Santo Domingo, Puerto Rico, Haití y las Antillas Francesas;
2. Colombia, Venezuela, Perú, Ecuador y Bolivia;
3. Brasil y
4. Chile, Argentina, Uruguay y Paraguay.

Los suscritos, participantes de la Mesa Redonda sobre “La importancia y el desarrollo de los museos en el mundo contemporáneo”, convocada por Unesco, se constituyen en comisión organizadora de la Asociación Latinoamericana de Museología y nombra un grupo de trabajo compuesto de cinco personas; cuatro de ellas representantes de cada una de las áreas antes mencionadas y una que fungirá como coordinador general, este grupo estará encargado – en un plazo no mayor de 6 meses - de:

Elaborar los estatutos y reglamentos que la regirán;

Acordar con el ICOM las formas de acción conjunta;

Dar amplia publicidad a la nueva organización;

Convocar a elecciones para constituir los diferentes Órganos del ALAM.

La sede provisoria de ALAM se ubicará en el Museo Nacional de Antropología de la ciudad de México.

El grupo de trabajo antes mencionado quedará constituido por las siguientes personas, representantes de las respectivas zonas:

Zona 1: Luis Diego Gomes

(Costa Rica), Alicia Duran de Reichel (Colombia),

Zona 3: Lygia Martins Costa (Brasil),

Zona 4: Grete Mostny Glaser (Chile); coordinador: Mario Vazquez (México)

Santiago, 31 de mayo de 1972

Fonte: ARAÚJO, Marcelo Mattos, BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Org.). **A Memória do Pensamento Museológico Contemporâneo**: documentos e depoimentos. São Paulo: Comitê Brasileiro do ICOM, 1995.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DE PESQUISA

COORDENAÇÃO:

1. NATUREZA DA PESQUISA: Esta é uma pesquisa que tem como finalidade investigar ... Este projeto foi aprovado pela Comissão de Pesquisa da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

2. PARTICIPANTES DA PESQUISA: Participarão desta pesquisa em torno de 120 ALUNOS.

3. RISCOS E DESCONFORTO: a participação nesta pesquisa não traz complicações legais de nenhuma ordem e os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de saúde. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua dignidade.

4. CONFIDENCIALIDADE: Todas as informações coletadas nesta investigação são estritamente confidenciais. Acima de tudo interessam os dados coletivos e não aspectos particulares de cada entrevistado.

5. BENEFÍCIOS: Ao participar desta pesquisa, você não terá nenhum benefício direto. Além do conhecimento adquirido. Entretanto, esperamos que futuramente os resultados deste estudo sejam usados em benefício de outros alunos e professores.

6. PAGAMENTO: Você não terá nenhum tipo de despesa por participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para que participe desta pesquisa. Para tanto, preencha os itens que se seguem:

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO: Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, aceito participar desta pesquisa.

Nome

Coordenador da pesquisa

Assinatura

Local e data

Agradecemos a sua autorização e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. O responsável por esta pesquisa é a professor João Mauricio Prietsch, mestrando da Faculdade de História da UFRGS. Caso queiram contatar, isso poderá ser feito pelo e-mail: jm_mphistoria@hotmail.com. Maiores informações Comitê de Ética em Pesquisa UFRGS (51) 3308.3629.

APÊNDICE B - ENQUETE DE PESQUISA

- 1) Caso um ente querido da sua família viesse a falecer, como você explicaria a morte no intuito de confortar os demais membros familiares?
- 2) Como é a visão pessoal de morte?
- 3) Como você acha que é vida ou não vida após a morte?
- 4) Você se considera de qual identidade de gênero?
- 5) Sua Idade?
- 6) O que levou você a vir ao cemitério? Foi mais por obrigação do trabalho escolar ou houve uma relação de curiosidade?
- 7) Num primeiro momento, o que o cemitério te passa?
- 8) Após a visita, qual a impressão você teve? Mudou em relação aquilo que você pensava? Em Caso de afirmativo, por quê?
- 9) Com que frequência você visita o cemitério?
- 10) O dia que você vier a falecer, como você imagina seu velório?

APÊNDICE C - POWER POINT (AULA 1)

Patrimônio Histórico e Museu

O que você entende que são?
E o que são?

Patrimônio Histórico

- ▶ Lei n.º 25 de 1937:
- ▶ *“Art. 1.º – Constitui o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.”*

Patrimônio Histórico

- ▶ Casas
- ▶ Museus e seus conteúdos
- ▶ Cemitérios
- ▶ Igrejas
- ▶ Música
- ▶ Dança
- ▶ Poesia
- ▶ Culinária

Material

Imaterial



Casas em Estilo Channell, Antônio Prado - RS



Museu Imperial - RJ (Antes do Incêndio)





Museu Oceanográfico de Rio Grande (exemplo de museu não histórico)



Museu de Porto Alegre - RS



Igreja Nossa Senhora Das Dores – Porto Alegre/RS (Patrimônio Histórico do RS)



Museu da Maré - RJ (Exemplo de Museu Integrado)



Entrada do Cemitério da Consolação (SP) (Exemplo de “Museu a céu aberto”)



Visita Guiada Noturna (Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre)

Educação Patrimonial

- ▶ [...] A Educação Patrimonial é um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da autoestima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural.[...]. (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 5).



O Que é o IPHAN ?

- ▶ O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) é uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Cultura que responde pela preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro. Cabe ao Iphan proteger e promover os bens culturais do País, assegurando sua permanência e usufruto para as gerações presentes e futuras.

*retirado do site do IPHAN
<http://portal.iphan.gov.br>



O papel do IPHAN

- Desde a criação do Instituto, em 13 de janeiro de 1937, por meio da [Lei nº 378](#), assinada pelo então presidente Getúlio Vargas, os conceitos que orientam a atuação do Instituto têm evoluído, mantendo sempre relação com os marcos legais. A Constituição Brasileira de 1988, em seu [artigo 216](#), define o patrimônio cultural como formas de expressão, modos de criar, fazer e viver. Também são assim reconhecidas as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; e, ainda, os [conjuntos urbanos](#) e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.



APÊNDICE D - POWER POINT (AULA 2)

Primeira República

1889-1930



Primeiros momentos

- ▶ Os representantes políticos da classe dominante, defendia a ideia de República Federativa, dando uma certa autonomia para as províncias
- ▶ Os mineiros defendiam o modelo liberal



Primeira Constituição (1891)

- › Separação do Estado e Igreja
- › Direito a segurança
- › Propriedade
- › Homens maiores de 21 anos votavam
- › Previa o sistema presidencialista



O Positivismo

- › Criado Pelo Filósofo Augusto Comte
- › Amor, Ordem e Progresso
- › A Humanidade é a religião
- › “viver as Claras”



Prática Econômica

- ▶ O Encilhamento, criado por Rui Barbosa, dava a alguns bancos o poder de emitir papel moeda (Dinheiro). Com isso muitas empresas puderam ser formadas, de forma real e outras fantasiosas. Com a especulação no mercado que isso gerou, veio a inflação e o desemprego. Muitos ficaram devendo para o governo, sem ter com pagar os empréstimos. (FAUSTO,2010)



As Oligarquias

- ▶ O Termo em si, quer dizer: Domínio de poucos.
- ▶ No caso do Brasil estes poucos estavam ligados À SP, RS e MG.



As Oligarquias

- ▶ SP: A elite estava ligada a economia cafeeira, que tinha ajudado a derrubada de D. Pedro II.
- ▶ RS: Impôs a versão mais autoritária do Positivismo, arbitrando os interesses dos ricos estancieiros da região.
- ▶ MG: Construiu uma “maquina de políticos profissionais” o que afastou do centro ligado a São Paulo.



Os Coronéis

- ▶ Eram os membros da antiga guarda Nacional, criada por D. Pedro II, que eram grande proprietários de terras. Controlavam a política local.
Deu-se continuidade ao Clientelismo existente, devido a ausência do Estado, os coronéis prestavam assistência aos mais pobres, desde que estes, votassem nos coronéis para os cargos eletivos da região, no caso o Prefeito.(FAUSTO,2010)



O RS neste período

- ▶ Desde o tempo do Império o RS concentrava os maiores efetivos do Exército. A importância deste setor, fez com que vários membros das elites sulinas enveredassem para as forças armadas da época.
- ▶ O RS, teve então a sua importância relegado a guarnição das fronteiras, sobretudo com os Argentinos, segunda força da América Latina.



FEDERALISTA 1893–1895

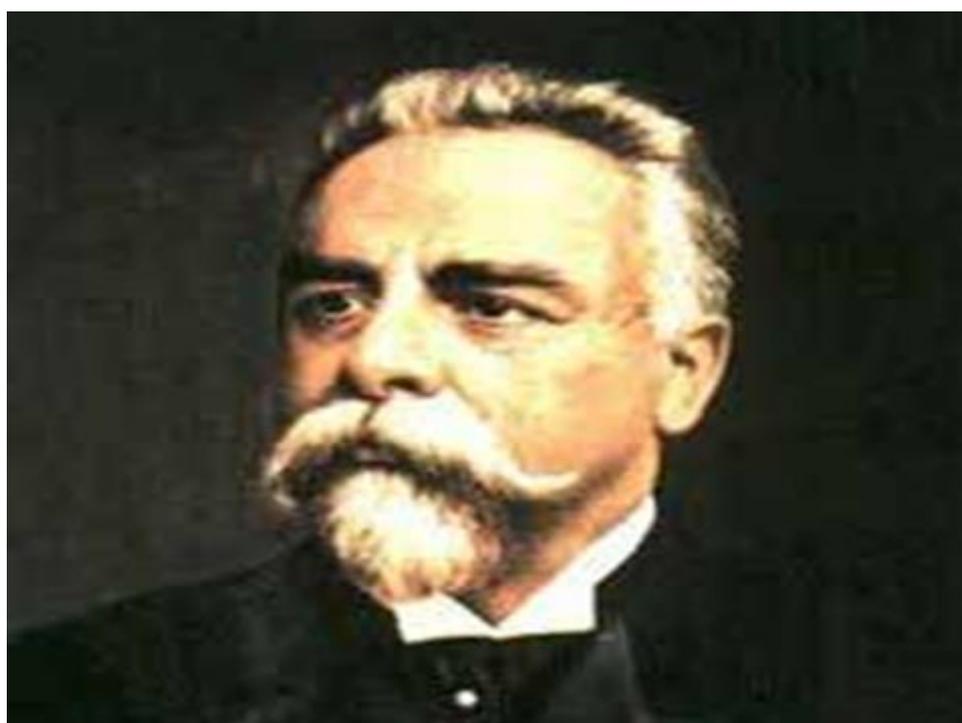
- ▶ Júlio de Castilhos
- ▶ Republicanos
- ▶ Chimangos
- ▶ Pica-paus
- ▶ Lenço Branco
- ▶ Presidencialistas
- ▶ Partido Republicano Rio-grandense
- ▶ Gaspar Martins
- ▶ Federalistas
- ▶ Maragatos
- ▶ Monarquistas
- ▶ Parlamentaristas

situação

oposição

Gov. Campos Sales 1898–1902

- ▶ Início do café-com -leite
- ▶ Funding Loan
- ▶ Política dos Governadores



Revolução de 1923

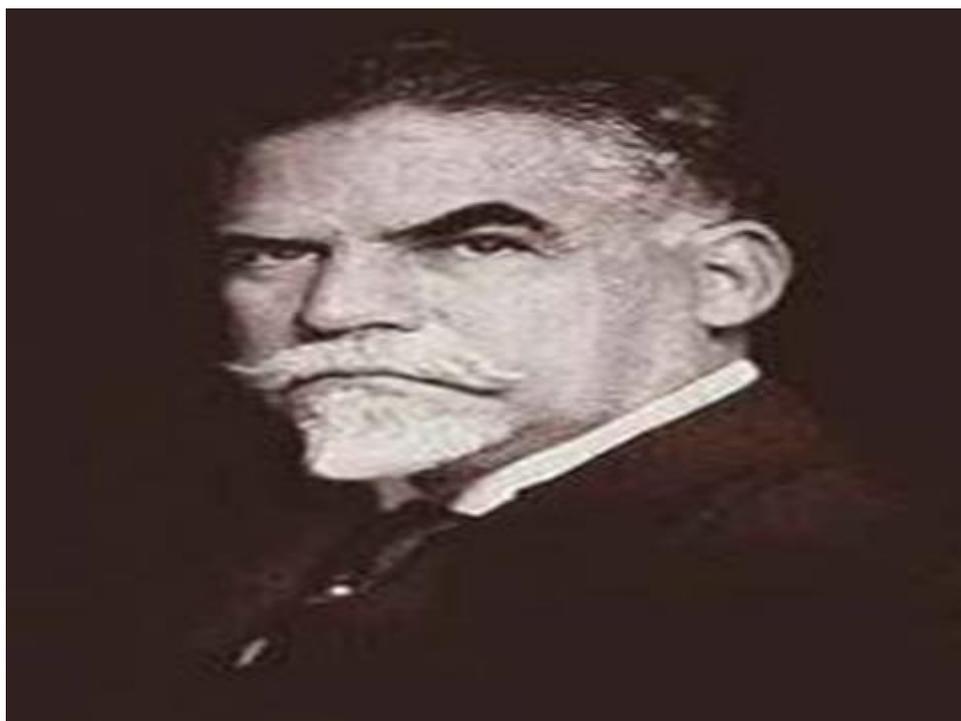
- ▶ Borges de Medeiros
- ▶ Chimango
- ▶ 5 eleições seguidas
- ▶ Assis Brasil
- ▶ Maragato
- ▶ Opositor
- ▶ Pacto de Pedra Altas



Gov. Washington Luís 1926–1930

- ▶ Político da Frases
- ▶ “Governar é abrir estradas”
- ▶ “Não prender sem motivo, não prender sem processar”
- ▶ “Questão social é questão de polícia”



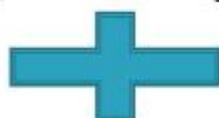


OPOSIÇÕES

▸ Júlio Prestes



▸ Antônio Carlos, Getúlio Vargas e João Pessoa



▸ Tenentes e comunistas (exceto Luis C. Prestes)



Golpe de 1930

- ▶ Morte de João Pessoa
- ▶ Cavalos no Obelisco
- ▶ Golpe em Washington Luis

